

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA

Trepanações:

Do Manifesto à Práxis (de uma Investigação Poética e Política
sobre Transtorno Mental na Universidade Brasileira)

Yan Nery Vieira

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
programa de Pós-graduação em Artes da
Cena, PPGAC, da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção de título
de Mestre em Artes da Cena.**

Orientador: Fernando Souza Gerheim

Rio de Janeiro

2024

Trepanações:
Do Manifesto à Práxis (de uma Investigação Poética e Política
sobre Transtorno Mental na Universidade Brasileira)

Yan Nery Vieira

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Artes da Cena, PPGAC, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de Mestre em Artes da Cena.

Orientador: Fernando Souza Gerheim

Aprovada por: Prof^ª. Elizabeth Motta Jacob

Prof. Messias Tadeu Capistrano dos Santos

Rio de Janeiro

2024

Oh, Deus, fazei-nos tornar gratos,
Por esse dom puro e tão alto.
A quem abris Vós mente e afeto,
Esse que os tem em si, completo,
Toda potência aqui se outorga,
Para fazer cumprir tal Obra.

(Spiegel der Kunst und Natur, Michelspacher S. & Custos, R., 1616, tradução livre)

Dedico meus agradecimentos

Ao meu cachorro Príncipe Rupert da Baviera e sua irmã Nina.

À minha mãe, Darlene Nery, meu pai, Fabian Kawashima, e minha avó, Rosa Perez: minha santíssima trindade.

A todos os mortos que me enfeitam o coração: esperem por mim (de preferência deitados).

Ao prof. Fernando Gerheim, e sua orientação paciente e compreensiva, à prof^a. Elizabeth Jacob pelo apoio amigo desde minha graduação, ao prof. Tadeu Capristrano pelas grandes contribuições teóricas, e ao PPGAC, pela acolhida.

A todos os meus amigos, que graças a deus mais vem do que vão. Citar a todos seria injusto com as árvores, mas os representam, pela contribuição direta, Ivan Barbosa (pelas dicas sobre história colonial e vida acadêmica em geral que ajudaram na escrita), e indireta, Helena Carestiatto (cuja amizade foi o que tornou suportável frequentar a escola de cinema) e Luiza Carvalho (quem me envenenou com os prazeres do teatro).

À UFRJ, meu grande amor – e a todos que conviveram comigo durante suas tragédias.

Aos meus professores dos tempos de Administração e da Escola de Belas Artes, em especial prof. Ventapane e prof. Murad; aos meus ex-terapeutas Cynthia e Jean; aos meus psiquiatras, especialmente os péssimos; e a todos de sonhos abortados, todos os loucos, subversivos, indigentes, suicidas, miseráveis, escravizados e explorados – a todas as almas sem justiça: este trabalho começou com vocês.

Por fim, à CAPES e CNPq pelo apoio financeiro que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa.

Resumo

Este trabalho se propõe a estabelecer relações do sofrimento emocional e do transtorno mental na universidade com o passado colonial e seus desdobramentos no presente neoliberal da sociedade brasileira, por meio de uma metodologia experimental de investigação poético-política batizada de Trepanação. O ato de trepanar, que consiste em perfurar o osso do crânio, é usado como metáfora para, em um primeiro momento, pensar as bases de uma estética desrepressora capaz de atingir com a mesma violência a sensibilidade do público. Num segundo momento, as reflexões sobre as relações entre transtorno mental, colonialidade e capitalismo – baseadas em autores como Antonin Artaud, Franz Fanon e Mark Fisher, entre outros –, vão sendo contaminadas pelos processos experimentais da estética trepanada, até culminarem na ruptura radical de fronteiras e hierarquias entre reflexão teórica e prática artística no capítulo “O incêndio e eu”. A radicalidade desta investigação e seus desdobramentos constroem uma abordagem multidisciplinar e inconformista, cujo resultado não pode ser separado do processo. Envolvido pela realidade concreta e o contexto específico que se propõe a investigar, a pesquisa avança nos limites entre a linguagem distanciada e objetiva e a linguagem poética e subjetiva, num desafio metodológico que, sem renunciar ao rigor, lança mão de fatos e imaginação em busca de uma visão integral que não se pode discernir do aprofundamento do exercício poético.

Palavras-chave: Poética da Trepanação; cena expandida; transtorno mental na universidade brasileira; pós-colonialismo

Abstract

This work investigates the relationships between emotional suffering/mental disorders in Brazilian universities and our society's history (from the colonial past and its implications to the current neoliberalism), using an experimental method of poetic-and-political investigation called Trepanation. The act of trepanning, which consists in drilling a hole into the skull, shapes the metaphor for the development of an anti-repressive aesthetic, capable of striking the audience's sensibilities with equal violence. After that, the analysis of the links between mental disorders, coloniality and capitalism (based on authors like Antonin Artaud, Franz Fanon, Mark Fisher, and so on), influenced by the experimental processes of the method, turn into the chapter "O incêndio e eu", breaking through boundaries and hierarchies that take theorising and artistic practice apart. These radical propositions in this investigation (as well in its by-products) in a multidisciplinary and nonconformist approach, where outcome cannot be separated from process. Engaged on concrete reality, as well on the context intended to be investigated, the research advances on the limits between objective and poetic language into a methodologic challenge: the usage of facts and imagination, without abdicating of academic rigor, to offer an integral vision of the matter that cannot be taken away from this artistic exercise.

Keywords: Trepanation's poetics; expanded field; mental disorder in Brazilian university; postcolonialism

SUMÁRIO

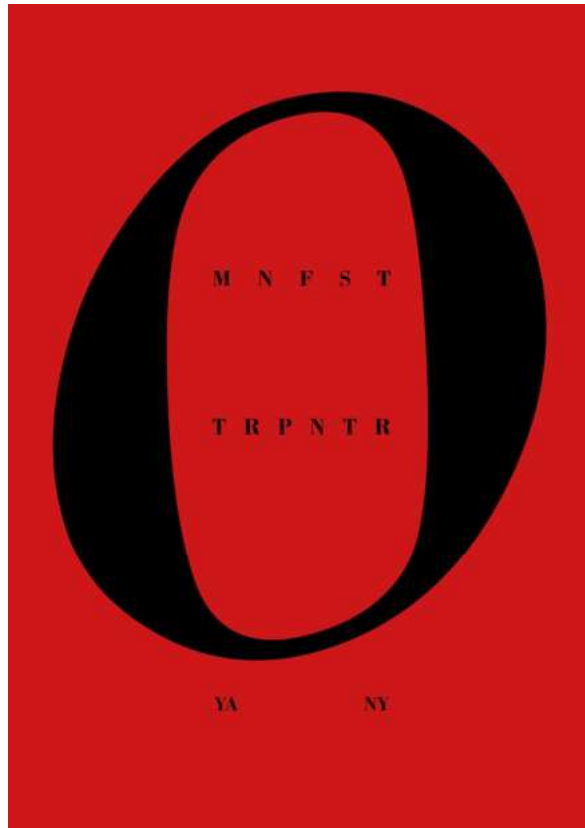
O Manifesto Trepanatório	8
I. Da poética trepanatória	
1.1. Prolegômenos a uma poética trepanatória	12
1.2. Movimento I: <i>Da anamnese</i>	16
1.2.1. A noção dialética de totalidade enquanto ferramenta trepanatória	17
1.3. Movimento II: <i>Como construir para si uma caixa écraniana</i>	21
1.3.1. A montagem trepanatória	22
1.3.2. Teatro Operatório	27
1.4. Movimento III: <i>A sangria</i>	29
1.4.1. O trépano e o sonho	30
II. Jatos de sangue (<i>Experimentos pré-trepanatórios</i>)	
2.1. Práxis Revolucionária Brasileira	35
2.2. Metempsicose	38
2.3. Exercícios de escrita automática	42
I. 27/04/23	43
II. 31/05/23	46
III. O incêndio e eu (<i>Práxis de uma investigação poética e política sobre transtorno mental na universidade brasileira</i>)	
3.1. <i>Introdução</i> : Uma TV ligada, sozinha, na sala	51
3.2. Psicografias de um condenado da terra	55
3.3. Os suicidados da sociedade	68
3.4. O incêncio e eu	82
3.4.1. e eu, O incêndio	116
3.4.2. Ode ao ódio	131
Considerações finais	134
Referências	141

**O MANIFESTO
TREPANATÓRIO**

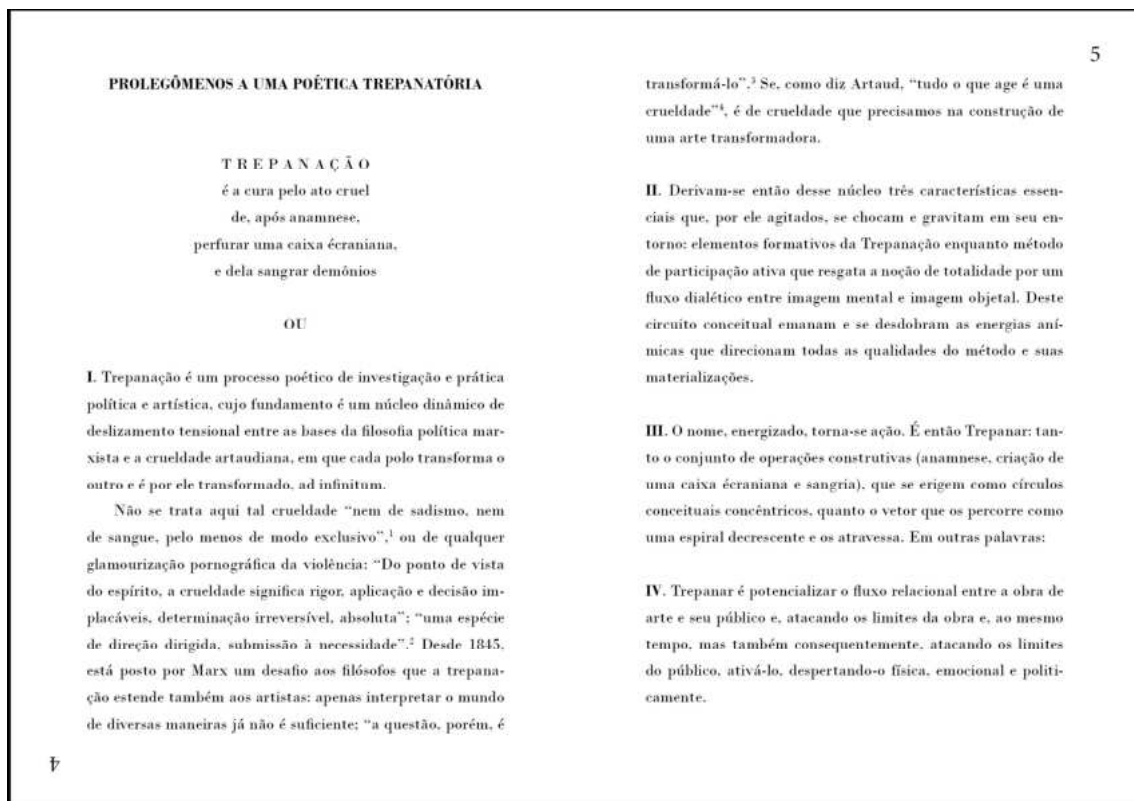
Fora dos círculos que se contentam ainda a prostituir a arte, reflete-se profusamente sobre as diversas possibilidades em que a prática artística encontra a prática política. As armadilhas são muitas, entretanto, na tentativa de administrar os dois polos. Aqueles que se priorizam no exercício formal da arte podem facilmente cair no hermetismo, nos vícios acadêmicos e no embelezamento de superficialidades discursivas. Por outro lado, os mais politicamente engajados frequentemente deixam-se levar a uma escassez de elaboração de pesquisa formal, seja pela displicência ou falta de foco diante da tarefa de sustentar seu conteúdo político, beirando a propostas que se aproximam mais a ações de assistência social ou proselitismo explícito. Dentre todos os pecados, os capitais talvez sejam a escolha por um didatismo que não raro dissimula uma descrença na inteligência do povo, a propagação de posturas mistificadoras, rasas, inócuas, simplistas, no melhor dos casos reformistas, que mesmo por acidente nos afastam das causas estruturais de nossos problemas sociais – quando não propositalmente as escondem –, e a apologia perversa e hipócrita da supressão positiva da angústia, da revolta e do ódio mobilizado: os verdadeiros motores da mudança íntima e social.

A arte, se quiser contribuir para libertar a exploração do humano pelo homem, como toda prática política, não basta ser reformadora, mas propor-se revolucionária, tanto no conteúdo quanto na forma. A arte que compreende a relação indissociável entre o indivíduo, o coletivo, as instituições e todas as outras esferas de sua materialidade histórica – elementos de uma totalidade pulverizada pela ideologia dominante –, essa arte deve propor-se como exercício estético que atinja, rompa e transpasse todas essas camadas, e fazer vazar dela todo material inconsciente socialmente recalcado: libertar uma pulsão poética que ao incendiar o coração e a mente daquele que age, é capaz de abalar tais estruturas.

Mais do que nunca a arte precisa de Crueldade, ainda, e de todas as possíveis novas formas historicamente determinadas de exercê-la, e especialmente das impossíveis. Imagens matam. A arte é o rifle do artista. O machado. A furadeira. O bisturi. Mais do que nunca, a arte deve não apenas violentar os sentidos longamente entorpecidos, mas perfurar a consciência, e cabe a cada artista apresentar sua melhor ferramenta. Eu apresento o trépano.



Capa da brochura (148x105mm).



Exemplo de página dupla.

Capítulo 1
DA POÉTICA TREPANATÓRIA

1.1. PROLEGÔMENOS A UMA POÉTICA TREPANATÓRIA

TRE P A N A Ç Ã O

*é a cura pelo ato cruel
de, após anamnese,
perfurar uma caixa écraniana,
e dela sangrar demônios*

OU

- I. Trepanação é um processo poético de investigação e prática política e artística, cujo fundamento é um núcleo dinâmico de deslizamento tensional entre as bases da filosofia política marxista e a crueldade artaudiana, em que cada polo transforma o outro e é por ele transformado, *ad infinitum*.

Não se trata aqui tal crueldade “nem de sadismo, nem de sangue, pelo menos de modo exclusivo” (Artaud, 2006, p. 117), ou de qualquer glamourização pornográfica da violência: “Do ponto de vista do espírito, a crueldade significa rigor, aplicação e decisão implacáveis, determinação irreversível, absoluta”; “uma espécie de direção dirigida, submissão à necessidade” (p. 118). Desde 1845, está posto por Marx um desafio aos filósofos que a trepanação estende também aos artistas: apenas interpretar o mundo de diversas maneiras já não é suficiente; “a questão, porém, é transformá-lo” (Marx, 1982, p. 3). Se, como diz Artaud, “tudo o que age é uma crueldade” (Artaud, 2006, p. 96), é de crueldade que precisamos na construção de uma arte transformadora.

- II. Derivam-se então desse núcleo três características essenciais que, por ele agitados, se chocam e gravitam em seu entorno: elementos formativos da Trepanação enquanto *método de participação ativa que resgata a noção de totalidade por um fluxo dialético entre imagem mental e imagem objetal*. Deste circuito conceitual emanam e se desdobram as energias anímicas que direcionam *todas* as qualidades do método e suas materializações.

- III. O nome, energizado, torna-se ação. É então Trepanar: tanto o conjunto de operações construtivas (*anamnese, criação de uma caixa écraniana e sangria*), que se erigem como círculos conceituais concêntricos, quanto o vetor que os percorre como uma espiral decrescente e os atravessa. Em outras palavras:
- IV. Trepanar é potencializar o fluxo relacional entre a obra de arte e seu público e, atacando os limites da obra e, ao mesmo tempo, mas também conseqüentemente, atacando os limites do público, ativá-lo, despertando-o física, emocional e politicamente.
- V. Trepanação não é um modelo estanque, mas um experimento que se experimenta. É o pensar de uma politização da estética diante da estetização da política operada pelo fascismo, cuja autoalienação dos indivíduos possibilita que vivencemos nossa aniquilação “como um deleite estético”, contra o qual “o comunismo responde com a politização da arte” (Benjamin, 2014, p. 70).
- É a invenção de uma arte pensante, cuja tarefa maior não é “agradar ou desagradar à vista”, mas dar a pensar e a sentir de modo diferente; e que só podendo ser entendida “num ato do pensamento”, do contato, não se restringe a atingir o olhar: leva o público “a pensar de corpo inteiro” – acionando-o como um todo (Nascimento, 2003, p. 46 – 50). Uma arte que fala, respira e pensa, solicitando ao espectador “que também fale, respire, pense, convertendo-se, pois, em participante” (p. 50), mobilizando-o então a um “estado de invenção” para além da “tentativa de buscar significados e de vivenciar estruturas significantes” (Oiticica *apud* Nascimento, 2013, p. 50 – 51) – processo chamado na trepanação de “participação ativa”.
- VI. A constatação artaudiana de 1933, de que o “longo hábito dos espetáculos de distração nos fez esquecer a ideia de um teatro grave” que, “abalando todas as nossas representações, ...acabe por agir sobre nós a exemplo de uma terapia da alma” (Artaud, 2006, p. 96), tornou-se prenúncio do presente momento de “economificação” e “comodificação da cultura”, no qual “as esferas da arte e do consumo se misturam” (Han, 2021, p. 14). Na contemporânea “sociedade paliativa” – em que a dor é “sinal de fraqueza” a ser ocultado ou eliminado por não ser “compatível com o desempenho” laboral –, a arte, como a própria vida,

deve ser “livre de ângulos e cantos, de conflitos e contradições que poderiam provocar dor” (p. 12). “Tudo é alisado até que provoque bem-estar”, e ao esquecer-se que “a dor purifica”, falta à cultura “a possibilidade de catarse” (*Ibid.*).

Diante disso, é a trepanação, acima de tudo, a escolha contínua e consciente por estranhamento e desconforto – um pensamento artístico contemporâneo, pois ao invés de aderir por completo a nosso tempo, propõe um constante distanciamento crítico do mesmo, colocando-o em relação com outros tempos para estar à altura de transformá-lo (Agamben, 2009, p. 59 e 72). E, por consequência, fundamentalmente anticapitalista na proposta, constituição e prática, estruturando-se como um ataque contra a atomização dos saberes, das relações humanas e do psiquismo, e o apassivamento e a desmobilização do público, anestesiado pelas mais diversas expressões da comodificação da cultura, como a indústria do entretenimento.

- VII. Por fim, o procedimento ancestral que lhe dá nome consiste em nada mais que abrir um buraco em alguém – mais especificamente, no crânio. Talvez a primeira cirurgia feita com frequência (junto de amputação de membros e circuncisão), o ato de trepanar acompanha a humanidade desde 7,000 a 10,000 anos atrás. Com registros bem documentados na América do Sul, América Central, África, Ásia e Europa (André, 2017, p. 307), permaneceu como prática recorrente na medicina ocidental (cujo uso tem raízes na prática egípcia e grega enquanto tratamento para lesões traumáticas cerebrais) até a primeira metade do séc. XIX, ganhando, entretanto, um particular interesse, a partir dos anos 60 e 70, entre indivíduos que buscam por sua suposta capacidade de ampliar faculdades mentais – crenças disseminadas já na antiguidade (p. 307 – 308).

A trepanação, aqui fundada como método artístico, é apropriação e subversão poética do procedimento original e de suas diversas aplicações – medicinais, ritualistas, místico-transcendentais e, em especial, tratamento da *loucura* e o exorcismo de demônios –, dando-lhe sentido inédito nesta manifestação de sua essência dentro do campo da arte.



Crânios incas trepanados entre 400 AC e 200 DC (*in* Chapman, 2018).



Hugo Huges, autotrepanado com furadeira em 1965 (*in* André, 2017, p. 308).

1.2. Movimento I: *Da anamnese*

Todo o processo se inicia pelo defrontar-se com um objeto de pesquisa, aqui chamado *problema-sintoma*. Para atender a proposta, é necessário que este preencha três requisitos fundamentais:

a) Sua origem deve ser uma questão em aberto, um problema para o trepanador e seu entorno, um sintoma.

b) Ele deve ser formado por pelo menos dois elementos que se desdobram dessa questão, e que mesmo sem correlação direta e evidente possam refletir dois momentos ou aspectos do problema enquanto movimento do real.

c) Estes elementos internos devem estar o quanto possível atritando-se em polos opostos, contrastando nas mais diversas dimensões (presente e passado, individual e coletivo, subjetivo e concreto, grande e pequeno, público e privado etc.) para dobrarem-se sobre si.

Por definição, o problema-sintoma é partido, dinâmico, de maneira que em essência não se caracteriza por um elemento ou outro, nem apenas pela soma destes, mas *por sua relação*, sendo essa relação o verdadeiro objeto da pesquisa. À maneira de um freudiano, que diante de uma aparente desconexão discursiva investiga a lacuna recalcada entre comportamentos díspares, o trepanador também deseja o elo escondido entre os elementos de seu objeto – um demônio, submerso.

Para encontrar esse elo, deve-se realizar a *Anamnese* – a escuta desse problema-sintoma: a contextualização das determinações sócio-histórico-materiais da questão. O escavar destas raízes estruturais dá à pesquisa trepanatória ferramentas para que não apresente ao público apenas um resultado poético simples e tópico; mas uma experiência de restituição da compreensão dos processos sociais, desarticulada pelo capitalismo – em outras palavras, devolver ao sujeito a noção de *totalidade*.

1.2.1. A noção dialética de totalidade enquanto ferramenta trepanatória

A questão da totalidade – “um dos problemas essenciais da filosofia moderna” – tornou-se, especialmente no séc. XX, um importante campo de disputa ideológico (Lukács, 1979, p. 238 – 239) cujas implicações se fazem sentir até a contemporaneidade. Em sua obra, Marx evoca tal categoria, por exemplo, em afirmações como “as condições de produção de toda sociedade formam um todo” (Marx *apud* Lukács, 1979, p. 240), sendo fundamental tanto para sua análise do sistema capitalista (desenvolvida no séc. XIX), quanto para boa parte dos pensadores e artistas que o sucederam – como Sergei Eisenstein, cuja influência da noção de totalidade dialética pode ser notada na relação entre representações e imagem presente em sua teoria da montagem (Eisenstein, 2002b, p. 18). Para além de suas limitações, críticas e desenvolvimentos posteriores, a totalidade dialética (como apresentada aqui por György Lukács) é instrumental para os desdobramentos do método trepanatório enquanto pensamento poético particular.

Em “Existencialismo ou Marxismo?” (1948), Lukács desenvolve uma breve genealogia da totalidade: “Numerosos são aqueles que acreditam que ela provém do vocabulário do fascismo”, o que justificadamente envolveu o termo com uma aura controversa, entretanto sua utilização no socialismo científico antecede a apropriação fascista, divergindo desta e de outras desfigurações posteriores (1979, p. 238). Tal apropriação fez com que o desejo “no limiar do estágio do imperialismo” de esperar “um estágio definitivamente constante” (Petzold *apud* Lukács, p. 238) se expressasse, após a primeira Guerra Mundial, “sob uma forma bem mais evoluída e mais explicitamente reacionária” – uma “caricatura fascista” da categoria. É a Othmar Spann, ideólogo do fascismo, “que devemos a definição mais radical”: para ele, “a sociedade, enquanto totalidade, significa a supremacia absoluta da ‘ordem’ e da hierarquia, o que quer dizer que a totalidade exclui a causalidade e, mais ainda, a evolução” – isto é, tal sociedade seria imutável, eterna (Lukács, p. 238 - 239).

Entretanto, aberrações conceituais como esta provocaram, “quase em toda filosofia do imperialismo”, não “uma crítica objetivamente dialética, mas sempre uma reação extrema e também errada”, na forma de supressão de toda ideia de totalidade. Karl Jaspers, por exemplo, pensador influente em certos existencialistas franceses, “nega a

função da categoria de totalidade no conhecimento da realidade social”, privando-a de sentido até poder desfazer-se dela (p. 239).

Faz assim – e não é o único – do mundo um caos objetivo, no qual o homem só pode criar a ordem construindo um aparelho de noções teleológicas, técnicas e especulativas. Frente a esse caos, há... o sujeito “livre”, isolado, anárquico... A filosofia burguesa atola-se no pseudodilema composto de uma totalidade rígida e de um caos objetivo (Lukács, 1979, p. 239 – 240).

A visão propagada por Margaret Thatcher de que não existe sociedade, somente indivíduos e suas famílias (Smail *apud* Fisher, 2018, p. 513), é um claro reflexo amplificado dessa negação. É perceptível como a autonomização e responsabilização radical do sujeito, germinada no seio da filosofia burguesa, não apenas se elevaram a novos patamares, como transformaram-se em instrumentos ideológicos do neoliberalismo. Hoje, não mais restritas apenas ao terreno da subjetividade, encontram-se enfim materializadas até mesmo na economia, na esfera da política e nas relações humanas em geral. Entretanto, tal pulverização contemporânea das relações sociais “é recrudescimento de fenômenos presentes já em etapas anteriores do capitalismo, como produto e condição deste sistema.

Em “História e Consciência de Classe” (1923), György Lukács apontava que o modelo de divisão capitalista de trabalho promove uma fragmentação cada vez maior do processo laboral em operações parciais racionalizadas, mecânicas e repetitivas – eliminando em igual proporção as propriedades humanas e individuais do sujeito que exerce tal função (2003, p. 201). Tal modelo, surgido no decorrer do desenvolvimento do capitalismo, tornou-se, nesse percurso,

(...) uma categoria social que influencia de maneira decisiva a forma de objetivação tanto dos objetos como dos sujeitos da sociedade emergente, de sua relação com a natureza, das relações dos homens entre si que nela são possíveis (Lukács, 2003, p. 201).

Para ele, com a análise “psicológica” taylorista do processo de trabalho, mecanização racional então “penetra até na ‘alma’ do trabalhador”, separando suas qualidades psicológicas do conjunto de sua personalidade, para poderem ser integradas às formulações sistêmicas que sustentam a produção capitalista (p. 201 – 202).

Dessa maneira, “o princípio da racionalização baseada no cálculo” impõe modificações decisivas no sujeito e no objeto do processo econômico: “o produto que

forma uma unidade, como objeto do processo de trabalho, desaparece”, alienando do trabalhador a compreensão do valor de seu trabalho e do conjunto do processo produtivo. Por sua vez, “tal fragmentação do objeto da produção implica necessariamente a fragmentação do sujeito”, incorporando-o em um sistema mecânico que o submete, tornando-o passivo, “contemplativo”, anulado (p. 202 – 205). Podemos então considerar, como expressões do apagamento da noção de totalidade na sociedade capitalista: a desarticulação da capacidade de seus membros de apreender as relações que estruturam seu funcionamento enquanto todo sistêmico, a desarticulação de suas próprias relações interpessoais, e a compartimentalização de seus psiquismos – expressões essas que, atualizando-se à realidade de cada época, se manifestam desde os estágios primeiros do capitalismo até o estágio contemporâneo, neoliberal.

Muito antes que os extremos supracitados (e seus desdobramentos) se manifestassem, entretanto, “o marxismo leniniano já havia elaborado a solução justa” sobre o debate filosófico da totalidade (1979, p. 240). Divergindo dos que se apartaram dela, para a concepção dialética, esta categoria significa

(...) de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades ligadas entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas (Lukács, 1979, p. 240).

Porém, muito diferente daqueles que desvirtuam tal noção em favor da apologia de um modelo social reacionário, entende-se aqui que toda totalidade é relativa: cada “todo” que se toma como objeto para compreensão “faz ao mesmo tempo parte de uma totalidade ainda mais vasta, tanto histórica quanto teoricamente”, e por isso, qualquer conhecimento que se pode ter sobre ele é somente “uma aproximação” (p. 241). Encontra-se então na base desta lógica a exigência de, ao defrontar-se com um objeto de análise, tentar-se “apreender e explorar todos os aspectos, todas as suas correlações e todas as ‘mediações’” – prevenindo-se assim contra os erros e conclusões unilaterais e dogmáticas (Lenin *apud* Lukács, p. 240). Em suma:

É somente apreendendo correlações móveis, multilaterais e sempre mutáveis dos elementos, que chegaremos – nos limites de nossas possibilidades historicamente determinadas – a cercar cada vez mais a realidade objetiva (Lukács, 1979, p. 241).

Munida desta compreensão, a proposta trepanatória da anamnese se baseia no desejo de facultar o desenvolvimento de experimentações poéticas que não se permitam abordar temas sociais de maneira superficial, irresponsável, prepotente e sem propósito; como também contribuam na construção de novas compreensões sobre nosso tempo. É a totalidade dialética – levada ao extremo – que inspira a característica abordagem multidimensional que se expressa em todos os níveis do método: desde o atritar dos polos contrastantes no *problema-sintoma* durante a *anamnese*; aos meios de explorar e intensificar a relação entre público e objeto artístico que caracteriza a *caixa écraniana*; até a própria forma com que, na *sangria*, o material acumulado se dissolve no grande fluxo de atualizações e simultaneidades que é a obra de estética trepanatória.

Temos o motivo de trepanar. É preciso agora o crânio.

1. 3. Movimento II: *Como construir para si uma caixa écraniana*

Partimos de seus elementos primordiais: imagem mental e imagem objetal:

A imagem mental é “estrutura essencial da consciência, função psicológica”. Sua característica primordial é “uma certa maneira que o objeto tem de estar ausente no próprio centro de sua presença”, e de estar presente no centro da própria ausência (Sartre *apud* Morin; Morin, 2014, p. 40 – 41). Ela não pode ser dissociada da presença do homem no mundo (ou do mundo no homem), mas é ao mesmo tempo “apenas um duplo, um reflexo”, ou seja, é ela mesma “uma ausência”. A imagem (da imagem mental) é então “uma presença vivida e uma ausência real, uma presença-ausência” e “pode apresentar todas as características da vida real, inclusive a objetividade” (Morin, p. 40 – 41), sendo capaz de emanar intensidade de vida e impressão de realidade maior do que a do próprio objeto original (Leroy *apud* Morin; Morin, p. 41).

Por sua vez, considero por imagem objetal o próprio registro simbólico sobre um dado objeto reconhecido como suporte artístico [entendendo “objeto” como “o próprio produto dos processos de abstração através dos quais o homem arranca da subjetividade antropocósmica fragmentos de natureza para transformá-los em coisas” (Morin, 2014, p. 187)]. Seriam por exemplo as formas manifestadas na tela de cinema, as inscritas com tintas em telas de pintura, ou mesmo a performance corporal de um ator.

A Trepanação tem como base a compreensão de uma relação dialética entre suporte artístico e aparato psíquico: da imagem objetal como inervação da imagem mental (e vice-versa), o que se desdobra em uma forma ampliada de pensar e instrumentalizar tal relação. Esta intensificação relacional trepanatória é chamada *caixa écraniana* – junção de “*écran*” (“tela” em francês) e “caixa craniana”: uma sintaxe que, por ser construída a partir da linguagem do cinema [o meio “sincrético de todas as linguagens em potencial” (p. 225)], permite à prática da montagem trepanatória adaptar-se e realizar-se em qualquer suporte – e, principalmente, a permite fundamentar a construção de obras limítrofes, vivas e moventes, que se expandam para além das categorias.

1. 3. 1. A montagem trepanatória

Desde os primórdios do desenvolvimento do cinema enquanto *medium* se constata e teoriza uma relação entre a imagem fantasmagórica que o aparelho fílmico materializa sobre a tela projetiva e a imagem manifesta na visão de nossa tela mental – reconhecendo nele não apenas uma magia, como a própria capacidade de criação de uma “vida surreal” (Morin, 2014, p. 23 – 24). Para Jean Epstein, a tela é “o lugar onde o pensamento ator e o pensamento espectador se encontram e tomam o aspecto material para serem um ato”, ou seja, “o filme é o momento em que dois psiquismos, aquele incorporado na película, e o do público se juntam” (p. 239). Tal emaranhamento se dá até mesmo a nível orgânico, de maneira que “... o espectador reage diante da tela como diante de uma retina exterior, telecoligada a seu cérebro”, a tal ponto que ele “fica tão inconsciente dos estranhos fenômenos que se desenvolvem na tela quanto daqueles que se passam em sua retina” (p. 163). Em última instância, o cinema é uma simbiose: “um sistema que tende a integrar o espectador no fluxo do filme. Um sistema que tende a integrar o fluxo do filme no fluxo psíquico do espectador” (p. 128).

Possui o cinema, como nenhuma outra arte, uma profunda capacidade de conexão imersiva-transferencial, de suspensão da descrença e sustentação de ilusões: “a cinestesia do espetáculo se aprofunda na cinestesia do espectador, ou seja, na sua subjetividade, levando às projeções-identificações... verdadeiras transferências acontecem entre a alma do espectador e o espetáculo da tela” (p. 120), por sua natureza linguística fundamentalmente onírica, concreta e pré-gramatical (Pasolini, 1982, p. 140 – 141), e pelo característico “efeito de choque” gerado por suas imagens, que não é ele capaz apenas de anestesiar os sentidos do público e suprimir suas memórias, como também pode (quando utilizado a favor da politização da estética), por decorrência disso, “assumir um efeito emancipatório” (Caimi, 2015, p. 158 – 159).

Mais do que isso: é por meio da câmera e suas operações que, diferente do olho humano, se é capaz de penetrar um espaço “ocupado inconscientemente”, extrair da realidade o que “encontra-se, em sua maior parte, apenas além de um espectro normal da percepção sensível” – nos possibilitando “conhecer o inconsciente óptico, assim como conhecemos o inconsciente pulsional” freudiano. O cinema permite “à percepção coletiva apropriar-se dos modos de percepção individuais do psicótico ou do sonhador”

(Benjamin, 2014, p. 64 – 65): parte central da proposta estética trepanatória de irromper e deslizar um fluxo entre a consciência e o corpo do público e o oculto, o recalcado. A apropriação essencial desta força cinematográfica não está, entretanto, no uso concreto da câmera ou qualquer outro de seus dispositivos, mas sim na assimilação de princípios como montagem e direcionamento/amplificação dos sentidos.

É baseada nestas faculdades que foi concebida a caixa écraniana como ferramenta conceitual, para que o trepanador tome o objeto artístico como o próprio crânio do espectador, ou seja; conforme uma totalidade que abarca o fluxo entre o polo técnico e o polo orgânico, que se evidencia nas mutações de seus elementos e favorece a reverberação das mesmas. O seu estabelecimento possibilita então o executar da formulação central da montagem trepanatória: a ideia de que, potencializado o circuito sujeito-objeto que surge na relação do público com a obra, ao perfurarmos o objeto, perfuramos também o sujeito. Tanto a perfuração quanto a construção desta intensificação relacional se dão em um mesmo instante, em três movimentos consequentes e simultâneos:

1. A negação de qualquer ilusão ou falseamento da realidade que permita o espectador largar-se em imersão anestesiada, inofensiva, comum à experiência do cinema tradicional – e da arte em geral. “A qualidade de espetáculo (cinematográfico)... evita e emascula todas as consequências práticas da participação: não há risco nem engajamento para o público”. “Em princípio o público está fora de perigo”, mesmo que os atores corram perigo (Morin, 2014, p. 117 – 118), e é esta suposição de segurança, mais especificamente, de salvaguarda do desconforto, que a trepanação se propõe a romper. A arte trepanatória é violência. Aqui se destrói a relação rudimentar entre tela projetiva e tela mental, dando espaço para uma imersão liminar, semi-desperta, em que o público enquanto sujeito se faz presente.
2. Por consequência, pode-se então assumir o suporte puramente enquanto meio, para além dos formalismos requeridos para sustentar tal ilusão, assim como a tela mental enquanto estruturada dentro das sensibilidades nervosas, ao invés de uma sensibilidade subjetiva desatrelada de fisicalidade. Libertam-se ambos os polos para a exploração de seus limites, e se abrem os caminhos para atingir diretamente não apenas a mente, como também o corpo.

É a tela mental do espectador conformada por diversas faculdades e percepções possíveis de serem afetadas (como tempo, espacialidade, causalidade, fotossensibilidade, tato etc.), cuja perturbação direta violenta seu portador. São aqui nosso campo de ação:

Trepanar não é representar o sentir, mas *fazer sentir*: ou seja, operar o “processo de organizar imagens no sentimento e na mente do espectador” que distingue a “obra de arte realmente vital” da inanimada, “na qual o espectador recebe o resultado consumado de um determinado processo de criação”, ao invés de ser absorvido no seu decorrer (Eisenstein, 2002b, p. 21).

Deste modo, a imagem de uma cena, de uma sequência, de uma criação completa, existe não como algo fixo e já pronto. Precisa surgir, revelar-se diante dos sentidos do espectador (Eisenstein, 2002b, p. 22).

É potencializar a experiência do choque inerente ao cinema (por seu “fracionamento de movimentos repetitivos sem desenvolvimento e na aceleração do tempo”) que – como exemplifica Benjamin no soneto de Baudelaire “*A uma passante*” – pode revelar “reconhecimento da falta”, e assumir “um caráter dialético de restauração da crítica ao configurar fragmentos textuais e imagens de uma experiência alienada”; abrindo conjuntamente “um abismo temporal que desarticula a defesa psíquica pela paralisação, pela decomposição da temporalidade que se mostra como um *continuum* desenrolar coerente e harmonioso” (Caimi, 2015, p. 159).

É justamente nas transformações e seus desconfortos, no irromper das imagens, na quebra de expectativa e no tropeço entre um estado e outro que se revela o oculto – seja a imagem perdida, censurada, onírica; seja o próprio sujeito, o próprio objeto, a união deles e a realidade ao seu entorno. E para operar estas transformações podem ser utilizados, sem restrição, todos os recursos e técnicas de montagem possíveis, articulados com o objetivo de dialeticamente apelar ao corpo e à mente. Lança-se mão tanto de recursos de apelo à sensibilidade fisiológica [*jumpcuts*, efeito *flicker*, repetições, sobreposições de imagem e som, telas múltiplas, exploração de cores e texturas, intervenções gráficas e tipográficas, *slowmotion*, mudanças de perspectiva etc., são algumas possibilidades do audiovisual de fácil replicação, mas cada suporte esconde as suas], quanto os de apelo propriamente simbólico

[ou seja, o concatenar de imagens em um “conflito-justaposição de sensações intelectuais associativas” – o que Serguei Eisenstein chama de “montagem intelectual” (Eisenstein, 2002a, p. 86).]

A obra de arte de estética trepanada se apresenta em uma montagem desafiadora, antinatural, agressiva e invasiva, capaz de uma imersão que traga o público enquanto sujeito em todos os seus níveis. Isso se materializa na inserção imaginária do espectador na cena; em fazê-lo vivenciá-la como sujeito vidente implicado na ação, o que no caso da tela projetiva significa, por exemplo, a experiência de “um ponto de vista interno” [ou seja, em que ele possui o mesmo campo visual da personagem na tela (Machado, 2002, p. 8 – 12), o que de forma alguma implica em se estreitar à experiência de “uma câmera subjetiva exclusiva, monótona, sem variação” (p. 14) – e quando o fizer, deve ser proposital)]. Entretanto, assumindo categoricamente os procedimentos de montagem, a estética trepanatória passa por cima da necessidade formalista de sustentar uma imersão comum (que no ambiente fílmico, por exemplo, apresenta problemas como “a dificuldade de cortar”) (p. 13), aproximando-se radicalmente do sonho: seja em sua característica “ambiguidade de posicionamento do sujeito” [em que “o sonhador é sempre uma presença indefinida dentro da ‘realidade virtual’ que a máquina sonhadora elabora” (Machado; Freud *apud* Machado, p. 14)]; seja pela irrupção, introjeção, transformação e choque de imagens e espaços em montagem intelectual, construindo no sujeito as mais diversas sensações emocionais e intelectuais que o sonho é capaz de proporcionar.

3. Os dois polos finalmente se entrelaçam e se chocam, potencializados. Paradoxalmente, linguagem esgarçada da caixa écraniana é capaz de promover a experiência imersiva convencional, como propicia também uma outra, muito mais violenta, pois dispõe dos meios e da intenção de atingir diretamente o espectador intelectual e fisicamente. Quando não apenas o conteúdo exposto perturba a plateia, mas principalmente as imagens e o próprio suporte são transformados e transgredidos diante do espectador, e a montagem decididamente estremece as sensibilidades nervosas e mentais com seus recursos extremados, ele é puxado ao mesmo tempo para dentro e para fora da

fruição artística, sendo posto enquanto próprio sujeito, uma presença potencializada, e não como um mero *avatar*.

Indo além da fórmula comum, limitada a fazer um dado personagem servir como mediador afetivo, alvo de identificação e transferência, aqui a estrutura corpo-mente do sujeito se une em fluxo direto ao objeto artístico, fundidos em uma experiência palpável. As imagens na tela são suas imagens, os pensamentos expressos são somente os seus, e os sons são ouvidos pelo próprio público: a coletividade sonhando por indivíduos despertos.

1. 3. 2. Um teatro operatório

Como dito, apesar das bases cinematográficas da *caixa écraniana*, a Trepanação, enquanto proposta e execução, de forma alguma se limita ao meio audiovisual, muito menos tem como vocação uma arte menos corpórea – como se possível fosse separar a mente da fisicalidade em que ela se manifesta; e não começasse e acabasse no mundo “o circuito que vai da percepção sensorial à resposta motora” (Buck-Morss, 1996, p. 19). Justamente por isso, quanto mais distinto for o resultado almejado da obra do que se entende tradicionalmente como cinema, mais se mostram as potencialidades do método. A intensificação da relação entre imagem mental e objetual e as possibilidades de montagem apenas se justificam na serventia da construção de uma obra que, ao continuamente se transformar no e com o espectador, pulsa, espontânea e vigorosa, uma irresistível presença de vida.

Nosso ofício é operar tal corpo vivo, que palpita e rompe os limites do suporte não por capricho, mas necessidade vital, como órgão que só sobrevive enquanto luta – não uma autópsia. Estes suportes devem ser entendidos como um corpo dilatado – um “corpo-em-vida”, que expande sua presença e a percepção do espectador; em que “o fluxo de energias que caracteriza nosso comportamento cotidiano” é redirecionado, e “as tenções que secretamente governam nosso modo de estar fisicamente presentes” vem à tona, “tornando-se visíveis, inesperadamente”, como “contínua mutação, crescimento que acontece diante de nossos olhos” (Barba, 1995, p. 54).

Mais ainda, trata-se aqui de construir tal presença enquanto relação amplificada entre obra e espectador; de criar uma realidade própria não apenas interpretável, mas principalmente experimentada em seus efeitos (Fischer-Lichte, 2011, p. 33), e para tal, demarcar no suporte um espaço limiar espetáculo-ritual: uma zona de perigo em que o espectador, seduzido pela energia elementar que emana do suporte dilatado, pode escolher adentrar – até fisicamente, se possível – e engajar no jogo proposto, ser co-sujeito da obra e, acima de tudo, estar sob risco (afinal, nos processos de perfuração e sangria, o público deve perder alguma coisa, seja uma informação, parte da experiência, ou no melhor dos casos, suas certezas).

Tal zona de perigo – um teatro operatório – é a única separação aceitável e necessária entre espectador e obra: diferente do uso habitual (e para nós inútil) do palco

ou da tela, em que tão comumente se permite um prazer contemplativo desinteressado, nos permitamos requerer um esforço; um passo além por parte do público neste círculo alquímico – pois, para sustentar nosso intento, não pedimos nada além de consentimento. Instaurar este espaço é reaver o que “a prática iluminista de realizar procedimentos cirúrgicos num anfiteatro” (Buck-Morss, p. 34) tinha de melhor: a possibilidade do público de não apenas participar da ação, mas fundamentalmente poder manter-se em proximidade suficiente para se sujar com ela – se assim desejar (e é nosso dever seduzi-lo a isso).

Herdamos da modernidade uma “crise na percepção” (p. 24) em que nosso sistema cognitivo sinestético, para defender-se da multiplicidade de choques tecnológicos, inverte seu papel, tornando-se um sistema de anestesia: uma configuração sensorial nova na qual sobrecarga de estímulos e entorpecimento do organismo coexistem simultaneamente; invertendo-se dialeticamente de um modo de estar em contato com a realidade para um modo de bloquear a realidade. Instrumentalizado na inundação de sentidos na *Gesamtkunswerk* wagneriana e seus filhos; por toda arte que se insere “no campo fantasmagórico como entretenimento, como parte do mundo das mercadorias” que, como “um narcótico a partir da própria realidade”, manipula o sistema sinestético “através do controle dos estímulos ambientais” (p. 27 – 30) – tal anestesiamento, insensibilizando os sentidos e reprimindo a memória, destrói a capacidade do organismo de reagir politicamente, “mesmo quando está em jogo a autopreservação” (p. 24).

Já não se trata aqui de educar tais sentidos, mas restituí-los, restaurar-lhes a percepção. Ao buscar utilizar uma multiplicidade de estímulos sem que se infunda no espectador uma intoxicante ilusão de completude, mas para revelar a fragmentação da realidade, os elos perdidos de uma real compreensão sistêmica, e a potencialidade do público enquanto coparticipante (da obra e do mundo), a Trepanação é rejeição e desprezo de toda anestesia: é querer devolver o direito ao grito, fazendo a dor e o prazer superarem o torpor; é querer despertar o público, acender uma revolta que o torne pelo menos um pouco mais resistente à próxima dose do narcótico.

1.4. Movimento III: *A sangria*

A anamnese e a caixa écraniana, até então dois polos díspares e distantes, são finalmente perfuradas e atravessadas, e os conteúdos do polo conceitual e do polo carnal vazam, se misturam, se alimentam.

O resultado da anamnese organiza e direciona a aplicação formal da proposta artística, regendo suas imagens e sensações, ao mesmo tempo que a caixa écraniana dá suporte estrutural ao mergulho nos meandros do problema-sintoma e, em especial, na lacuna em que o elo recalcado está imerso. O que produz do encontro é justamente o emergir deste elo escondido como potência onírica capaz de despertar o espectador: uma fissura, por onde imagens borbulham.

Brotam daí diversas formas de manifestação simbólica com que essa conscientização se expressa como o retorno do recalcado em um sanguíneo *fluxo de desconsciência*; do familiar à estranheza, da pureza à merda, do Real ao surreal – tudo deve ser arrancado da cova de onde voa o demônio enfim liberto: o horror dissimulado no cotidiano, cuja concretude por meio da trepanação enfim se desvela. Pela transmutação das imagens, por ao mesmo tempo ser imerso e arremessado para fora do sonho, é o público forçado a se defrontar com a ignorada materialidade das consequências desse horror sobre a subjetividade do indivíduo e de toda a sociedade.

1. 3. 2. O trépano e o sonho

O conjunto de orientações aqui apresentado como Trepanação pode ser entendido como um “dispositivo” (Agamben, 2005, p. 13) de revolta, que responde a uma necessidade de fazer frente ao superficial, artificial e mercadológico na arte e na sociedade, apostando na centralidade da presença humana, e em processos que obrigam a uma reflexão e um tempo que vai na direção oposta de valores como o imediatismo consumista e a moral burguesa. As etapas e pensamentos propostos não são apologia de uma arte formulaica, nem *revival* do etapismo das vanguardas modernas, mas artificios que convidam à reflexão prática e, em última instância, à transformação daqueles – sobretudo, do artista – que se fizerem afetar por elas. Como dispositivo, portanto, o método trepanatório é organizado pelo fim de direcionar “os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos” daqueles que com ele se relacionam, para deste “corpo-a-corpo” operar a produção de três tipos específicos de sujeito: o trepanador, o trepanado e o trépano:

Aquele que chamamos por trepanador é um artista pesquisador, envolvido no desenvolvimento de uma arte política radical como arma de transformação social; esteticamente definido pela “atitude negativa” de não se sujeitar a nenhum *meio* ou *suporte*, e por recusar “as formas de homogeneização que cada *meio* oferece aos elementos heteróclitos que ele reúne” (Rancière, 2020, p. 44); e que, imbuído do espírito do método trepanatório, se apropria de suas bases para empreender uma obra, que, se bem sucedida, se entenderá como obra trepanada [em que, a exemplo de Broodthaers, chocam-se “duas grandes formas de extrapolação da arte”: a que “ultrapassa a singularidade das artes e dos suportes para construir formas de espaço comum”, e a que revela “a relação de suas formas às da vida alienada” (p. 59 - 60)]. O trepanado, por sua vez, compreende a todos que se engajam e se afetam pela obra trepanada e pelos processos do trepanador, e efetivamente *sangram* com ela. A produção desses dois agentes – aquele que busca intervir no mundo e aquele que é atingido passivamente pela intervenção, em suas posições apartadas, não é, entretanto, nosso objetivo mais profundo: não se tratando aqui de promover a replicação de uma dada estética, o método trepanatório propõe-se como esse dispositivo investigativo que constrói uma obra que serve de espaço reflexivo, e conseqüentemente mediação entre os polos, permitindo que o percurso passe também por aquele que investiga.

O primeiro trepanado deve ser o próprio trepanador, e vice-versa (e cada obra trepana é, em algum nível, como uma *peça didática*): assim, quando no processo de investigação, no desenvolvimento e realização da obra, o artista trepanador é atingido por ela e escutando nele as reverberações do próprio trabalho, e transforma ele mesmo em um campo dilatado de pesquisa – ou, paralelamente, o público supera a passividade inicial de sua posição e se engaja na obra, continuando a seu modo o movimento iniciado na experiência que teve; cria-se aí um sujeito novo que supera as posições unilaterais e se torna uma ferramenta de transformação social, o trépano.

Mas, o que seria afinal, que se busca encontrar ao fim da Sangria; a fonte da capacidade radicalmente transformadora que se quer alcançar na experiência de fazer *sangrar* com uma obra trepanada? O sonho, em sua miríade de acepções: devaneio, fantasia, esperança, desejo, inconsciência, ideal...

O capitalismo é a única máquina social que se construiu sobre os fluxos não codificados: o capital, notável máquina de captura do desejo, precisa mobilizar produtivamente o desejo, ou ir até onde o desejo se mobiliza, e diluir tudo à moeda e mercadoria – captura o que ele chama de liberdade, de beleza, do que seriam as possibilidades do corpo. O capitalismo liberta nossos fluxos de desejo, mas somente na medida e nas condições sociais que este possa impor limites e reverter estes fluxos que não para de liberar – até determinar o desejo “a desejar sua própria repressão” (Deleuze; Guatarri, 2010, p. 185, 493; Guéron, 2013, p. 168 -169). E especialmente nós, como a todos os herdeiros de dinâmicas coloniais ainda não plenamente superadas, somos levados a emular a posição histórica do colonizado, cuja primeira coisa que aprende “é a ficar no seu lugar, não ultrapassar os limites”; que, ao ser encurralado por um mundo hostil, “não cessa de se libertar entre nove horas da noite e seis da manhã”, reagindo com “sonhos musculares”, agressivos, transgressores; sonhos em que finalmente se instala no lugar do opressor e o substitui (Fanon, 1968, p. 39).

Trepanar é partir do princípio de que a tomada de consciência das contradições do capitalismo já não é suficiente: devemos contribuir, como na profecia de Tosquelles, “para o proletariado se dedicar ao inconsciente” (2024, p. 70), e mobilizar ali não apenas o espectro da falta, mas toda positividade do desejo; mobilizar nossa libido e violência. Fazer *sangrar* é atingir pela arte esses sonhos: desarticular a captura capitalista do desejo inconsciente do campo social, rearticular os elementos alienados e mistificados pelas

fantasmagorias do capital; e lutar não apenas pela produção de desejo, mas a de desejos radicais, revolucionários – educar as sensibilidades para a possibilidade da alternativa.

“Arte é magia prática”, e deve o trepanador – semelhante a um *performer* – modelar “seu corpo e suas atitudes como o mago”, e tornar-se agente de uma comunicação “corporal, sensível”; “com uma função mágica ou encantatória”; “que toca as fibras íntimas da personalidade e que se aproxima bastante dos rituais iniciáticos” (Glusberg, 2013, p. 117, 120 – 122). Como a performance, a Trepanação “é uma realização de desejos” (p.110), cuja “verdadeira natureza” é “a do sonho, de um processo onírico que supera a experiência imediata e se envolve em suas brumas das ações concretas”; que “contém rituais invisíveis atrás dos rituais visíveis”, “como um código secreto” que fundamenta “o caráter mágico da experiência” (p.118) e resguarda ao pesquisador a liberdade de também perder-se no desconhecido no momento em que fizer de si parte do campo de pesquisa.

O trepanador deve ser um amante do acaso, e buscar armar-se de sua consciência como de sua inconsciência; pesquisar a realidade material como sua realidade subjetiva, onírica. Deve construir seu entendimento de mundo em vigília sem esquecer que as imagens que lhe abrilhantam o sono também são construções discursivas; que ele ainda está tentando compreender sua realidade, mas com outros códigos e outras gramáticas. Seja buscando interpretá-lo ou representá-lo; seja entendendo-o como obra transcrita com a escrita automática; emulando seu fluxo ou simplesmente reagindo, interpelando a si mesmo e ao público – fazer vazar o sonho é o objetivo final do método trepanatório.

Se o capitalista contemporâneo perpetua “o trabalho do colono” de “tornar impossíveis até os sonhos de liberdade” daqueles que oprime, então nossa tarefa é a mesma do colonizado: “imaginar todas as combinações eventuais para aniquilar o colono”, o capitalista, e o sistema que eles sustentam – e para isso, se queremos que a humanidade avance “a um nível diferente daqueles que a Europa a expôs”, devemos abandonar as velhas crenças, renunciar a nossos sonhos subservientes coloniais-capitalistas; e então inventar, descobrir (Fanon, 1968, p. 73, 271, 275). Temos de reaprender a sonhar e violentamente desejar o novo;

E se invocamos o desejo como instância revolucionária, é porque acreditamos que a sociedade capitalista pode suportar muitas manifestações de interesse, mas nenhuma manifestação de desejo, que seria suficiente para explodir suas estruturas de base (...) (Deleuze; Guattari, 2010, p. 503).

O procedimento é consumado.

Capítulo 2
JATOS DE SANGUE
(Experimentos pré-trepanatórios)

2.1. *Práxis Revolucionária Brasileira*

Espectáculo radiofônico realizado por mim em 2021, a partir de um poema que escrevi em 2020. Apesar de ter sido feito poucos meses antes do início do mestrado, é um precursor espiritual e direto da teoria trepanatória, por apresentar alguns elementos centrais em sua produção e forma que só seriam descritos dois anos depois. Este trabalho é então complementar do curta *Metempsychose*, por possuir aspectos que impedem o curta de ser considerado uma obra trepanada completa.

Dramaticamente diagramado, o poema (e conseqüentemente o áudio) já trabalha com a simultaneidade de cenas e consciências (então inspirado em *Die Hamletmaschine* e *Verkommenes Ufer Medeamaterial Landschaft mit Argonauten*, ambos de Heiner Müller, e *Octavia. Trepanation*, dirigido por Boris Yukhanavov), com a crueldade artaudiana e, principalmente, com uma abordagem trans-histórica e trans-pessoal

Sua origem veio de uma pergunta: “Se um dos jesuítas primeiros a pisar aqui – dos que desejavam fazer um paraíso na terra – soubesse por revelação todos os 500 anos de história decorrente de seus atos, ele continuaria sua missão?” Ou, em outras palavras, na hora derradeira, o que significa lutar e morrer pelo Brasil enquanto causa, enquanto (imposição de) projeto e suas conseqüências? O que significa acreditar, mas talvez desistir? Para discutir sobre, componho um fluxo de consciência entre três personagens em épocas, contextos e lugares diferentes, unidos pela morte iminente, construindo sonoramente uma obra que se não se apresenta fechada, com meras respostas, mas como cuidadosa soma de elementos que vão esculpindo a cena na mente do espectador. Exercendo processos de pesquisa e construção de cena que intuía as propostas trepanatórias, imagens jorram, incessantes, que se combinam como um quebra-cabeça de encaixes múltiplos, impregnadas de força poética onírica, cruel e política, histórica.

Desta maneira, *PRB* é um exemplo de proto-trepanação, mas também, somando-se a *Metempsychose*, de pontos de partida para a compreensão do que os direcionamentos centrais do método são capazes de produzir – mesmo antes de seu amadurecimento.

Tambores de guerra Marchas de carnaval

Da janela se vê reluzir o condor dourado das falanges Relampejando

NA AV. RIO BRANCO

Por entre gases lacrimogênicos Barricadas Jovens urinados No meio fio

UM ÔNIBUS PEGA FOGO

Acho que tomei um tiro Letras que eu li

Afogam-se Páginas frágeis nas poças de sangue

ABRA A PORTA

Mourir To die Zu sterben É bonito

Morrer em português

É uma merda

Eu sou uma _____

Escadarias No Theatro Municipal Valquírias do Vietnã

Sobre a multidão Corcéis de carne e lata

Estudantes e moscas varejeiras dispersam-se

Alguém partiu o crânio do jovem Tupinambá

Vômito Na plateia

Meu mortos vazam

Pelos corredores

OU Eu abro a porta Atiro

Sem techné Não atinjo ninguém

William Bonner narra o espetáculo da minha morte

Antes do BBB No caixão fechado Buracos no corpo

Formam no céu Estrelas Mamãe Olha, mas não me vê

OU Eu abro a porta No navio negreiro

Me contrabandei à emergência do Souza Aguiar

A carne recém costurada rasgada Em exposição

Sou uma lâmpada Incandescente Um morcego hematófago

Um mictório

OU Voar à la Plano Collor

Ninguém nasce disposto a morrer Pelo Brasil

Teoria e Ocasão disputam a paternidade Do martírio

A mãe é a náusea É testemunhar

O estupro americano Num banheiro da Terra Encantada e

Jurar a si mesmo que não sabia A força do ridículo

Leva à constatação íntima de que nos falta

Jorrando pelas pernas

A consciência

A razão me diz que o Brasil acabou, mas

Ele chegou a começar?

A PORTA SE ABRE

Traficantes e traficados disputam A terra a ser posta Sobre eles

Ruínas neoclássicas num cemitério indígena

LONGE DALI

No instante derradeiro

Carlos Marighella vê o futuro Diante dos olhos Revirados

SONHOS AMARGOS

PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA BRASILEIRA
espetáculo radiofônico por yan nery



Capa do espetáculo radiofônico, 2021.

2.2. *Metempsychose*

Metempsychose, concluído em 31 de janeiro de 2023, é o primeiro experimento artístico em que se propõe a aplicação intencional de bases trepanatórias. Sua realização se deu no início da formulação do método, e por isso tentou-se abranger (e entender) somente alguns aspectos do método, como a execução estética e, principalmente, a tentativa de construção de uma caixa écraniana. Dessa forma, na ausência, por exemplo, da investigação proposta na anamnese, este não pode ser considerado exemplo de aplicação do método em sua potência plena. Sendo assim, este experimento marca o primeiro momento de materialização das ideias até então formuladas, tornando-se referência e direcionamento fundamental para todo o desenvolvimento teórico a ele posterior.

Trata-se então de um experimento audiovisual, em que se apresenta uma cena não-narrativa indefinidamente repetida, mas que a cada repetição torna-se diferente e sensorialmente mais desafiante – proposta nascida do estudo de obras cinematográficas como *Little Dog for Roger* (1967) do diretor Malcolm Le Grice, *Train Again* (2012) de Peter Tscherkassy, e, principalmente, *Wavelength* (1967) de Michael Snow e *The Flicker* (1966), de Tony Conrad. Imbuído de uma experiência de quase-morte que vivi no final de 2022, seus 7 minutos e meio de duração consistem no loop aparentemente infinito de um descer por intermináveis lances de escada: esforço eterno que nunca chega a lugar algum – um Sísifo às avessas. Além de seus próprios passos, fora de quadro ouve-se o rebobinar, o tocar e o pausar de algumas gravações de fita cassete, todas incompreensíveis.

Ao decorrer da descida, no entanto, constantes surtos sensoriais irrompem e atacam a percepção do espectador: distorcendo os sons e a visão com oscilações de quadros brancos e pretos (uma clara apropriação do *The Flicker*), e cartelas com descrições desfiguradas de pensamentos intrusivos. Ondas de crises que vão e voltam, essas interrupções são ora quase imperceptíveis, ora muito violentas, ao ponto de, como no filme de Conrad, por longos momentos a vibração na tela propiciar ao espectador a visão de cores e formas inexistentes – entretanto, diferente da obra referenciada, as alterações articulam-se com a imagem da cena eterna, prenunciam mudanças nessa imagem e são potencializadas por cortes no som. Cria-se assim uma atmosfera tensa, a

fantasmagoria de um surto sempre à espreita, e uma sensorialidade análoga a experiências com psicotrópicos e outros propiciadores de lapsos e estados alterados de consciência.



A escadaria infinita.

A obra, portanto, remete ao pensamento grego que lhe dá seu nome: o princípio que admite a transmigração da alma de um corpo para o outro, seja humano, animal, animado ou inanimado. Pela escolha do título, filme propõe-se então a ser uma reflexão linguística e filosófica: o entendimento da transmigração da alma como o grande processo desvelaria nossa própria vida enquanto uma representação estanque entre outras, a cujos limites se apegamos a consciência, iludida e sem acesso a uma experiência direta com seu exterior. Como o filme, a metempsicose é uma caminhada infinita, sem um claro lugar de partida ou chegada, sem uma clara duração, nem um claro propósito, em que tudo é igual e diferente, e a transformação, fora da nossa percepção de tempo (expresso na ampliação tão lenta da imagem fílmica que a mudança é quase imperceptível ao decorrer o mesmo, como na obra *Wavelength*), nos deixa sem saber verdadeiramente a diferença entre o que éramos e o que nos tornamos. Um vazio barulhento, onde ao mesmo tempo que nada acontece, acontece tudo.

Esteticamente, suas cores estouradas, as alterações cromáticas, a explicitação dos pixels (o equivalente eletrônico ao granulado do filme fotográfico), a presença da mão humana na inserção das cartelas de texto e os *jump cuts* no loop e no som revelam e reforçam o filme enquanto meio. A experiência, apesar de imersiva, não é ilusória, e o desconforto causado ao público não é meramente da ordem da representação, mas principalmente orgânico, nervoso – sintomas da efetiva estruturação da caixa écraniana.

n o t
c n
r nd ando
o do
ca r
o

Cartela de pensamentos intrusivos desfigurados.

Em suma, *Metempsychose* se imanta de filmes cujos exemplos o permitem tornar-se uma obra preta de “reflexividade”: uma arte “não-representacional caracterizada pela abstração, fragmentação e colocação em primeiro plano dos materiais e processos artísticos” (Stam, 2003, p. 174) – mais especificamente, de “reflexividade filmica”, o processo pelo qual

(...) os filmes trazem a primeiro plano sua própria produção (por exemplo, *A noite americana*, de Truffaut), sua autoria (*Oito e meio*, de Fellini), seus procedimentos textuais (os filmes vanguardistas de Hollis Frampton ou Michael Snow), suas influências intelectuais (os filmes paródicos de Mel Brooks) ou sua recepção (*Sherlock Jr. A rosa púrpura do Cairo*). (Stam, 2003, p. 174 - 175).

Este experimento concretiza então não apenas a assimilação de tais propostas: a partir dele, é facultado ao método trepanatório como um todo o desenvolvimento de sua própria capacidade de promover “uma reflexividade epistemológica, provendo modelos ao mesmo tempo dos processos do cinema e da cognição em si” (Michelson *apud* Stam, 2003, p. 175) – modelos esses que estabelecem a intensificação relacional entre imagem mental e imagem projetiva proposta pela trepanação, e exemplificada em *Metempsicose*.



Still de Wavelength (1967), de Michael Snow.

2.3. Exercícios de escrita automática

O surrealismo (e de maneira semelhante o método trepanatório, diretamente influenciado por esta vanguarda) “é concebido por seus fundadores não como uma nova escola artística, mas como um meio de conhecimento” do “inconsciente”, do “sonho” e da “loucura”, tendo como primeiro mecanismo de exploração eleito o automatismo psíquico (entendido por uma via artística que se aparta das concepções religiosas e científicas acerca do fenômeno) (NADEAU *apud* SANTOS; SANTOS, 2002, p. 230, 232, 234). Inspirados pelo materialismo dialético marxista, André Breton e os surrealistas procuravam uma “expansão do espírito fora do êxtase religioso ou daquele provocado pela droga” – a “busca de uma iluminação profana”, como chamou Walter Benjamin. Como forma de liberar a atividade poética mascarada na atividade racional de cada indivíduo, foi alçada a “escrita automática” surrealista à categoria de “instrumento de investigação do espírito e da vida” (SANTOS, 2002, p. 234 – 235).

O que se segue são dois dos experimentos de escrita automática que durante a escrita da dissertação, segundo algumas regras: 1) registrar os sonhos imediatamente após vivenciados; 2) usar lápis e papel A4; 3) obedecer a voz mental que o descreve durante o torpor do despertar até que ela pare, com o máximo de espontaneidade possível; e 4) transcrever após dias suficientes para que o texto não seja imediatamente reconhecível, redigindo a primeira impressão de cada palavra, mesmo que difira da original (sendo a última escrita em parênteses).

Estes estudos abriram espaço não apenas para a assimilação da escrita automática como ferramenta para a produção artística, tanto diretamente (apresentando o sonho transcrito como obra pronta) como esteticamente (com o estudo de como montar imagens à maneira do sonho apreendido – recurso amplamente utilizado no subcapítulo 3.4). Deles foi fundamentada a compreensão trepanatória do sonho como continuação inconsciente do discurso consciente – a exemplo de quando, no final do exercício I, para meu espanto a palavra *Abschluß* (“conclusão”) foi ditada, sem que me lembrasse de seu significado ou de sua ortografia; e precisei de um dicionário para apreender conscientemente o que inconscientemente escrevi. A partir desta experiência, o papel central do “acaso” e do “oculto” no florescimento da obra trepanatória foi assumido enquanto tal.

I. 27/04/23

*Primeira guerra mundial,
uma van navio por onde
os recém quase-mortos são
socorridos.*

*A guerra acorda (ainda) assente (acontece)
dentro da van, alagada (alada),
com duas lápides (límpidas) piscinas
de corpos de água translúcida,
minas terrestres, escombros, capatazes (capacetes)
vestimentas. Médicos, soldados, generais,
decapitados, ajudam-se uns aos outros,
como poder (podem).*

*A van navega em direção à sua (uma)
catedral antiga, flutuante, onde velhas
viciadas vendem lápis e giz de cera
para comprar não sei o que, mas apanham
na cara. Eu as bato na cara, perto
do portão antigo, dos altares de tomate (tomar)
hóstia de madeira e sal.*

*A van é verde oliva, com ares (asas) vermelhas.
Junto dela vamos (voam) porta-aviões, fragatas, pelicanos,
andróides, andrógenos, motoqueiros, todos gritando
fascismos, todos falando inglês →*

*O mar é escuro, à noite,
desanimada (desanuvia), desmonta (desnorteia), cheia e
sem estrelas. Vozes nos rádios
de controle comentam os comandos
do dia, do próximo dia.*

*Os ataques, as quedas, os
lanches, os chistes, os amores. “tambores
de Guerra” é a peça que escrevi.*

*A velha apanha de novo, o alemão
de novo explode, batendo continência,
em sangue, olhos fundos, um morto que
anda e marcha e grita – Halt!*

Abschluß!

II. 31/05/23

*Eu volto ao círculo de jovens jogando
um jogo*

*uma casa escura antiga mofada
me explicam as regras
eu reconheci uma delas eu não quis jogar
ela foi até mim e eu
disse “Eu amo Jesus ele vai me salvar”
“Eu amo Jesus ele vai me salvar”*

*A morte (noite) não deixa dizer
eu entrei vi dois quartos a sala banheiro a sala jantar um altar todo azul
ela veio até mim pôs as mãos sobre mim ela me domina. “O senhor é meu
guia ele vai me salvar” eu disse
o jogo*

*uma orgia eu via esperava não veio Jesus
mania (Maria) a cruz mais um jogo*

*alguma da escola que nasceu comigo foi no mesmo dia na mesma
hora no mesmo lugar a orgia não veio ela veio até mim
veio me controlar eu fugi na minha mente
eu senti desespero eu gritei por ajuda quase
me domina eu disse*

*“Eu amo a Jesus” eu disse “Ele vai
me salvar” eu disse eu não quis ser salvo
eu fui eu voltei
eu queria jogar eu só estava com medo*

*eu sabia que a ficar até quando não sei
talvez sempre na casa antiga
nos móveis de mogno sobre o carpete velho nos corpos dos novos todos
estavam juntos
marcaram horário*

*no som (sono) à noite
ao dia eu despertei.
Vem e fica (fecha) a
porta me disse
o amigo eu sei (sai) →*

*quis ver o fim
ver a orgia dos jovens felizes das horas marcadas os dados jogados na
velha cortina nos móveis de mogno no carpete velho nos rostos tão novos
nas taras antigas dos velhos bacantes dos greco-romanos dos judeus assírios
dos albinos núbios dos jovens desnudos da vida vadia da velha orgia de dois rituais
eu andei de costas*

*eu fui pela casa
entrei proibido fui detectado fui reconhecido por todos
por ela que nasceu no dia que nasceu a vela
o barro o banco o sol sol a pino
o mar cristalino as velhas bonecas boceta
tão lindas almofadas velhas os seios eretos as carnes maldivas corais
volto à casa dos jovens viados jogando
no espaço joguei três esteiras joguei três etapas não fiquei no quarto
eu fui transviado*

*a mesma magia dos gregos antigos
das arquibancadas das igrejas celtas
das casas de vidro eu fui perseguido fui capturado
eu tive cansaço eu tremi de medo a mão no meu rosto os olhos na mente o sorriso
impávido o corpo que sente no corredor frio a luz cinza
feia pela eternidade arranha (aranha) mil teias a mão
na minha cara o dedo sem rosto o beijo sem gosto perdi (pedi) asilo eu vi
por um fio minha liberdade a veracidade o sorriso Cristo (frio).*

Si i ver e fin
 Ve o oia do
 Juvo flogis do
 havo maceta o
 de de jgado na
 Velle cotiza no
 meus de magar
 ne carputi velle
 no noto tar novo
 nos tava en ju
 do vello bescula
 do que honore do
 Judum aviric do
 albino mibic do
 Juvo de mudo de
 Vte vdi de velle
 Ozi de deo a tavel
 de adic de cotas

un fri pal con
 enai pibic fri
 detactate fri relabell
 pa tdo po de se
 molla ne de se
 molla a vete e bone
 e bone e ad ad a
 pine e man inidic
 o velle bave bave
 tes Rits alampdas
 velle o novo auto o
 canna maldiva cois
 VLT i con do
 Juvo vado Jscul
 ne spay Juvi too
 estevim Jsuu too
 Mops ne fizee ne
 Juvi un fri tavel

a memm masi do
 Sego aniso do argi-
 bescula do ingos velle
 do con de vider in
 fri parvigit fri optind
 in TIVE conet in Tronl
 de mal a mai ne
 ma not o vello ne
 manis e venie impivir
 e cepr se vira ne
 condo fri a foy Cige
 fri pal Sternidic amant
 mil tons e mai ne
 mids con e ded Non
 NOTR e beip Non sotr
 in pedi on de in ve
 po um de mids Alabada
 a Venic fada e venie fura

31/05/23

Segunda página do exercício "II. 31/05/23".

Capítulo 3

O INCÊNDIO E EU

*(Práxis de uma investigação poética e política sobre
transtorno mental na universidade brasileira)*

3.1. *Introdução: Uma TV ligada, sozinha, na sala*

Na contemporaneidade, em que são tão presentes as pressões por sucesso e resultado nas áreas de atuação profissional, e por adequação ao cada vez mais demandante mercado de trabalho, o ingresso em uma instituição de ensino superior ainda é uma das maiores aspirações na vida de muitos jovens brasileiros. Entretanto, pouco se comenta que, para uma grande parcela destes, a experiência de ser e estar dentro do campus, ou de relacionar-se com o que a faculdade representa, escancara as portas da alma para toda sorte de desordens mentais; capazes de destruir a saúde física e emocional (e, por consequência, a vida social, acadêmica, profissional e financeira) dos indivíduos e daqueles que os cercam, levando-os até mesmo à morte, como nas vias do suicídio. Dentre estes males, temos em lugar especial, a depressão e a ansiedade, componentes do grupo que os médicos chamam Transtorno Mental Comum (Vieira, 2018).

Transtorno Mental Comum (TMC) – o sofrimento mais prevalente na população mundial – é designado

às pessoas que sofrem mentalmente e apresentam sintomas somáticos como irritação, cansaço, esquecimento, redução da capacidade de concentração, ansiedade e depressão. As projeções mundiais para 2030 são no sentido de incluírem estas perturbações entre as mais incapacitantes do ser humano (Lucchese *et al.*, 2004, p.201).

Em artigo de Graner e Cerqueira (2019, p. 1329), ao recolher os resultados de 37 artigos internacionais que analisaram alunos da área de saúde, entre 33,7% e 44,9% dos brasileiros no ensino superior relataram tais sofrimentos psíquicos – o que significa que, em média, a cada três universitários brasileiros, um está vitimado por problemas psicológicos. Por consequência, esses alunos tiveram seu desempenho acadêmico afetado nos resultados quantitativos, na capacidade de permanência no curso e – o mais importante – acabaram comprometendo como um todo a qualidade de vida (Vieira, 2018).

Tão severa tal situação que segundo estudo publicado na Revista da Universidade Vale do Rio Verde em 2018, uma pesquisa realizada no Brasil por Pereira *et al.* (apud Miranda *et al.*, p. 4) com 366 estudantes de quatro faculdades diferentes demonstrou que, em 2015, 12,6% dos universitários afirmaram ter desejos de morrer. Ainda, 5,5% dos mesmos afirmaram terem feito algo para tirar suas próprias vidas – o que caracteriza que

1 aluno a cada 10 apresentou ideação suicida, e 1 a cada 20 já atentou contra a própria vida.

Infelizmente, como demonstra outro estudo desta mesma publicação, de autoria de Eskin *et al.* (2016 *apud* Miranda *et al.*, p. 4), esses números não são expressivos apenas em nosso país. Ao administrar questionários a 5.527 estudantes universitários em 12 países de contextos culturais e socioeconômicos distintos, ele leva à conclusão de que ideação suicida, tentativas de suicídio e sofrimento psicológico são experiências frequentes na vida discente em todo o mundo. Os resultados nos mostram as alarmantes taxas de 28,8% dos entrevistados apresentando pensamentos suicidas, com 7% destes mesmos relatando a efetivação de pelo menos uma tentativa de suicídio – taxas essas que ainda supõem uma ocultação de dados verídicos em culturas nas quais tal assunto é tabu, impossibilitando assim uma estimativa exata do quão maior é a verdadeira proporção de indivíduos em risco (Vieira, 2018).

Entretanto, é fundamental entendermos que o ambiente universitário não é (e nem nunca foi) um ambiente socialmente isolado, especialmente no contexto atual de pandemia, em que as atividades educacionais presenciais foram canceladas e adaptadas às práticas do ensino remoto. O estudante que passava boa parte do seu dia no campus agora passa a esmagadora maioria do tempo em casa, em quarentena, confinado com outros confinados. O ambiente universitário físico foi esvaziado, e não havendo mais um deslocamento corporal ao campus que o isola temporariamente daqueles que o cercam (em geral, sua família), a quarentena tornou fisicamente indistinta os membros da universidade da sociedade como um todo. Ou seja, falar do sofrimento do universitário brasileiro, suas causas e consequências, hoje, é falar do sofrimento no Brasil, passado e presente. E, nesse exato momento, vivemos – há tempos – uma explosão de transtornos mentais.

Os indícios são amplamente observáveis na própria mídia. Um estudo publicado pelo Jornal da USP (Alegre, em 29 de julho de 2019) aponta que a já então turbulenta conjuntura política, social e econômica do país aumentou a exposição dos indivíduos a cenários de grave incerteza, como o desemprego, afetando ainda mais a saúde mental da população, e que, segundo a Organização Mundial de Saúde, o Brasil tornou-se nesse ano o país mais ansioso do mundo. No mesmo mês, a Revista Veja noticia que o resultado de uma pesquisa realizada de 2016 a 2019 demonstrou 86% da população brasileira vivenciando males psíquicos como depressão e ansiedade. Segundo a mesma matéria,

instituições ligadas à recrutamento e saúde do trabalho relataram que 20% dos funcionários brasileiros trabalhavam sob comprometedor pressão emocional, 32% dos trabalhadores sofriam efeitos do stress, 49% já tiveram crises de ansiedade, e 44% deles, esgotamento mental por razões profissionais (Passos, em 31 de julho de 2019).

Entretanto, em 2020, diante do início da realidade pandêmica global que se estende até hoje, psiquiatras do Reino Unido alertaram que o mundo vivia um “tsunami” de problemas de saúde mental, com drástico aumento no número de atendimentos de emergência dessa natureza (Roxby, pelo UOL, em 17 de maio de 2020). A expectativa inicial era de que a cada 16 pacientes com Covid-19 que nunca tiveram qualquer doença mental, 1 seria diagnosticado com algum transtorno do tipo dentro de três meses após a infecção – sendo o risco dobrado aos que foram hospitalizados (G1, em 18 de agosto de 2020). Entretanto, pesquisas nacionais indicam, no período de maio até junho, que quase metade dos entrevistados expressou sintomas de depressão, ansiedade e estresse, além de um aumento substancial no uso de medicamentos e outras drogas lícitas e ilícitas (Ferreira, pelo Jornal da USP, em 9 de fevereiro de 2021). E apesar do que se pudesse imaginar, os transtornos mentais causaram muito mais afastamentos de saúde no ambiente de trabalho do que diretamente o Coronavírus (Sena, pela Revista Exame, em 5 de agosto de 2021).

Após três anos do início da catástrofe política e sanitária, acumulando quase 705.000 vítimas em nosso país (Coronavírus Brasil, na data de 4 de agosto de 2023); em que até mesmo quem venceu a doença esteve sujeito a enfrentar as mais diversas sequelas físicas, emocionais e socioeconômicas decorrentes dela (Ziegler, pela Veja Saúde, em 18 de junho de 2021); o Brasil não apenas tornou-se líder mundial em índices de ansiedade e depressão durante a pandemia (Paixão, pela Folha de São Paulo, em 12 de fevereiro de 2021), como ainda mantém-se em tal posto após seu término (Folha de São Paulo, em 17 de julho de 2023).

Estando o contexto global um cenário apocalíptico, é difícil crer que os universitários brasileiros – grupo em que a prevalência de TMC é notadamente superior ao identificado na população geral (Graner e Cerqueira, 2019, p. 1340) – saíssem impunes dessa calamidade. Na verdade, os principais fatores que colaboram para o adoecimento psíquico dos mesmos já estavam estabelecidos, e tem a ver com questões socioeconômicas preexistentes: possuir expectativas negativas em relação ao futuro profissional, vivenciar estresse, pertencer ao sexo feminino, residir em área sem

saneamento básico, possuir baixa renda, baixo apoio social, baixa autoestima, haver sofrido discriminação (racial, idade, classe), perceber o clima da universidade como tenso em relação à discriminação (gênero, raça, orientação sexual), ter tido preocupação com a segurança pessoal e ter sofrido agressão (p.1338, 1339, 1342). É fácil perceber o contrário: a pandemia só piorou o que já estava ruim – e por ruim, podemos entender nossa realidade social e econômica, o reflexo de uma condição terceiro-mundista, legado de nosso passado colonial e de nosso presente (e não-futuro?) neoliberal.

3.2. Psicografias de um condenado da terra

Diante dos massacres perpetrados pela república francesa durante a Guerra de Independência Argelina (1954 – 1962) na tentativa de suprimir os movimentos autóctones de libertação nacional, em 1956, após três anos exercendo o cargo de médico-chefe do Hospital Psiquiátrico de Blida-Joinville, o psiquiatra e revolucionário marxista Franz Fanon, por meio de sua *Carta ao Ministro Residente*, notificou ao seu superior o desejo de ser demitido. “Embora as condições objetivas da prática psiquiátrica na Argélia constituíssem já um desafio ao bom senso”, graças às estruturas do sistema colonial “cujas bases doutrinárias se opunham quotidianamente a uma perspectiva humana autêntica”, Fanon não poupou esforços e entusiasmo na tentativa de mitigar o sofrimento mental dos argelinos (Fanon, 1980, p. 57).

A prática médica, entretanto, mostrou-se insuficiente: de forma análoga à formulação fanoniana da origem sociogênica da alienação do negro (2008, p. 28), não era possível permitir a um paciente argelino “deixar de ser estranho ao que o rodeia”, pois “o Árabe, alienado permanente no seu país, vive num estado de despersonalização absoluta”, e a estrutura social existente, que instaurava “uma desumanização sistematizada”, “opunha-se a qualquer tentativa de voltar a dar ao indivíduo o seu lugar”. Em uma sociedade onde perde-se por meio da loucura o resto de liberdade, e “o não-direito, a desigualdade” e “o assassinio multiquotidiano” são características inerentes à institucionalidade vigente, era absurda a aposta de “querer, custasse o que custasse, fazer existir certos valores” necessários ao reestabelecimento da saúde mental dos cidadãos (1980, p. 58).

De maneira semelhante à então realidade argelina, para além de especificidades fisiológicas ou vivências e revivências traumáticas isoladas, é possível compreender e identificar esta particular dimensão social, em países como o Brasil, na origem das doenças mentais que assolam os partícipes dessas sociedades. Erigidas sobre o cadáver dos derrotados, sequestrados e sacrificados por e em favor da barbárie civilizacional europeia, a manutenção das dinâmicas socioeconômicas instauradas, mesmo nas instituições mais basilares impostas aos povos vítimas da colonização e do imperialismo, gesta em seu ventre as violências e as patologias que supliciam tais populações tanto no plano físico quanto psicológico.

Despertemos para as implicações psicopatológicas do modelo colonial nas periferias do capitalismo, e para o entrelaçamento histórico entre capitalismo, modernidade, racismo e doenças mentais. Aqui me apresento diante de vocês, trazendo comigo tanto interpretações diagnósticas de tal fenômeno, e possíveis caminhos para a superação deste problema, quanto a constatação de que, ao contrário do senso comum apregoadado pela narrativa neoliberal, que imputa à origem dos problemas mentais causas meramente químico-biológicas e soluções que se restringem à responsabilidade individual (Fisher, 2020, p. 67), tais caminhos são inalienavelmente políticos.

Colônias “não são organizadas de forma estatal e não criaram um mundo humano”. São habitadas por ditos “selvagens”, indivíduos não soberanos, não-cidadãos; são “zonas de guerra e desordem”, onde “os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos”, e “a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da ‘civilização’”. No pensamento filosófico moderno e no imaginário político europeu e sua práxis, elas representam o lugar em que “a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei”, no qual “a ‘paz assume a face de uma ‘guerra sem fim’” (Mbembe, 2016, p. 132 - 133).

A “empresa colonizadora”, em última instância, “é um negócio” (Oliveira Júnior, 2002, p. 40). Por toda a história oficial do domínio português sobre o Brasil, por exemplo, para plenamente concretizar (como o fizeram) a aspiração de transformar sua colônia americana em uma simples produtora e fornecedora de produtos úteis ao comércio metropolitado, ela foi mantida “sob rigoroso regime de restrições econômicas e opressão administrativa”, abafando a maior parte das possibilidades do país” (Prado Júnior, 2008, p. 55). As estruturas, as atividades e a organização da sociedade brasileira e sua economia eram subordinadas exclusivamente aos interesses do lucro advindo do comércio exterior, emanando tudo deste objetivo, de forma que, se formos à essência da nossa formação, nos depararemos com o fato de que

(...) nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais do que isto. (Prado Júnior, 1961, p. 25 – 26).

As colônias são locais do exercício do “poder sem limite” (Oliveira, 2018, p. 49), da necropolítica de Mbembe, que não é mera “disseminação da morte como prática política”, mas

(...) um processo de constituição da soberania do poder por meio da estruturação de espaços como subalternizados (colônias) em que se exerce o poder sem lei (...) e que se fundamenta racionalmente pela mobilização da categoria raça como um dispositivo científico-racional. (Oliveira, 2018, p. 49).

Tais ferramentas “subjugam a vida ao poder da morte”, com a finalidade de instaurar “mundos de morte”, em que “vastas populações são submetidas a condições de vida que lhe conferem o status de “mortos-vivos” (Mbembe, 2016, p. 146), estruturando as colônias: espaços demarcados por meio da violência física e subjetiva; que relegam aos povos dominados um status entre “sujeito e objeto”, permitindo a extração de recursos e o exercício da soberania pelos perpetradores da ocupação colonial (p. 135).

No Brasil, não havendo nesse processo nenhuma prioridade no desenvolvimento de uma nação, muito menos certeza alguma sobre uma possível independência futura, “o que se verifica é a construção de um sistema para explorar. Se se formou algo, algo foi formado para ser explorado” (Szmerecsányi *apud* Oliveira Júnior, 2002, p. 40), urdido desde o início com a presença do trabalho forçado de povos escravizados (no modelo português, principalmente africanos sequestrados) suprimindo a ampla demanda de mão-de-obra, insuficiente na metrópole ibérica, para atividades nos territórios conquistados (exemplo que seria seguido quase um século mais tarde também nas colônias da América do Norte, enquanto na América espanhola se aproveitou, em sua maioria, da população originária local) (Prado Júnior, 1961, p. 24).

De fato, modernidade, capitalismo e colonialismo desenvolveram-se juntos, sempre amalgamados. Tanto o que por fim entendemos como sistema mundial, quanto as próprias Américas como construto social, nasceram ao longo do século 16, sendo a criação dela como entidade geossocial “o ato constitutivo do sistema mundo moderno”. As Américas, portanto, não foram incorporadas a uma economia capitalista mundial preexistente, mas, pelo contrário, “não poderia ter havido uma economia capitalista mundial” sem o fundamento de uma relação entre elas e a Europa (Quijano, Wallerstein *apud* Mignolo, 2003, p. 84). Na medida em que o continente colonizado empobreceu materialmente, a transferência dessa riqueza sustentou e inseriu o continente europeu no sistema mundo moderno.

Mantendo-se fiel às suas origens, ainda hoje “o próprio capitalismo mundial impõe um padrão de poder baseado nas formas de dominação colonial”, mantendo formas

de dominação características, mesmo após o período histórico das administrações coloniais, que se reproduzem nos “mecanismos do sistema-mundo colonial/moderno”. A mera extinção do colonialismo histórico-político nas Américas não foi, portanto, “condição necessária e suficiente para a emancipação política, econômica e cultural desses países ditos periféricos”. Em países como o nosso, nascidos para serem explorados, o processo colonizador estabeleceu uma série de “mecanismos de controle do conhecimento, da subjetividade, da exploração do trabalho e hierarquização do mundo que formam a base do sistema-mundo sob o domínio europeu” (Icle e Haas, 2019, p. 103 - 104), a chamada “colonialidade do saber e do poder”, expressas principalmente “pelo acesso ao trabalho qualificado (e suas normas reguladoras)” (Oliveira, 2018, p. 52) e pela introdução do conceito de raça,

(...) uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. (Quijano *apud* Oliveira, 2018, p. 52).

Os europeus – “arianos”, mediterrâneos, alpinos etc. – neste contexto passaram a considerarem-se brancos, enquanto a grande massa de povos colonizados era “uma população indistinta”, igualados apenas na “vocação de servir” aqueles que tinham “o dom dividido e biológico de governá-la” (Moura, 1994, p. 5). Instituiu-se “tanto a constituição quanto a perpetuação da existência de sujeitos e saberes subalternizados” nessas sociedades (Icle e Haas, 2019, p. 104). O status colonial é senão a sujeição organizada de todo um povo (Fanon, 1968, p. 71), e o racismo, um dos galhos ideológicos do capitalismo que ainda hoje se perpetua como “ideologia de dominação do imperialismo em escala planetária e de dominação de classes em cada país particular”, é tanto uma forma de explicar tal sistema quanto o pilar de seu êxito (Moura, 1994, p. 3):

“de um lado, exterminar as populações autóctones das áreas ocupadas e, de outro, justificar o tráfico negreiro com a África, um dos fatores mais importantes da acumulação capitalista nos países europeus (Moura, 1994, p. 3).

Numa perspectiva histórica, a desumanização com base em critérios raciais, que culminou na sistematização industrial de morticínios durante o extermínio nazista, além de suas premissas ideológicas e materiais, podem ser verificáveis já no imperialismo colonial (Mbembe, 2016, p. 129). Tais horrores, típicos do que o mundo ocidental tem como paradigma supremo de barbárie, foram tolerados e legitimados, enquanto prática,

pela moral burguesa metropolitana; até o humilhante momento em que, por fim, os aplicou o europeu sobre o europeu, não mais se limitando a vitimar povos não-brancos. No horizonte do capitalismo, desejoso de sobreviver a qualquer custo, “há Hitler” (Césaire, 1978, p. 18 - 19).

“A civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial” (Fanon, 2008, p. 88). Até no campo intelectual, inúmeros são os exemplos de pensadores liberais que, a seus povos pregando liberdade política e econômica, não entendiam tais ideais de emancipação aos que consideravam inferiores. Por definição, a própria democracia liberal capitalista nunca essencialmente se contrapôs ao estatuto da exploração sistêmica dos povos: a independência estadunidense deu poder a diversos presidentes donos de escravos, o que nunca impediu os EUA de se considerarem uma democracia (Losurdo, 2011, p. 173) e o próprio pai do liberalismo inglês, John Locke, além de ser um teórico da escravidão, era acionista da Royal African Company, sociedade que cuidava do tráfico de escravizados africanos (p. 178). Tomemos como exemplo a explicitação do pensamento público liberal pragmaticamente perverso, mesmo entre os ditos humanistas, que achava a espoliação natural, defendendo que os povos não-brancos devem ser tutelados (Moura, 1994, p. 4), e que democracia e liberdade possuem lugar apenas no mundo ocidental cristão e encontrado em obras como “Sobre A Liberdade”, já no meio do séc. XIX. Nela, John Stuart Mill é categórico:

O despotismo é uma forma legítima de governo quando se lida com bárbaros, desde que o objetivo seja o seu desenvolvimento, e desde que os meios sejam justificados por verdadeiramente alcançarem esse fim. A liberdade, enquanto princípio, não tem aplicação a qualquer estado de coisas anterior a uma altura em que a humanidade se tenha tornado capaz de se desenvolver através de uma discussão livre e equitativa. Até lá, nada lhes resta senão obedecer tacitamente a um Akbar ou a um Carlos Magno, se tiverem a sorte de arranjar um (Mill, 2011).

Apesar da explicitude de tamanho racismo em épocas tão próximas, com a passagem do colonialismo para o imperialismo (neocolonialismo), o racismo como instrumento é então remanejado, modernizou-o na medida da necessidade de armas de dominação mais sofisticadas. As metrópoles passaram a ver as áreas coloniais como habitadas por “povos indolentes”, “incuravelmente incapazes” de se gerirem bem o suficiente para se elevarem ao nível dos países brancos, desenvolvidos graças às suas qualidades necessárias, ao contrário do mundo não-branco que, carecendo delas, permanecem subdesenvolvidos. “Nossa inferioridade congênita e inapelável – biológica

e psicológica – nos reduzia a satélites do processo civilizatório” nos negava o “acesso à história, à civilização e à igualdade de direitos”; e mesmo nossas lutas de libertação nacional não eram considerados políticas, mas pré-políticas: “etnocêntricas”, “messiânicas”, “movimentos atípicos”, “xenófobos”, “revoltas tribais” que nada faziam além de perturbar o percurso do branco progresso (Moura, 1994, p. 5 - 6).

Na América Latina, o racismo, como ideologia do colonialismo, se enraizou no pensamento da elite intelectual colonizada, e todo o arsenal do moderno racismo científico que vinha da Europa era repetido sem filtro, não porque fosse “a última palavra da ciência”, mas porque o julgamento dessas teses já vinha importado das metrópoles. Durante o período do processo abolicionista (cerca de 1852 a 1880), os escravagistas tinham como um dos suportes para a legitimação da escravidão a inferioridade biológica e cultural do povo africano, a inaptidão do indígena à civilização, e o desequilíbrio incurável e falta de lugar do mestiço; ao passo que “conclusões antirracistas eram consideradas heresias científicas”. O espírito de tal visão resistiu à abolição e o fim do Império pelo golpe militar republicano, e com persistência das oligarquias agrárias, o racismo brasileiro procurou novas roupagens “científicas”, até finalmente recompondo-se ideologicamente ao se alinhar com os princípios característicos da ascensão do partido nazista: o de desejo de construir um país eugênico (p. 7).

Entretanto, mesmo após tantas vitórias nas lutas pelo o reconhecimento da humanidade dos povos oprimidos, temos exemplos, não tão distantes quanto surpreendentes, de autores como Hannah Arendt, que apesar de ter vivenciado de perto o extermínio do povo a qual pertencia e aplaudido a derrocada do nazifascismo institucionalizado (e o rechaçar pelas nações, ao menos a nível oficial, de seus ideais), não hesitou em destilar por diversos textos um desprezo condescendente por povos negros, como em sua obra mais famosa, “Origens do Totalitarismos” – publicada em 1951, mal terminado o maior conflito político e étnico racial do séc. XX. A proposta de Arendt de denunciar a violência e o racismo colonial não foi suficiente para a impedir de insistentemente retratar o continente africano como “povoado e abarrotado por selvagens” (Arendt, 2012, p. 267), e reproduzir o imaginário da velha invenção europeia do “negro bárbaro” (Césaire, 1978, p. 37).

No fundo, o pensamento por trás das justificativas eurocêntricas para o estupro das nações periféricas nunca se limitou aos tempos pré-Iluministas, resistindo até a contemporaneidade, indissociável do cerne até do pensamento burguês das metrópoles

mais esclarecidas e progressistas, que não somente se contrapuseram aos diversos movimentos de independência de suas ex-colônias por todo o séc. XX, como também os escarneceram.

Os brutais e perversos vestígios da colonialidade acozzam ainda os povos das ex-colônias, mesmo após a independência oficial de suas nações, tanto a nível internacional e intranacional. Não apenas nas consequências materiais das transferências de riqueza ou na posição inferiorizada a que foram postos a nível de economia global encontramos tais reverberações, mas também em manifestações mais diretas, como a violência pujante das modalidades atualizadas de opressão sistêmica, e nas agruras mentais decorrentes da constante exposição dessas populações a tais circunstâncias. Tal maneira contemporizada com que, hoje, tais práticas de submissão corporal se apresentam, tem notáveis exemplos: desde a forte presença das estruturas repressivas e militares remanescente em nossas fragilíssimas democracias latino-americanas (Oliveira, 2018, p. 50), até a intensiva contenção dos moradores das periferias brasileiras, elevados a categoria de “inimigos internos” a serem combatidos, o que as transformam em um claro arquetipos de colônia, onde o exercício do poder por meio de aparatos policialescos de estado não conhece limites (*Ibid.*). Sendo a necropolítica “a forma política adequada ao capitalismo em crise estrutural” (Hillario apud Oliveira, 2018, p. 49), dado o recrudescimento dos conflitos político-econômicos a que as crises cíclicas do capitalismo nos submetem, tendem a crescer ainda mais a violência estatal perpetrada contra as já massacradas populações, e os inevitáveis danos mentais decorrentes desse crime.

No interior da instituição psiquiátrica brasileira, historicamente, nos deparamos com o fato de que o verdadeiro compromisso da nossa inteligência não era de forma alguma entender e tratar os males daqueles que sofrem com a exploração colonial e suas consequências, mas, pelo contrário: numa perspectiva completamente colonizada e verdadeiramente servil, adequar-se apaixonadamente ao pensamento (e ao interesse) das grandes metrópoles, não medindo esforços para moldar nossa sociedade com base nos princípios da eugenia, uma modalidade cientificista do velho racismo.

Na época da ascensão do nazifascismo, houve aqui um trabalho ideológico racista por parte de nossa intelectualidade, cuja divulgação e prática concentraram-se principalmente na Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada no Rio de Janeiro, em 1923 (e em sua filha, a Liga Paulista de Higiene Mental, de 1926). Com o direcionamento higienista ao se dedicar à prevenção de doenças mentais em nossa sociedade, os grandes

nomes da ciência psiquiátrica brasileira adotaram abordagens ideológicas de superioridade racial vindas do arianismo prevalente na Alemanha (Moura, 1994, p. 7).

A Liga concentrou-se em especial nas atividades de política pública, promovendo rigorosos critérios raciais de imigração, condenando a entrada de negros e asiáticos (“rebotelhos de raças inferiores”), alegando que “já nos bastavam os nordestinos, os híbridos e os planaltinos miscigenados com negro”, encomendando logo depois, em 1928, a proibição da entrada de mestiços no país; enquanto a “extinção não muito remota” dos indígenas amazonenses era comemorado por alguns de seus membros. Eles reivindicavam também uma reforma eugênica dos salários, que beneficiasse os brancos, e desse “concessões de benefícios econômicos e financeiros às famílias que procriassem indivíduos ‘superiores’”. Em contrapartida, o grupo elogiava em suas publicações de 1934 a “nova e grande lei alemã de esterilização dos degenerados” e dos “doentes transmissores de taras”, assinada por Hitler, baseando-se nela para propor Tribunais de Eugenia em que “decidiriam sobre a esterilização e o confinamento de membros das raças inferiores” (p. 7 - 8).

Não surpreendentemente, elogiosos também da “consequência benéfica para a raça” das torturas e dos sacrifícios da Inquisição, a Liga associava suas ações com a polícia, “sempre caracterizadas pela truculência”, em que alcólatras delatados pelas autoridades eram forçosamente submetidos a tratamentos de acordo com os métodos dos psiquiatras do grupo, nas instituições de saúde mental do grupo, que funcionaram por cerca de três décadas (p. 8). Afinal, “o psiquiatra é o auxiliar da polícia”, protegendo da sociedade dos elementos anárquicos que ela rejeita, os interna (Fanon, 2020).

Após a queda no nazifascismo, o curto período em que a igualdade racial pareceu se estabelecer no ideário médico foi novamente abalado, com o advento, na década de 1970, de uma nova ciência: a sociobiologia, “uma ideologia biológica” que se empenha em provar que, tal qual os animais, “todo comportamento humano é determinado geneticamente”, dando uma nova roupagem ao velho darwinismo social. “Como o velho racismo, a sociobiologia procura explicações biológicas para fenômenos sociais”, estudando, por exemplo, como identificar e tratar quimicamente criminosos em potencial, com “marcadores bioquímicos” e “tratamentos com drogas para comportamentos violentos e antissociais, embora admitindo a escassez de evidências substantivas para uma propensão ao crime de per si”. Tal é uma “volta disfarçada aos métodos eugênicos dos

cientistas do III Reich”, que desemboca no larguíssimo potencial racista da engenharia genética, se levada às últimas consequências (Moura, 1994, p. 11 – 12).

Entretanto, na contramão de toda a abordagem eugenista europeia para com a saúde mental, Franz Fanon busca entender o âmago do problema existencial dos subalternos, dismantelando qualquer argumento de hierarquização biológico racial para a origem das neuroses daqueles que pertencem às periferias do capitalismo. Com base, em especial, na sua vivência de contato direto com o sofrimento psíquico do povo argelino, Fanon denuncia, em “Os Condenados da Terra” o verdadeiro problema, o processo colonial e suas consequências psíquicas nos povos oprimidos:

O imperialismo que hoje se bate contra uma autêntica libertação dos homens abandona por toda parte germes de podridão que temos implacavelmente de descobrir e extirpar de nossas terras e de nosso cérebro. (Fanon, 1968, p. 211).

Para ele, “a colonização, em sua essência, se apresentava já como uma grande fornecedora dos hospitais psiquiátricos”. Apresenta-se uma notada dificuldade de “curar” um colonizado, no sentido de “o tornar homogêneo de parte a parte com um meio social do tipo colonial”, pois a colonização, diferente de uma simples ocupação (como a própria ocupação nazista da França) que ainda mantém a identidade humana do vencido, é “uma negação sistematizada do outro, uma decisão furiosa em recusar ao outro qualquer atributo de humanidade”; transformando a população local em um mero elemento, dentre outros, no “cenário natural” para a presença do colono que desfruta do território domado (Fanon, 1968, p. 212). Por efeito:

No período de colonização não contestada pela luta armada, quando a soma de excitações nocivas ultrapassa um certo limite, as posições defensivas dos colonizados desmoronam, e estes últimos se veem então em grande número nos hospitais psiquiátricos. Há, portanto, nesse período calmo de colonização vitoriosa, uma regular e importante patologia mental produzida diretamente pela opressão. (Fanon, 1968, p. 212).

Entre colonizador e colonizado não há qualquer contato humano, apenas dominantes e submetidos, transformando o colonizador em um descivilizado instrumento de tortura e exploração, e o indígena em instrumento de produção, concretizando a máxima “colonização = coisificação” (Césaire, 1978, p. 17 – 25). Nessa relação,

[...] só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as cultas obrigatórias, o desprezo, a

desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas (Césaire, 1978, p. 25).

Em “Peles Negras, Máscaras Brancas”, Fanon debruça-se sobre a questão da subjetividade negra para com a branquitude, questões essas que, em certa medida, abarcam todo o mundo colonizado. Para ele, no encontro com o mundo negro, com os “povos selvagens”, encontrou o europeu um bode expiatório, uma resolução do conflito interno entre “as pulsões mais imorais, os desejos menos confessáveis”, adormecidos no inconsciente pelo recalçamento do “não-civilizado” dentro dele, e sua autoimagem ideal, que tenta elevar-se “em direção à brancura e à luz”: sua sociedade transferiu ao negro “o princípio do mal” (Fanon, 2008, p. 161). Para o europeu então, os indivíduos não-brancos (assim como os judeus) tornaram-se a mais explícita representação desse Mal. Mas o negro, simplesmente por ser negro, não se limita a ser o Mal: é o Mal, o Feio, o genital (p. 154) e símbolo do que é biológico (p. 144), o símbolo da sujeira física e da sujeira moral. Afinal, um homem negro, as trevas, a imundice, o carrasco e o próprio Satã, possuem todos, aos olhos brancos, a mesma cor. O negro é, concreta e simbolicamente, o lado ruim da personalidade branca (p. 160), um objeto fobógeno, ansiógeno (p. 134). O branco, por ser branco, incita-se a assumir só para si a condição de ser humano, obedecendo a um complexo de autoridade, de chefe, enquanto resta ao desumanizado, antilhano ou malgaxe, querer ser branco (p. 27 e 94).

Inadvertida do que pensam dela, entretanto, uma criança negra normal, tendo crescido no seio de uma família também normal, assim permanecerá, a não ser que tenha o menor contato com o mundo branco. E frequentemente esse negro que se anomaliza nunca teve sequer contato direto com um indivíduo branco, sendo suficiente apenas que seja atingido por essa cultura (p. 129 – 130).

Fora algumas circunstâncias adversas, para Fanon, “toda neurose, todo comportamento anormal, todo eretismo afetivo em um antilhano resultam da situação cultural”, e nas Antilhas, por exemplo, não havendo nenhuma expressão negra, desde o período escolar os jovens negros aprendem a se identificar-se com o explorador, o civilizador, que traz uma verdade toda branca aos selvagens: assimilam uma *Weltanschauung* essencialmente branca, e considerando negro apenas o africano, só quando forem assegurar sua brancura indo de encontro com a Europa, vão se defrontar com a própria cor (p. 132 e 135).

Começa-se a sofrer então o sujeito de cor por não ser branco, na medida em que o branco impõe uma discriminação, faz dele um colonizado, extirpa-o de qualquer valor ou originalidade, o considere um parasita que deve acompanhar o mais rapidamente possível o mundo branco; uma “besta fera”, pertencente a um povo excremento, que não tem nada a fazer no mundo que não ser “fornecedor de cana macia e de algodão sedoso”. Tal sujeito passa simplesmente a tentar fazer-se branco, querendo obrigar o branco a reconhecer sua humanidade, extraviada pela atitude subjetiva do branco, ignorada pelo autóctone enquanto vive ele somente entre os seus. “Mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina”, e então percebe que as proposições que havia absorvido como suas são meras irrealidades (p. 94 e 133).

Diante desse choque, “quando os negros abordam o mundo branco, há uma certa ação sensibilizante”, que se a estrutura psíquica se revelar frágil, ocorre um desmoronamento do ego, cessando ele de comportar-se como um indivíduo *acional*. O sentido de sua ação passa a estar no Outro, o branco, pois “só o Outro pode valorizá-lo”. O negro se torna um ser de comparação, constantemente preocupado com autovalorização e com o ideal do Eu, surgindo nele a questão do valor e do mérito em todo contato com um outro. “Os antilhanos não possuem valor próprio, são sempre tributários do aparecimento do Outro”, não sendo exclusivamente um antilhano que apresenta a estrutura do neurótico, mas todos eles, pertencentes a “uma sociedade neurótica”, “uma sociedade ‘de comparação’” (p. 136 e 176 - 177).

Do lado de fora de seu laboratório de psicanalista, ao integrar suas conclusões sobre o quadro de um típico paciente negro ao contexto do mundo, de certa maneira, Fanon nos apresenta um diagnóstico paradigmático, comum aos oprimidos pela colonização:

1. Meu paciente sofre de um complexo de inferioridade. Sua estrutura psíquica corre risco de se desmantelar. É preciso protegê-lo e, pouco a pouco, libertá-lo desse desejo inconsciente.
2. Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica (Fanon, 2008, p. 95).

Ecoa até nós, na prosa fanoniana, a inconfundível voz que conclama todos aquele que, ao completar a etapa de compreensão de sua realidade, tem por feita sua tarefa histórica: “O problema não é mais conhecer o mundo, mas transformá-lo” (Marx *apud* Fanon, 2008, p. 33). E indiscutivelmente a necessidade de tal transformação existe, “em estado bruto, impetuoso e coativo”, na consciência e na vida dos indivíduos colonizados (Fanon, 1968, p. 26). Mas como fazê-lo? Como libertar o negro, o argelino, ou qualquer outro povo vitimado pelo colonialismo europeu e suas reverberações, tão antigas quanto atuais, do sofrimento psíquico infligido por essas estruturas?

O primeiro erro é buscar soluções moralistas, individuais e psicologizantes para problemas sistêmicos, já que “o colonialismo não é um tipo de relações individuais”, mas sim a opressora submissão de um território nacional e de seu povo. Fanon nos conta que mesmo no espírito dos democratas franceses, à época da guerra argelina, “por não terem entendido que o colonialismo é apenas uma dominação militar”, situavam “um problema nacional num plano psicológico”, pregando não o reconhecimento do direito à autodeterminação daqueles que sua nação explorava, mas a mera “necessidade à escala individual de comportamentos menos racistas, mais abertos, mais liberais” (1980, p. 91); o que obviamente não se mostraria suficiente para aplacar a justa violência dos revoltosos.

O segundo engano é a via do identitarismo rasteiro – de espírito essencialista, que nada mais faz que calcificar dinâmicas sociais ao impedir que os diversos grupos de trabalhadores, reconhecendo-se como classe, se unam contra seus opressores. É este oposto do nacionalismo tático presente no combate pela dignidade nacional, que “dá à luta pelo pão e pela dignidade social a sua verdadeira significação”, cuja relação interna “é uma das raízes da imensa solidariedade que une os povos oprimidos às massas exploradas dos países colonialistas”. É preciso ter em mente que “o processo de libertação do homem, independentemente das situações concretas em que se encontra, engloba e diz respeito ao conjunto da humanidade” (p. 173), e tal interseccionalidade é tão indispensável que, segundo Marx, “o trabalho de pele branca não pode se emancipar onde o trabalho de pele negra é marcado a ferro” (Marx, 2011, p. 464).

Não será por fortalecer posições estanques, deixando “o branco (...) fechado na sua brancura” e “o negro na sua negrura” (Fanon, 2008, p. 27) que nos libertaremos, pois “aquele que adora o preto é tão ‘doente’ quanto aquele que o execra”, “o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco”, e, em termos

absolutos, o negro não é mais ou menos amável que ninguém: é apenas um ser humano, e “na verdade trata-se de deixar o homem livre” (p. 26).

De fato, “a desgraça do homem de cor é ter sido escravizado”, e a desgraça e desumanização do homem branco consistem, ainda hoje, “em organizar racionalmente essa desumanização” (p. 190). Mas ele, em especial, o negro, não deve mais ser colocado diante do dilema “branquear ou desaparecer”, e sim poder então “tomar consciência de uma nova possibilidade de existir” (p. 95). Se a sociedade cria contra ele dificuldades por causa de sua cor, ao ponto que o faça desejar ter outra cor, Fanon não nos diz para afastá-lo desta sociedade, mas,

“(…) uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de *escolher* a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (Fanon, 2008, p. 95 – 96)

Não sejamos ingênuos, entretanto, de que os meros “apelos à razão e ao respeito pelo homem possam mudar a realidade”. Para o negro, o malgaxe, o argelino, os explorados em África, os explorados em Ásia, os explorados nas Américas, em especial, na América Latina, no nosso Brasil, só há uma solução: a luta. E essa luta, empreenderá e conduzirá pelo oprimido não após uma análise conjuntural marxista ou idealista, “mas porque, simplesmente, ele só poderá conceber sua existência através de um combate” (Fanon, 2008, p. 185 – 186) contra a exploração, a miséria, a fome, a hierarquização racial, a eugenia médica e social, as desigualdades de direitos, recursos e oportunidades, a violência sistêmica, e, por fim, toda a racionalidade moderna. Em suma, uma luta revolucionária contra a morte, contra o capitalismo, que quando finalmente superado, nos libertará a todos em direção a uma nova etapa da história humana. Até lá, faço minhas as palavras de Frantz Fanon:

“Eu, homem de cor, só quero uma coisa: Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem. Ou seja, de mim por um outro. Que me seja permitido descobrir e querer bem ao homem, onde quer que ele se encontre (FANON, 2008, p. 191).

3.3. Suicídados da sociedade

Às nove da manhã de 16 de janeiro de 2017, no *Goldsmiths College*, a turma do seminário “*Postcapitalist Desire*” estava anormalmente grande. Alunos de todos os tipos e níveis lotaram a sala onde as aulas se deram por cinco segundas-feiras seguidas – muitos deles esperando que o rumor de que não haveria um sexto seminário não fosse verdade (Colquhoun *in* Fisher, 2020, p. 210).

O que alguns não queriam acreditar, mas todos já sabiam, é que três dias antes, seu professor, o escritor Mark Fisher, após anos falando sobre depressão no neoliberalismo – e lutando contra ela –, foi encontrado em sua casa já sem vida. Enforcou-se (Howlett, pelo Ipswichstar, em 18 de julho de 2017).

127 anos antes, às nove horas da noite de 27 de julho de 1890, o pintor Vincent van Gogh retornou ao albergue onde dormia em Auvers-sur-Oise, anormalmente tarde e ferido. Sobre a bala que furou seu peito, foi sincero:

– Eu tentei me matar.

Agonizou por mais dois dias na presença do irmão, e na segunda noite, conseguiu. A doença mental o fez matar-se, dizem (Van Gogh Museum, s. d.).

Uma hipótese muito mais verdadeira (dessa e a de um suposto assassinato) foi apresentada em 1947: para Antonin Artaud, outro “louco” torturado pelas instituições médicas, o ocorrido ao “irmão no desespero das vísceras” (Teixeira Coelho, 1982, p. 45) é o mesmo o que ocorreu a Baudelaire, Gérard de Nerval, Edgar Poe e Lautréamont (Artaud, 2017, p. 57) – lista cuja atualização incluiria tantos outros como Bispo do Rosário, Stella do Patrocínio, Sylvia Plath, Alejandra Pizarnik, o pobre Mark Fisher e eu mesmo, em breve. Não, não, Van Gogh não era louco, muito menos suicidou-se em ataque de loucura. Mas por ter rompido com as amarras da consciência geral, foi castigado (p. 9 e 15):

– Agora basta, Van Gogh: à tumba... (p. 57), lhe disse a sociedade.

E à tumba ele foi, suicídado, porque o consenso social já não podia suportá-lo (p. 49).

Ninguém se suicida sozinho. Nunca ninguém esteve só no próprio nascimento, nem na própria morte – a sociedade lá está (p. 58). Embora matar-se seja, em última

instância, um movimento do indivíduo para consigo mesmo, “precisa-se de um exército de seres maléficos para que o corpo decida-se pelo ato *contra natura* de privar-se da própria vida” (*Ibid.*).

“Cada época possui suas enfermidades fundamentais” (Han, p. 7, 2015), e cada configuração societal distinta propicia formas particulares e historicamente determinadas de expressar e exercer do sofrimento (Safatle; Junior; Dunker, p. 30, 2021). Diferem-se então os suicídios de hoje e de ontem em seus contextos, motivos e percursos, tal qual diferem (e até mesmo se contrapõem em diversos aspectos) o modo com que se manifesta o capitalismo em cada uma de suas etapas.

Entretanto, da mesma forma que convergem as vítimas no modo de chegada à tumba, por detrás das particularidades das duas épocas encontram-se as bases de um mesmo modelo econômico, pautado pela “exigência de acumulação ilimitada do capital por meios formalmente pacíficos” (Boltanski; Chiapello, 2009, p. 35). Modelo que, como dizem os comunistas: a) a terra, as fábricas, os instrumentos de produção etc., pertencem a um pequeno número de latifundiários e capitalistas, enquanto a massa do povo, por não possuir quase propriedade nenhuma, nem a própria merda que caga, b) se vê obrigado a vender sua força de trabalho ao patrão em troca de salário – que se constitui do mínimo imprescindível para que o trabalhador e sua família não morram de uma vez. Todo o fruto do suor operário que vale acima do custo de manutenção o capitalista chama de lucro mete na própria cloaca (Lenin, p. 39 – 47, 1961).

– Que sociedade é essa que nos conta, Sr. Artaud?

A mesma vivida por Karl Marx (1818 – 1883), Sigmund Freud (1856 – 1939) e Vincent van Gogh (nascido três anos antes do psicanalista); e analisada pelos três, cada um à sua forma.

Enquanto a estruturação das relações produtivas, institucionais e interpessoais em função dos interesses do capitalismo industrial, e a intrínseca formação e exploração do proletariado, são pilares do Manifesto do Partido Comunista (1848) e d’O Capital (1856) marxiano; a vida destes mesmos trabalhadores é tema recorrente no gênio Van Gogh, seja no campo (“A Vinha Encarnada” e “O Semeador no Sol Poente”, 1888), na mineração (“*Women Miners*”, 1882), na indústria têxtil (“*Weaver Near an Open Window*” e “*Weber*

am Webstuhl mit Haspel”, 1884) no lar (“Os comedores de batatas” e “*Peasant Woman Cooking by a Fireplace*”, 1885), ou quando sequestrado nas instituições de manutenção e adestramento corporal, como hospitais (“*Ward in the Hospital in Arles*, 1889) e presídios (“*La Ronde des Prisonniers*”, 1890). Já as implicações subjetivas desse ambiente foram o campo de análise e elaboração da nascente teoria psicanalítica, e os estudos de caso, sobre os quais construiu o Sr. Freud seu edifício teórico, foram publicados em “Estudos sobre a Histeria” (1893 - 1895) pouco depois da morte dos outros dois.

O que eles descrevem é uma estrutura societal pautada pelos ideais liberais burgueses (Boltanski; Chiapello *apud* Castilhos; Esteves, 2019, p. 2516) – o que por si só implica necessariamente em dinâmicas normativas altamente repressivas para com a classe trabalhadora. É a condição *sine qua non* para a origem e a constituição das figuras do capitalista e do trabalhador assalariado, que o primeiro foda o segundo (Marx *apud* Maia, 2022, p. 60).

No conjunto de crenças presentes nesse “primeiro espírito do capitalismo”, os valores calcados na figura heroica do burguês empreendedor do final do século XIX manifestavam-se: na tendência a racionalização da vida cotidiana em todos os aspectos; no posicionamento conservador e tradicional que enfatizava a importância da família, de sua linhagem e patrimônio – e por consequência do controle sexual e reprodutivo feminino, com o intuito de evitar a dilapidação do capital e da honra familiar –; a projeção das posturas patriarcais na relação do patrão para com seus empregados; e a forte crença no progresso e nos benefícios da tecnologia, da ciência e da indústria, desembocando na visão utilitarista na qual sacrifícios em nome deste progresso eram justificáveis (Boltanski; Chiapello, 2009, p. 49 – 50). As dinâmicas repressivas, entretanto, mesmo inerentes a esse sistema, são mais explícitas aqui que em expressões posteriores: nesta configuração do desenvolvimento histórico capitalista, vemos o perverso semblante da “sociedade disciplinar”.

Feita de instituições disciplinares (hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas) – cujos característicos muros “delimitam os espaços entre o normal e o anormal”, e o público e o privado –, a sociedade disciplinar foucaultiana é uma sociedade determinada pela negatividade da proibição, pelo cerceamento do direito e da potência humana, e que inere ao dever a negatividade da coerção (Han, 2015, p. 23 – 24). Nela produziam-se indivíduos imersos em um “campo de normas que determinava um horizonte de gestos,

comportamentos, hábitos e subjetividades” com o objetivo de “potencializar os processos de acumulação do capital” (inclusive pelo adestramento corporal direcionado a que se deformem para melhor aderir ao maquinário fabril) e “minorar os riscos políticos que os crescentes níveis de exploração” e “o aprofundamento das desigualdades sociais poderiam gerar” (Maia, 2022, p. 62 - 63) – tornando a vigilância “um operador econômico decisivo”, por ser, ao mesmo tempo, peça interna ao aparelho de produção e engrenagem específica do poder disciplinar (Foucault *apud* Maia, 2022, p. 63).

O Sr. Freud formulou o aparato psíquico como um sistema de negatividade, espelho da sociedade disciplinar do capitalismo industrial – exemplo nada sutil de que “a civilização se constrói com a renúncia à satisfação das pulsões” do animal erótico que é homem quando não refreado. É um sistema organizado pela resistência, negação e repressão, e cuja tensão entre movimento pulsional e repressão faria surgir a instância do inconsciente (Saroldi, 2011, p. 23; Artaud, 1975, p. 48; Han, 2017). Somos aí então violentados duas vezes! Não bastando a coerção que vem de fora, o representante do *outro* metido em nós, o superego, nos transforma em objetos de sua tara por obediência. O superego: agência ética sádica, cruel, que se manifesta na internalização das proibições, do dever e da ordem, e que nos bombardeia com exigências impossíveis para rir de nosso fracasso (Žižek, 2010, p. 99; Han, 2017).

O aparelho psíquico é então um campo de batalha, e a consciência, esmagada entre a luta de seu apetite de vida e a violência repressiva da negatividade da lei, explode, e reconstroem para homens e mulheres corpos doentes, gerando loucos e delinquentes – que a alguns o Sr. Freud então diagnostica a sintomática das neuroses, como da compulsão-obsessão e, em especial, da histeria – tão emblemática da sociedade disciplinar (Han, 2015, p. 25; 2017) que foi buscando entende-la que ele começou a desenvolver suas teorias.

– Mas então que quer dizer com tudo isso, Sr. Artaud? As pessoas sofrem porque o capitalismo não funciona?

Quero dizer que sofrem justamente porque funciona. A preocupação principal na economia capitalista não é o bem-viver, mas, em absoluto, o fazer sobreviver (Han, 2017). Volta e meia sacrificar à Moloch um só filho, em prol do conforto moral de muitos, ao

levá-lo a encontrar nas neuroses a única solução para as pressões da realidade, “é um mal menor e mais tolerável socialmente” (Saroldi, 2011, p. 155 - 156).

– E o que o Sr. propõe? Uma revolução? É por acaso mais um artista do Partido?

Desprezo demasiado a vida para acreditar que qualquer mudança vinda das aparências possa modificar minha detestável condição. Me confunde com as viúvas do surrealismo, que o mataram com seu sectarismo imbecil. O verdadeiro revolucionário sabe que a liberdade individual é o bem maior a qualquer conquista no plano material (Artaud, 2000, p. 13 - 20).

– Pois então pode o Sr. tranquilizar-se! Nunca fomos tão livres.

Como? A máquina americana quebrou?

– Não, Sr. Artaud. Muito pelo contrário. Nossa entrevista começou em 1947, mas estamos em 2023, Sr. Artaud. Muita coisa mudou. A URSS ruiu, junto do Muro de Berlin. O capitalismo venceu. Alcançamos o fim da história, e mesmo o mais radical esquerdista guarda hoje em seu íntimo a resignação de que alcançamos a fórmula final de sociedade – cabendo administrá-la da maneira mais técnica possível, e no máximo ajustar uma coisa aqui e ali (Fisher, 2020, p. 15 e 179).

E eu? Morri?

– Em 1948.

Que bom.

E o homem? Salvou-se do colapso?

– Ainda não. Mas o Sr. seria feliz. Nunca fomos tão livres.

O capitalismo industrial realmente encontrou seu limite, mas o sistema soube reinventar-se. Ganhou cara nova.

Após a crise de 1929 ele se reergueu em uma nova fase, “o segundo espírito do capitalismo”, manifesto entre os anos 1930 e 1960. Na América, Roosevelt aplicava o New Deal, influenciado pela ideia keynesiana da necessidade de intervenção estatal. Nas cadeias produtivas, o desenvolvimento para o modelo fordismo-taylorismo, com sua “extrema racionalização dos tempos e movimentos dos trabalhadores e a sua submissão às cadências ditadas pela máquina e pelo cronômetro taylorista” permitiu uma produção de bens de consumo muito maior (Castilhos; Esteves, 2019, p. 2521 - 2525). O Sr. se lembra: ficou tudo melhor.

Eu fui preso num manicômio.

– Mas num manicômio melhor. A estruturação da vida nas empresas e na sociedade passou a pautar-se pela ideia de planejamento a longo prazo. As organizações passaram a oferecer planos de carreira, infraestrutura para a vida cotidiana, os novos modelos produtivos permitiram a redução da jornada de trabalho em troca de uma maior intensificação do processo de trabalho, e floresceram as políticas de Estado de bem-estar social, adequando o capitalismo às demandas de justiça social (*Ibid.*).

E o homem? Salvou-se do colapso?

– Ainda não, Sr. Artaud. Mais uma vez o capitalismo seria testado, tomando enfim a configuração que mais ou menos mantém até hoje. O sistema taylorista/fordista enfrentou a partir da década de 1970 um baixo crescimento e da instabilidade mercantil, além da queda na produtividade por uma perceptível falta de motivação dos funcionários (Pinto *apud* Castilhos; Esteves, 2019, p. 2526). Após essa crise, em 1973, a queda na taxa de lucro levou os capitalistas a transferirem o capital acumulado para a esfera financeira, e essa financeirização, que tem impulsionado a reestruturação da economia global desde então, “é a característica que define a acumulação sob o neoliberalismo” (Castilhos; Esteves, 2019, p. 2526; Saad, 2015, p. 65).

O capital, que antes que acumulado principalmente pela produção e venda de bens de serviço, agora passou a ser remunerado tanto em juros, assumindo um caráter especulativo, quanto na produção de bens e prestação de serviço – priorizando é claro a esfera que valorizar mais (Castilhos; Esteves, 2019, p. 2526).

De quem foi essa ideia de fornicar com o oculto? Dos americanos?

– **Escola austríaca, escola de Chicago, ordoliberalismo alemão: as ideias foram inspiradas neles e elaboradas sob a Sociedade do Mont Pèlerin, muitos sim financiados pelos estadunidenses (Saad, 2015, p. 59 - 61). Os principais marcos simbólicos da ascensão neoliberal talvez sejam o golpe chileno de 1973, com ajuda dos EUA; a vitória de Margareth Thatcher em 1979, na Inglaterra; e as subsequentes eleições de Ronald Reagan em 1980 (Maia, 2022, p. 78). Mas o neoliberalismo não é um fenômeno apenas econômico, e justamente não apenas estadunidense: é o modo de existência do capitalismo contemporâneo, “uma estrutura material de reprodução econômica, social e política”, inseparáveis de processos globais como a globalização...**

...E o imperialismo? (Saad, 2015, p. 59 – 60) Uma empreitada como essa não pode ocorrer sem, num primeiro momento, emascarar os trabalhadores, os artistas, as esquerdas militantes – inclusive com apoio desse estado cooptado. Só depois o setor financeiro poderia consolidar-se e engordar em paz. (*Ibid.*, p, 63).

– **De fato “era preciso que os países periféricos abrissem mão de práticas protecionistas e liberassem seus mercados para a entrada do capital estrangeiro” (Castilhos; Esteves, 2019, p. 2526), de uma forma ou de outra, mas temos de nos adaptar aos novos tempos. No neoliberalismo se acredita que**

“...os indivíduos diferentemente dotados trocando bens, serviços e (em alguns casos) informações em mercados minimamente regulamentados podem alocar recursos de forma mais eficiente do que processos democráticos ou a orientação Estatal.” (Saad, 2015, p. 60)

O estado atrapalha, e em muitos países foram necessárias reformas profundas. O capital sob hegemonia financeira precisa desregular a economia, as

fronteiras nacionais e a constituição de condições para a sua acumulação: aumentar juros, reduzir gastos fiscais e sociais, como as políticas de bem-estar social, e diminuir o custo da força de trabalho, inclusive pela revisão de leis trabalhistas. (Montaño & Duriguetto *apud* Castilhos; Esteves, 2019, p. 2526; Maia, 2022, p. 79 – 80).

Todas essas reformas foram necessárias não apenas para o avanço do capital financeiro, mas para que os países reestruturassem seu sistema produtivo para o sucessor do Taylorismo/Fordismo, o Toyotismo – que trouxe a) um modelo produtivo altamente flexível; b) aumento da competitividade ao reduzir o preço do produto final através do baixo custo de produção – aprimorando a extração de mais-valia; c) a implementação da “fábrica mínima” que não se responsabiliza por toda linha produtiva e descentraliza a produção a nível global; e d) garante a potência produtiva máxima sempre que possível por ligar a produtividade diretamente à circulação, trabalhando com “estoque zero” (Maia, 2022, p. 80).

Ainda põe-se a mesma questão. E o homem? Tornou-se livre?

– Definitivamente, Sr. Artaud. Mais livre que nunca.

Os ventos da mudança não atingiram apenas o campo econômico e o político! Viu-se na década de 1960 a crise do modelo socialmente repressivo presente no modo de viver característico da sociedade disciplinar. Eu estava em Paris em Maio de 1968 – o marco culminante da contestação –, gritando palavras de ordem, no que diz respeito

“...ao lugar social da mulher e seu direito ao corpo, o então movimento GLS..., as liberdades sexuais, as novas formas de amor..., os movimentos negros por direito civis, a luta antimanicomial etc (Maia, 2022, p. 81).”

O Sr. desfilando sob o sol com o povo é coisa que me surpreende.

– Quem me vê agora não acredita que eu já fui um vermelho, Sr. Artaud. Mas as pessoas crescem. A esquerda tradicional não soube responder às ruas. Não por menos passamos a criticar também a burocracia dos partidos, a aristocracia sindical. A juventude lutou contra as amarras do estado (*Ibid.*), e venceu.

Qual o mérito de vencer quando se luta ao lado do dinheiro? Deve ser esse então o terceiro espírito do capitalismo: o capital pressionando por todos os lados a sociedade, para fazê-la adaptar-se às suas novas necessidades. Necessidades flexíveis como seu sistema produtivo, e supérflua como o que dela sai – nem bem se constituem, são substituídas por outras (Castilhos; Esteves, 2019, p. 2529).

Esse modo de produção novo, flexível, certamente precisa de carne nova e flexível; e homens e mulheres que saibam viver na instabilidade, que achem naturalidade no risco e busquem se desenvolver por si só. É conveniente que se acreditem livres e independentes de tudo e todos – e que essa liquidez se enraíze nas instituições e modifiquem as relações interpessoais, desentupindo as veias gordurentas do capital. Ceder essas pequenas liberdades é nada, quando o objetivo é construir um novo sujeito que permita postergar a degradação iminente do sistema. (Maia, 2022, p. 82; Castilhos; Esteves, 2019, p. 2529).

Quem sente as tripas saciadas com conquistas tão pequenas é mero mendigo festejando restos. É visível a quem souber ver: controlar corpos apenas não é mais lucrativo. Não importa quem lhe pressiona a língua, o pâncreas, o ânus ou a glândula, se a aparente autonomia faz tantos idiotas se convencerem a produzir mais, a consumir mais.

– O Sr. parece não entender a gravidade das coisas que diz, Sr. Artaud! O totalitarismo dos stalinistas abriu meus olhos, e de muitos, muitos outros; e hoje, qualquer mente sã reconhece ser melhor a vida no sistema que temos. E caso o povo não concorde com alguma diretriz, que saiba votar ou protestar até que conquiste a mudança progressiva, e, acima de tudo, democrática. Não há como, nem motivo para ir contra isso: a revolução é impossível, e sinceramente estúpida. Não é preferível manter as coisas como estão, a perder a liberdade na primeira aventura?

Eu prefiro a merda.

Nada fizeram que trocar uma orgia pela outra.

PLANEJAMENTO DE ENSAIOS

Ensaio dia 31/05:

CENA 2 (cont.): ESTAÇÃO DE RÁDIO/ HOSPÍCIO

*O ENTREVISTADOR vai acabar de apresentar a **mudança comportamental que levou ao neoliberalismo**, em especial, **maio de 68**. Depois sobre a **ética do sujeito neoliberal** empresário de si mesmo. Por fim, a questão da **liberdade** como palavra central da ideologia neoliberal e a **positividade** (Han) na sociedade.*

Ensaio dia 05/06:

CENA 3 – FINAL: NO PRECÍPIO DA HISTÓRIA

(**final alt.: “Onanismo Apocalíptico”**)

(Transição quando Artaud responder “*trocar uma orgia pela outra*”)

*ARTAUD argumentará contra esse tipo de liberdade, abordando a dicotomia entre **violência por excesso de negatividade e excesso de positividade** e a necessidade da **transgressão**, no contexto da **inversão superegóica** e o **imperativo do gozo** (Han, Lacan etc.). A argumentação será amarrada pelo contraste entre como esses elementos se expressam num comentário sobre a obra de Sade e Bataille – o primeiro explicitando o Ego numa sociedade disciplinar e o outro o Ego na sociedade neoliberal do excesso de positividade.*

*Por consequência da argumentação anterior, ARTAUD deduz a **sociedade do cansaço e do desempenho** (Han), e os **novos tipos de doenças mentais (depressão e ansiedade)** que são agora comuns no neoliberalismo, e seus motivos. Falará dos atuais suicidados.*

*ENTREVISTADOR irá contra-argumentar de forma apologética sobre a inevitabilidade do capitalismo e os preceitos neoliberais e ARTAUD apresentará as ideias de **Mark Fisher** sobre **Realismo capitalista** e sobre o neoliberalismo como ideologia do voltar-se ao passado e da falta de futuro – FIM.*

Reforçar as diferenças entre cada personagem

- a) Artaud: Trabalhar na prosódia, lógica argumentativa, vocabulário e nos gestos (ele é a chave do contraste).
- b) Entrevistador: Achar uma maneira de impedir que o uniforme fascista apareça quando fica difícil defender o capitalismo.

Decidir o final (jogos de improvisação)

– Uma orgia pela outra? Está delirando. Enlouqueceu.

Afirmo: não estou delirando. A verdadeira liberdade está ligada à negatividade (Han, 2015, p. 30), ao desejo de transviar-se da lei – da coerção externa, social, e da interna, superegóica.

Veja o exemplo na obra de Sade, que prisão nenhuma o restringia, já que era liberto na mente e no coração: em “Os 120 Dias de Sodoma”, a primeira ação dos libertinos ao chegarem no castelo, enquanto as vítimas descansavam da extenuante viagem, foi criar um código moral que regulamentasse a vida de todos, inclusive a deles mesmos, e que restringisse até as próprias orgias. É por propositalmente se proibirem, por se forçarem a esperar meses e meses a deflorar vaginas e desvirginar cus, que fica “a volúpia mais irritada pelo aumento de um desejo constantemente inflamado e nunca satisfeito” – indo de encontro com a essência de seu gozo. (Diniz, 2017, p. 118).

Na sociedade da disciplina, o homem moderno é um libertino nessa orgia de Sade, em que se encontra na capacidade de transgredir o proibido a fonte da essência do gozo sem limites. É a criança, que ao ser obrigada a fazer o que não quer, pelo pai antiquado vivo ou introjetado no superego, ou pela sociedade disciplinar e sua deformadora violência da negatividade, conserva a sua liberdade interna e a capacidade de um dia se rebelar (Han, 2017; Žižek, 2010, p. 114; Diniz, 2017, p. 118).

– Nós matamos tal pai.

Vocês mataram Deus, e o que mudou? O novo sujeito pós-moderno se acha livre, por não mais ver repressão externa, mas é tão ou mais tolhido que antes, pois a não-imagem da violência arregaça nossas defesas; e secretamente ele mesmo se proíbe. Se Deus é morto, nada é crime, mas nada é permitido (Han, 2017; Žižek, 2010, p. 114; Diniz, 2017, p. 118)!

Afirmo: trocamos uma orgia pela outra. Trocamos nossa ira transformadora pela irritação estéril (Han, 2015, p. 54), por um hedonismo tolerante que diz buscar a felicidade, mas recalca não o seu desejo, mas sua interdição (Žižek, 2010, p. 114). Vocês acreditam que tal mudança é natural e inocente, que é mero afluyente do cadáver de Deus; quando que foi o Deus castrador e saturnino do Antigo Testamento, que seguindo vivo, fantasiou-se de permissivo para controlar-nos como hoje melhor convém.

Como na “História do Olho” de Bataille, somos Simone e seu amigo em um universo regido pelos imperativos do desejo; no “mundo perverso e polimorfo das crianças, para quem nada é proibido”, e podemos ficar gozando e quebrando ovos com o cu enquanto nossa mãe nos observa, porque ela não diz nada (Moraes *in* Bataille, 2003). Não seria essa omissão de um mestre permissivo (Žižek *apud* Saroldi, 2011, p. 137), esse testemunhar que potencializa o erotismo exibicionista do casal, um incentivo tácito, a manipulação irresistível de um convite velado a um gozo sem limites – e, por consequência, sem nenhuma transgressão?

– **Está doente, Sr. Artaud.**

Não! Não só, somos também Marcela! Coagidos a gozar nessa orgia positiva dos jovens, e sem alternativa cedemos ao desejo, trancados no armário, nos masturbando na própria urina – até que a febre e o horror superam o prazer e tombamos no chão, enlouquecidos, num sofrimento moral (Bataille, 2003)!

– **Para o manicômio, Sr. Artaud!**

Me internaram vocês em Saint-Anne, mas lá conheci Dr. L (Tubino, 2017, p.29) – e da sua boca ouvi a voz de Simone, a voz de um novo supereu – um interditor César tornado amoral Heliogábalo –, violentamente a me ordenar:

– Goza, Artaud! Goza (Lacan *apud* Žižek, 2010, p. 99; Saroldi, 2011, p. 136)!

E eu de medo chorei! Esse é um gozo de excesso, um gozo traumático – de consumo, descartável, sem limite, sem motivo – um gozo de dor (*Ibid.*)!

– **Para o eletrochoque, Sr. Artaud!**

Essa é a dor dos novos tempos, não é? A responsabilização radical do sujeito, “em que cada um se comprometa a tornar-se ele mesmo” (Ehrenberg *apud* Han, 2015, p. 26). Eu vejo em seus olhos duas estrelas apagadas – não está esgotado por todo esse esforço de ter de ser você mesmo? Pela pressão? Pelo imperativo do desempenho? Está com a alma consumida, esgotada em Burnout (Han, 2015, p. 27) – um cansaço solitário que o afasta

de tudo, que pulveriza a comunidade (p. 71) –, pelo medo da concorrência absoluta que se tornaram as relações humanas; do darwinismo social instaurado como luta entre sobrevivência e exclusão social, e da justiça como mera recompensa da dita vitória ou do dito fracasso (Maia, 2022, p. 85 – 86).

O estágio atual da mudança topológica da violência na sociedade do desempenho é a depressão. O sujeito depressivo é aquele que explora a si mesmo, sem precisar mais de coação externa. “É agressor e vítima ao mesmo tempo”, e ele irrompe quando esse sujeito está tão cansado que não pode mais *poder* ou *fazer* (Han, 2017). Um sujeito cuja lamúria só é possível em uma sociedade que não discerne mais o mundo entre os limites do proibido e do não proibido, mas entre o factível e o impossível – e diante das opções prefere crer que nada é impossível (Han, 2015, p. 29; Saroldi, 2011, p. 129).

Abra os olhos! Se sofremos hoje é porque criar loucos é o instrumento do capital neoliberal – a depressão é o chicote para trabalharmos mais e revoltarmo-nos menos, e que ainda sintamos que mesmo não havendo todos as mesmas condições, somos nós e unicamente nós os responsáveis pelo sucesso material que somos instigados incessantemente a buscar (Maia, 2022, p. 94 e 105)!

– E o que propõe, afinal? Estou cansado é de ouvir apenas repetições acríicas de modelos engessados. Estamos no Brasil, Sr. Artaud. A coerção social externa ainda existe toda vez que a polícia, milícia ou tráfico controlam uma favela. Pergunte para qualquer mãe que reza e luta para que o filho não mate ou morra na criminalidade, se Deus está morto! No terceiro mundo as ideias importadas não sobrevivem aos fatos, Sr. Artaud.

Chegamos ao ponto de não retorno. O capitalismo venceu, não necessariamente por ser melhor, mas porque sobreviveu – e para mim sempre sobreviverá – até não haver nada além dele. É mais fácil o fim do mundo do que o fim do capitalismo.

De fato, é muito mais fácil para você pensar no fim do mundo do que no fim no capitalismo. Esse raciocínio, essa incapacidade de ver alternativa, de que qualquer ação ou esperança é inútil, é o ápice da ideologia neoliberal: o realismo capitalista de que tanto falava o pobre suicidado Mark Fisher (2020, p.10).

– Foda-se, Artaud, chega. Pode falar e falar, mas o Sr. é só um intelectualzinho numa masturbação mental. O Sr. me despreza, mas é igual a mim: só mais um idealista de merda. Não! Pior! É um moralista enlouquecido para se ver acima dos outros.

Que liberdade é essa a sua, afinal, que não aceita nem a solução coletiva, nem a busca do indivíduo por sucesso material e felicidade? Pregar uma iluminação individual, impossível para o trabalhador comum, é mais nocivo que enchê-lo de expectativas sobre si – que todo mundo sabe que ele não vai cumprir–, porque é muito mais ridículo. O que há de tão revolucionário em fazer arte, usar droga e falar de cu?

Não há futuro, Sr. Artaud. Ele foi lentamente cancelado. Não vê que o que separa passado e presente caiu aos pedaços, e estamos todos até agora encaixados nessa merda de séc. XX, já que o XXI claramente não começou? Nem vocês, artistas, tem mais os recursos necessários para criar o novo, e o mundo está a mil, mas cultura desacelerou, ficou para trás. A música é o exemplo do destino geral da arte de hoje: meramente presa no pastiche, na repetição (Fisher, 2014, p. 11).

Não há alternativa, e por isso prefiro defender a liberdade de alguns, que a pobreza de todos. Prefiro sim todo dia viver no meu presente, encher a mente e o corpo desse gozo – dolorido, barulhento, que seja – porque a verdade é que algum dia eu vou morrer, e mesmo que eu quisesse mudar o mundo, eu não posso fazer nada e nem quero. Não sou cristão, Sr. Artaud. Melhor não se importar que sentir culpa.

Admita: você vê alternativa? Você vê algum futuro? Porque eu não vejo. E nem preciso. Nem você. Só existimos no agora, nesta leitura; e ela já vai acabar. Não há mais nada após essa palavra

3. 4. O incêndio e eu

3 de outubro de 2016

Você sonha o mesmo sonho – de novo e de novo

Você vê, acorrentada de cabeça para baixo

a gigantesca face da Minerva,

sobre fogueira acesa contra a noite.

Você se aproxima, magnetizada, mariposa que voa à lâmpada,

e Minerva, percebendo sua presença, ergue o rosto.

De seus olhos foge o hálito de Vesúvio,

foge a fumaça de Delfos, e

na testa, fendida, como a de Júpiter pós-parto,

sai do sulco cavernoso seu testemunho:

o órgão da Razão decomposto, assando à redução de um labirinto de alvenaria,

ferros tortos e escombros irreconhecíveis.

Uma língua marca a fogo obscenidades no rosto humilhado de concreto.

Vocês gritam, em silêncio. A finitude se apresenta:

vocês desaprendem toda crença na imortalidade.

A

Iniciado entre a sala 827 e 829 do setor sudeste do bloco A do Ed. Jorge Machado Moreira – andar sede da administração central da UFRJ, no campus da Cidade Universitária –, o Incêndio incensou o céu com cerca de 8 mil documentos oficiais. A estrutura do prédio foi severamente comprometida, e as atividades [da reitoria e pró-reitorias, da Escola de Belas Artes (EBA), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) e do museu D. João VI] que ele abrigava serão suspensas e posteriormente realocadas, afetando, para além de servidores, terceirizados e comerciantes locais, uns 5 mil alunos (Castro e Dias, 2016, p. 18 -19 e 40; O Globo, em 5 de outubro de 2016 e em 20 de abril de 2021; Carvalho e Duarte, pelo IPPUR UFRJ, em 31 de outubro de 2023). Você é um deles. Só não sabe ainda.

O retorno prospectado para o final do mesmo mês é adiado até novembro (Conexão, pela Conexão UFRJ, em 4 de novembro de 2016). Na semana do dia 9, você retorna ao prédio da Reitoria, mas ele já não é o mesmo. Você percebe que não pode mais frequentar normalmente os espaços que você aprendeu a amar durante a graduação, agora dividido

entre interdições para reparos e atividades improvisadas em lugares sem infraestrutura, como o hall de entrada. Você percebe que a realocação das atividades antes concentradas ali para outros prédios do campus, como o da Faculdade de Letras e o CCMN (Carvalho e Duarte, pelo IPPUR UFRJ, em 31 de outubro de 2023), lhe faz peregrinar diariamente por lugares diferentes, distantes e não familiares, para assistir aulas também improvisadas – e seus colegas, tão dispersos e desalojados quanto você [e os outros 16 dos 19 laboratórios e grupos de pesquisa que não conseguiram espaços garantidos, ficando “dependentes do agendamento e da disponibilidade de salas” em outros prédios (Ibid.)], agora você mal vê.

De repente o esforço de acordar cedo e enfrentar ida e volta de pé num ônibus 485, lotado ao ponto de lhe fazer pensar que ele irá tomar na próxima curva – coisa que uma colega sorrindo nervoso comenta a você que já ocorreu (Conexão, pela Conexão UFRJ, em 19 de abril de 2007) – parece não fazer tanto sentido. A mesma colega lhe conta também, que o impacto sonoro de pedaço do prédio que caiu durante a aula fez parecer, a crenças e niilistas, que o mundo estava acabando. Muitos, como você, guardam no fundo o medo de que um pedaço da Reitoria desabe sobre alguém – como aquele prédio da Praia Vermelha que assustou os alunos quando o teto caiu infestado cupim (Neto, pelo Extra, em 28 de abril de 2011). Você pergunta, para continuar a conversa, se ela soube da gangue de pistoleiros a cavalo que levou o celular de uma menina nos arredores da Reitoria (Guimarães, pelo O Globo, em 16 de dezembro de 2016). “Coitada. Achou que era príncipe, mas era assalto”, ela diz. Você ri. Você conta essa história a toda oportunidade que aparece: a lógica do mundo parece ter quebrado da maneira mais ridícula possível.

Você chega atrasada. Você olha a aula em andamento por uma janela na porta, e os alunos amontoados numa salinha que nunca viu tanta gente. O mormaço humano já lhe deixa abafada, mesmo do lado de fora. Você faz um esforço, e entra. Horas passam. O professor comenta a apresentação de trabalhos gráficos de cada aluno, e você não presta atenção. Os dias se arrastam, e seu olhar vagueia para além de qualquer colega: para a paisagem na janela. Atrás deles, semanas passam. O sol de verão é particularmente severo na Ilha do Fundão, mas a sala tem ar-refrigerado. Seu suor fica frio. Seu olho, molhado.

2 de agosto de 2017

Você sonha o mesmo sonho – de novo e de novo

Você vê, devassado, o útero de Minerva, gestando 165 filhos.

Num rompante torna-se brasa viva a parede do endométrio.

A ameaça do cozimento desperta uma luta convulsiva, que se estende madrugada adentro

por mais de três horas.

De lá, saem dois estudantes aos prantos da crise nervosa,

e três levemente feridos,

vomitam fumaça.

Fugindo do fogo que olha vivo para você,

do segundo andar do alojamento estudantil em chamas despenca um jovem de 23 anos.

Você corre até ele. Em uma das pernas,

o osso desabrocha

uma exposta fratura

(Boeckel, pelo G1, em dois de agosto de 2017).

B

É a primeira vez que você soube de alguém que pulou de uma janela da UFRJ para se salvar. Há alguns anos no sexto andar da Reitoria, uma amiga apontou por cima do parapeito onde um homem caiu – o que na época te deixou em choque, naturalmente, mas não surpresa: todo mundo sabe que histórias assim acontecem o tempo todo. Na UERJ, por exemplo, há relatos desde a sua construção (Núcleo de Acolhida do Estudante, s. d., p. 2); já lhe contaram de aulas interrompidas pelos gritos de queda livre de um ser humano, e não há muito você soube de um pós-graduando de artes que, não conseguindo corresponder às expectativas da academia, não foi qualificado, e então se matou (Matias, pela ANPG, em dezembro de 2017).

Apesar do debate sobre transtornos mentais ter se ampliado, “o tema ainda é encarado como tabu, e por mais contraditório que possa parecer, esse tabu é mais forte nas universidades que fora dela” (Maia, 2022, p. 143) – o que se expressa também na escassez de pesquisas que sistematizem dados sobre o sofrimento mental na universidade brasileira de forma abrangente, como os relatórios da ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras (p. 143 – 144).

Tais relatórios apontam que, embora apenas 36,9% dos entrevistados afirmarem ter problemas de saúde emocional e mental em 2003/4, em 2018 esse percentual cresceu para 83,5% dos estudantes. No mesmo período de 2014 a 2018, a taxa de ansiedade aumentou 5,24%, alcançando 63,6% dos estudantes; os sintomas de desamparo/desesperança alcançaram 28,2% (aumento de 5,65%), enquanto a ideação de morte (10,5%) e o pensamento suicida (8,5%) cresceram “na ordem de 68,8% e 107,0% respectivamente [o que, não sem razão, vem merecendo ações e campanhas por partes das IFES (Institutos Federais de Ensino Superior), a exemplo do ‘Setembro Amarelo’]” (ANDIFES *apud* Maia, p. 152 – 154):

“Um crescimento preocupante não fosse o fato de que o suicídio já é considerado a segunda causa de morte entre o público universitário e, ao que parece, segue em franca ascensão no mundo inteiro” (ANDIFES *apud* Maia, 2022, p. 153).

A aula acaba. Sua ansiedade se anestesia, na medida em que a sala se esvazia. Num intervalo qualquer, você aguarda, como de costume, junto à janela, medindo se a distância do parapeito ao térreo é suficiente para uma morte instantânea e sem dor, ou para apenas ficar viva e desfigurada, sujando o asfalto, sob o sol de verão.

28 de março de 2011

Você sonha o mesmo sonho – de novo e de novo

1852. Areias da Praia Vermelha. Dom Pedro II é um palácio neoclássico, despontando.

Dedos metálicos, mandíbula tesa.

Pobres anjinhos!

Tenta contê-los entre dentes de ferro, o saturnino Hospital dos Loucos.

Seus filhos: indigentes amontoados, enfermos: loucos estudantes.

De 1949 em diante, da carcaça Pétrea, Minerva se ergue: estudantes loucos.

Pobres anjinhos!

Presos no terceiro piso de sua corcunda, na Capela de Pedro, São, de Alcântara,

há um ano e meio sob um teto em reforma.

Sonham tanto com o firmamento que o fogo acede e

da antessala da capela, no segundo andar, você vê o Paraíso igreja acima,

num anel de fogo que lhe toca sem machucar.

Ao seu redor desmoronam

três andares de teto sobre documentos carbonizados,

e o livro que um veneziano lhe deu às portas do hospício.

Na rua de trás, de um shopping center,

é possível ver os rastros gargalhantes ascendendo ao fim da tarde.

(Correia, pela Conexão UFRJ, em 5 de maio de 2022; Lisboa, pelo Extra, em 28 de março de 2011).

C

Emana do papel em suas mãos o peso místico de uma relíquias eclesiásticas: a patologia mental (imputada agora sobre você pelo poder investido no sacerdote do livro azul) “cria performativamente uma nova situação na qual sujeitos se veem inseridos”; e suas categorias descritivas, ao contrário das que são utilizadas para descrever o mundo físico (no caso, doenças orgânicas como câncer), “são objeto de elaboração reflexiva e discursiva por parte dos próprios sujeitos que elas visam descrever”, sendo capazes de produzir neles “um nível significativo de reorientação de ações e condutas, sejam elas conscientes, sejam involuntárias” (Safatle; Junior; Dunker, 2021, p. 33). O feitiço do livro azul afrouxa as suas resistências, colonizando os vales da sua incerteza, uma pregação de cada vez:

– Não, não, deixa eu te explicar. Desde a década de 60 já se fala na relação entre depressão e diminuição na serotonina; e nos anos 90 em diante se publicou amplamente sobre isso, com o advento dos antidepressivos inibidores seletivos da recaptação de

serotonina. O que eu quero dizer é: depressão na verdade é o resultado de uma anormalidade na química cerebral (Moncrieff et al., 2022, pág. 3243).

Pesquisas internacionais sugerem que 80% ou mais do público geral já acredita nisso. “O que você está sentindo”, ele continua, “é resultado de um desbalanceamento na serotonina, particularmente, e é por isso que se justifica a utilização de antidepressivos. (Moncrieff *et al.*, 2022, pág. 3243). O psiquiatra rascunha hieróglifos à sua frente num papel de receitas. “A princípio, vamos de fluoxetina, crescendo, aos poucos. Depois a gente vê como o seu corpo responde”.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), “é o dispositivo oficial de traçar os diagnósticos psiquiátricos nos Estados Unidos, sendo utilizado em grande escala no mundo”, exercendo grande influência sobre a Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS) – os dois principais livros dos grandes sistemas classificatórios da clínica e pesquisa psiquiátrica contemporânea (Resende; Pontes; Calazans, 2015, p. 535; Safatle; Junior; Dunker., 2021, p. 10). Visando não apenas ser usado por profissionais da área clínica, como também “ser incorporado globalmente em outras áreas de atuação, tais como a jurídica, escolar e organizacional”, ele é manifestação chave do atual projeto da psiquiatria de se estabelecer como ciência médica (Resende; Pontes; Calazans, 2015, p. 535 e 544), sendo “um dos principais manuais da área, tendo em vista a hegemonia da psiquiatria norte-americana entre outros ramos da ciência” (Corcos *apud* Safatle; Junior; Dunker, p. 136).

Os DSMs partem “de uma perspectiva teórica pragmática, em que o sujeito deve estar no melhor funcionamento social possível” (Resende; Pontes; Calazans, p. 536): um dissimulado consenso sobre a adequação a uma “normalidade” média não explicitamente modelada de acordo com aspirações e valores sociais e familiares da classe média americana, como a obediência e submissão filial ao poder parental, a adesão ao *american-way-of-life*, e a defesa da manutenção da pátria e do sistema capitalista, seja na paz ou na guerra (Jerusalinsky & Fendrik *apud* Resende; Pontes; Calazans, p. 536). “O DSM se pauta em valores culturais para estabelecer o que é ou não doença”, tendo apresentado ao público, por exemplo, em suas primeiras versões, a

homossexualidade como uma doença que necessitava de tratamento, enquanto o tabagismo, que por sua vez já representou prestígio social, hoje é tido como transtorno (Dunker & Kyrillos *apud* Resende; Pontes; Calazans, 2015, p. 544).

A partir da sua terceira versão (1980), sendo desenvolvido pela APA com a pretensão de fazê-lo instrumento científico e atóxico de diagnóstico, o DSM “irá marcar uma transição das práticas psiquiátricas”, em que se deseja conseguir ultrapassar as diversas teorias e divergências do campo psicopatológico, de modo a unificar os sistemas de diagnóstico no campo do sofrimento psíquico, substituindo a pluralidade dos debates frente à nosologia psiquiátrica vigente até então “pela busca de um princípio nosológico supostamente consensual”. O DSM-III rejeitou os conceitos teóricos psicodinâmicos (oriundos principalmente da psicanálise) e critérios etiológicos para a definição dos transtornos mentais, até então presentes nas versões anteriores, passando a divulgar, desde então, “critérios diagnósticos de forte teor uniformizado, oriundos de uma base de pesquisa biomédica e comportamental”; e uma proposta de diagnóstico pautada pelo preenchimento de uma *checklist* de sintomas variáveis, em que os quadros são constituídos pela identificação do conjunto de manifestações sintomáticas de cada transtorno atribuível, e o posterior enquadramento do paciente é definido pela verificação de certos sinais e sintomas ao longo de um tempo determinado (Resende; Pontes; Calazans, 2015, p. 535; Safatle; Junior; Dunker, 2021, p. 136 e 137). Entretanto, “apesar da ausência de etiologia para a constituição dos diagnósticos, o DSM se fundamentou na aposta de que eles apresentavam um correlato biológico identificável, e que os avanços do saber psiquiátrico, e de outros campos médicos, como a neurologia, encontrariam tais correlações – aposta que não apenas não se confirmou, como, diante da “patente fragilidade dos critérios eminentemente fenotípicos”, suscitou na comunidade psiquiátrica, desde o DSM-IV (1994), uma visível preocupação “com a possibilidade de atribuir a eles um fundamento biológico” (Safatle; Junior; Dunker, p. 137 – 138).

Em última instância, o consenso mundialmente aceito sobre o conceito de saúde mental, responsável por guiar o “ambicioso projeto” da psiquiatria contemporânea, decorre de uma organização política: a OMS (Resende;

Pontes; Calazans, 2015, p. 537), que apesar de produzir seu manual próprio, este deve ser considerado uma publicação companheira do DSM, na medida em que o DSM é a referência para a pesquisa clínica e psicofarmacêutica que influenciará o manual da OMS, o CID fornece os códigos numéricos usados no DSM, e que seus desenvolvedores trabalham intimamente para garantir que os dois sistemas sejam compatíveis (FAQ do site da *American Psychiatric Association*; Safatle; Junior; Dunker, 2021, p. 136).

Segundo a constituição da OMS, “a saúde de todos os povos é essencial para conseguir a paz e a segurança, e depende da mais estreita cooperação dos indivíduos e dos Estados”, e a definição do conceito de saúde foi apresentado como “Um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doenças ou de enfermidade” (OMS *apud* Resende; Pontes; Calazans, 2015, p. 537). Implica-se daí que “para interagir satisfatoriamente com a sociedade, por meio do trabalho e da família, o homem precisa estar dotado de um pleno bem-estar”, e que “a saúde é definida também como a total ausência de síndromes psicopatológicas (Hansen *apud* Resende; Pontes; Calazans, p. 537). As consequências clínicas dessa visão são diversas, como a produção de “epidemias” de alguns tipos de transtornos mentais, “que se dá pelos critérios diagnósticos que consideram somente os fenômenos sem levar em conta a estrutura de organização destes, e o aumento de prescrição de medicamentos, “indicador da associação estabelecida entre psiquiatria e farmacologia, ou seja, entre a ideia de cura e a ideia de supressão dos sintomas” (Resende; Pontes; Calazans, p. 537).

“As formas de expressão e produção do sofrimento são implicadas pela transformação dos próprios sujeitos realizada pelo neoliberalismo” (p. 132), e a “atual absorção da psiquiatria pela racionalidade econômica está bem documentada” (p. 129). Em um relatório publicado em 2001, chamado “Saúde mental: nova concepção, nova esperança”, a OMS se dedica a exaltar a defesa dos direitos humanos e as consequências deletérias do estigma em saúde mental, e demonstra preocupação diante do crescente número de transtornos mentais e de índices de suicídio, alertando que a depressão se tornaria dentro de 20 anos principal causa de incapacitação – convocando, assim, a psiquiatria e o exercício de sua função terapêutica. Entretanto, “ao longo do texto, a

dimensão econômica vai ganhando progressivo destaque frente à dimensão social”, e a principal justificativa da OMS para o investimento em saúde mental passa a ser “uma série de cálculos, um corolário de dados quantitativos que dão corpo ao chamado *burden* (ônus/fardo) da saúde mental”: uma inovação metodológica que infere não apenas o impacto do transtorno mental na expectativa de vida, mas na redução ou mesmo potencial destituição da capacidade produtiva dos indivíduos em sofrimento (Rose *apud* Safatle; Junior; Dunker; WHO *apud* Safatle; Junior; Dunker, 2021, p. 129).

Existe, portanto, uma “íntima ligação” entre os desdobramentos da racionalidade psiquiátrica com o desenvolvimento do neoliberalismo: por um lado, entre os grandes responsáveis pelas novas formas de sofrimento psíquico e a consequente necessidade de intervenção psiquiátrica, estariam justamente os fenômenos associados com o desenvolvimento do neoliberalismo, como a solidão, a dissolução dos limites entre vida doméstica e trabalho, o avanço da lógica da competição, superação e produtividade em todas as esferas da vida, e o fim de políticas públicas que garantiam ao cidadão meios mínimos de existência. Por outro lado, essa psiquiatria, submissa à psicofarmacologia, em que a relação entre o campo da pesquisa e da prática psiquiátrica se retroalimentam, permeadas por pressões econômicas, assume também “a função de produção de patologias a serviço do consumo de psicofármacos” (Safatle; Junior; Dunker, p. 130 – 131).

Não podemos, portanto, entender o aumento do número de transtornos mentais apenas como expressões da precarização social generalizada operada no neoliberalismo: houve, enfim, uma reformulação da própria noção de transtorno mental, o que contribui para essa aparente proliferação, cujas diversas estratégias que marcam o traço reformatório neoliberal frente à noção de transtorno mental podem ser observadas: na amenização eufemista dos transtornos mentais para que os sujeitos possam se vincular a eles sem estigma; no aumento exponencial das categorias diagnósticas de maneira a patologizar diversas esferas da vida psíquica que antes não mereciam diagnóstico; e, mais recentemente, na possibilidade de se pensar intervenções psiquiátricas mesmo sem a referência a noção de transtorno – inaugurando na psiquiatria o campo de práticas médicas de *enhancement*, que pode ser

entendido como “a maximização de potencialidades das funções humanas para uma melhor satisfação de demandas sociais, sejam elas de cunho estético, laboral ou esportivo”, tendendo o esforço curativo da medicina a ser superado pelo novo paradigma da *performance* (p. 131 – 133).

D

“No final, sempre é tudo culpa da mãe”, diz sua mãe, no sofá da sala – mas ao contrário das freudianices que você frequentou antes dos surtos mais severos, o avanço da psiquiatria biológica “trouxe a desculpabilização de pacientes e familiares” (Ortega, 2008, p. 487) (e também da influência das formações históricas e socioeconômicas no indivíduo). Você respira fundo, mas ar não lhe falta, e sim coragem. Você ganha tempo lendo as receitas. Diagnósticos como, por exemplo, transtorno bipolar, são muitos mais fáceis de aceitar por você e sua mãe do que psicose maníaco-depressivo, porque no primeiro se enfatiza “os aspectos biológicos e cerebrais mais do que os psicológicos e ou psicodinâmicos”, que acabam imputando uma carga de identidade (*Ibid.*).

Você continua a conversa mais tarde, de costas para a sala, lavando e sujando louça para manter as mãos ocupadas. Agora, tanto você e sua mãe, quanto o psiquiatra de orientação biológica, falam da depressão “de maneira semelhante àquela que um cardiologista fala de uma doença cardíaca” (Ortega, 2008, p. 487), e isso parece acalmar os ânimos. Se para explicações psicodinâmicas “a doença mental está na sua mente e nas suas reações emocionais a outras pessoas, é o ‘você’” (Luhmann *apud* Ortega, p. 486), a biologização e/ou neurologização da doença mental leva a um distanciamento subjetivo desta, sendo “tratada então mais ou menos como qualquer doença física”: desestigmatizada por ser uma condição cerebral (Ortega, p. 486). Deixar de acreditar no “há algo errado *comigo*” para afirmar “há algo errado *com meu cérebro*” é uma diferença profunda, “ao passo que a doença mental diz respeito à identidade” e “o transtorno cerebral diz respeito ao corpo” (p. 487) – e na voz você transparece guardar o que te impede de aceitar uma verdade que não sirva para lhe machucar. “Você não é depressiva, você *tem* depressão”, diz sua mãe. Você sorri, no banheiro, buscando na superfície da própria pele o melhor lugar para a tristeza sair.

E

No banheiro, de frente ao espelho, você – seu corpo. As cicatrizes que você vê são como um registro vivo, como anéis num tronco de carvalho. “Os processos de construção da subjetividade na contemporaneidade vêm passando por um processo de somatização e exteriorização”, e a sua identidade está ancorada “na superfície visível da imagem corporal”. Mas não é só você: tanto no “campo da normalidade” (em que o sujeito saudável desenvolve “uma série de preocupações físicas e estéticas”), quanto “no território das patologias” (em que aparecem e/ou se acirram modalidades de sofrimento ligados à imagem corporal, depressões e adições de todos os tipos), isso é visível. Essas tendências – que se mostram também na “presença de diversas formas de colonização do corpo”, seja na superfície (como *piercings*, tatuagens, implantes, cirurgias estéticas, dietas), seja técnicas de visualização médica; e na utopia de saúde perfeita alcançável por meio de melhoramentos e otimizações biotecnológicas por meio da manipulação físico-química do corpo – se inserem no contexto do que se pode chamar de “cultura somática” (Ortega e Zorzanelli; Rose *apud* Ortega e Zorzanelli, 2011, p. 30 – 32), ou “biossocialibidade” (Ortega, 2008, p. 488).

Passa-se a compreender os desejos e as condutas como “radicalmente relacionados a configurações fisiológicas moduláveis pela ação da química cerebral”, e por isso tristezas e agruras seriam desequilíbrios químicos, tratáveis por drogas que restauram tal equilíbrio. Indo mais fundo, não apenas as doenças, mas também as personalidades, capacidades, paixões e forças que nos mobilizam enquanto humanos parecem explicáveis “em termos exclusivamente cerebrais e genéticos” (Ortega e Zorzanelli, p. 32). Nesse processo da cultura somática, depositamos nas tecnologias derivadas da genética, da neuroquímica, da neurobiologia, e do imageamento cerebral, “a esperança de desvendamento do humano” (*Ibid.*). Cada gota de sangue é um espelho escorrendo pelo ralo – atestados químicos do seu sofrimento.

Você sorri. Você se recorda de inúmeras vezes em que testemunhou a biossociabilidade, quando “todo um vocabulário fisicalista-reducionista” é utilizado na descrição de crenças, sentimentos, desejos, volições (Ortega, 2008, p. 488), seja na TV, na internet, ou nas conversas do dia a dia.

O que se tornou o humano, afinal?

Em seu “Ensaio concernente ao entendimento humano”, de 1694, Locke “distingue o ‘homem’ da ‘pessoa’, e define a identidade dessa como continuidade da consciência e da memória”, ou seja, se a consciência se fixar numa gota de sangue, para Locke a gota de sangue seria a pessoa. A partir daí, o corpo se tornou “uma coisa que possuímos e não mais o que somos”, e “na medida em que a pessoa depende da memória e da consciência, o cérebro é a única parte do corpo que ela necessita para ser ela mesma”.

Você se corta um pouco mais: um anatomista em busca das disposições corporais da alma. Parece piada esse movimento de cerebralização ou neurologização do psiquismo não se originar dos conhecimentos sobre a função e a estrutura do cérebro, mas de uma longuíssima tentativa de entender a relação entre corpo e alma (que no Século das Luzes alçou o cérebro e os nervos ao papel de sede da alma e elo entre as duas substâncias) e as implicações práticas da ressurreição dos corpos na doutrina cristã do Juízo Final (Vidal, 2011, p.177 – 178)! Este “postulado neurofilosófico de uma correlação entre os estados cerebrais e psicológicos” não perdeu a sua força com o tempo, pelo contrário: foi amplamente divulgado com a frenologia, por exemplo, e posteriormente “reforçado graças as imagens produzidas pelas técnicas digitais de imagem cerebral” (p. 180 – 181) – o que não significa, como se poderia supor, que tal biologização da mente pelos instrumentos de imageamento significa “uma recusa em se conceder importância a aspectos não-biológicos”, mas “uma tradução desses fenômenos em medidas e padrões cerebrais” (Zorzanelli e Ortega, 2011, p. 34).

O resultado dessas modificações no campo da identidade tem recebido denominações diversas, podendo então ser compreendido o lugar que o cérebro vem ocupando ao longo do século XX e XXI a partir do conceito de “sujeito cerebral”, (entendido também como “indivíduo somático” ou “eu neuroquímico”): uma típica subjetividade corrente “relacionado às sociedades industriais contemporâneas imersas na cultura somática”; manifestações que “permitem postular uma concepção de ser humano” que se desdobra dentro e fora dos campos filosófico, psicológico e neurocientífico, exigindo com urgência das ciências humanas o surgimento de articulações e reformulações à luz do conhecimento sobre o cérebro, “tais como a neuropsicanálise, a neuroeducação, a neuroteologia, a neuroética” (p. 32 – 34). É uma figura

antropológica em emergência que indica uma série de práticas, discursos, formas de pensar sobre si e os outros enquanto sujeitos cerebrais, que tomam como base a ideia de que o cérebro é o órgão necessário, exclusivamente, para construir nossa identidade saudável ou doente” (Zorzanelli e Ortega, 2011, p. 33; Ortega, 2008, p. 498).

Você lava com igual doçura a faca de cozinha e a pele embeijada. Você sela seus lábios nos lábios do pulso, mas ao invés de alívio lhe vem beijos de dor que, mesmo diante de qualquer dissociação racional, você sente por inteiro. “Neurotransmissores nos fazem sentir, mas no cérebro, em si, nenhuma sensação é sentida” (Vidal, 2011, p. 185), de modo que “a complexidade e a riqueza das experiências mentais não são reduzíveis à simplicidade e à pobreza das redes neurais ou das medidas neuroquímicas” (Ortega, 2008, p. 495).

Você assiste a oscilação dos fios de sangue no chão do box lutando para reexistir como coágulo contra a mecânica aparentemente implacável dos fluídos. Do chuveiro sobre você, gotas de água morna caem paralelamente no seu corpo como a chuva de átomos que caem no vazio (Althusser, 2005, p. 9), como páginas cadentes de poesia latina:

Se todo movimento é sempre conectado a um anterior, e sempre um movimento novo nasce de um antigo segundo uma ordem determinada, e se os elementos não fazem, por desviarem-se, qualquer princípio de movimento que rompa com as leis do destino e impeça que uma causa obedeça perpetuamente a outra causa desde o infinito, de onde vem a livre vontade, de onde vem a liberdade aos seres vivos pelo mundo? De onde vem este poder apartado de predestinações e teleologias, pelo qual vamos aonde a vontade nos leva, e desviamos de nosso percurso, não em determinado tempo ou lugar, mas logo que assim nosso espírito determina? (Lucrecio, 1985, p. 118; 2015, p. 91; Lucrecio apud Inwood; Gerson, 1994, p. 66; Morfino e Pinzolo apud Morfino, 2020, p. 43).

E mesmo que pudessem ser delimitados os correlatos neurais da depressão, mesmo que os cérebros deprimidos sejam iguais, isto indicaria alguma coisa acerca da experiência singular do sujeito deprimido? É por acaso a mesma coisa a experiência de um sujeito deprimido pelo fim de um relacionamento pela perda de emprego ou por sentir-se atingido pela violência ou pela desigualdade social? (Ortega, 2008, p. 495 e 496). “Estamos endereçando aos métodos de neuroimagem as perguntas a que eles oferecem melhores condições de responder”, ou simplificando questões complexas, “que dependem de

variáveis não compre contempladas naquilo que é visualização cerebral oferece”? (Zorzanelli e Ortega, 2011, p. 35).

O aperfeiçoamento e a difusão de métodos de acesso a funções transientes como a memória, o pensamento e a percepção colaboraram diretamente com a produção da ideia, rapidamente enraizada no discurso popular e científico, de uma base biológica da mente (p. 34) – ideia expressa em jornais e revistas de divulgação científica, na televisão e no cinema (e na internet, etc.), que difundem continuamente imagens que insistem na associação e na equivalência direta entre mente e cérebro; nos familiarizando a acreditar que o último “responde por tudo o que outrora costumávamos atribuir ao indivíduo, ao ambiente e à sociedade”. As armadilhas de políticas neuroidentitárias reducionistas, e as explicações dadas pela psiquiatria biológica aliada à indústria farmacêutica sobre a natureza do sofrimento psíquico são apenas algumas de suas severas consequências nas diversas esferas socioculturais e clínicas (Ortega, 2008, p. 489, 491 e 498).

O sujeito cerebral, paradigma emergido da cultura somática – com sua constrição radical da identidade à cerebralidade, e do corpo próprio ao cérebro, e sua relegação da experiência vivida, da história do sujeito, do contexto social e de seus modos de ser no mundo – é uma “ideologia solipsista, reducionista e cientificista”, cujas visões depauperadas da vida subjetiva e relacional comportam perigos quando, no momento de tomar decisões políticas, jurídicas ou médicas, trata-se de pensar no que é o humano – e de, conseqüentemente, agir sobre ele (Vidal, 2011, p. 185; Ortega, 2008, p. 498 e 499).

Mas você não sabe disso. Você cai no chão do box, desfalecendo, afogada ninguém sabe onde no fluxo textual.

20 de abril de 2021

_____ *sonha o mesmo sonho – de novo e de novo*

(TV Globo, pelo G1 em 20 de abril de 2021).

F

Náusea, dor de cabeça, insônia, vertigem, diminuição de libido, perda de libido, ansiedade, nervosismo, sonolência, diminuição de apetite, distúrbio de atenção, palpitação, sensação de tremor, pesadelos, umas variações de humor sem motivo nenhum...

A

Foi isso o que te fez tomar remédio?

F

Não. Tô lendo os efeitos colaterais mais comuns (Bula do Prozac, Eli Lilly do Brasil, p. 4).

C

Não tá aí, certeza. A maioria dos efeitos até passou no início, só que eu não consegui mais transar. Eu queria, mas não sentia nada, e de tanto não sentir nada eu não quis mais. Meu namorado – ele foi super carinhoso, compreensivo, mas depois de meses e meses começou a achar que no fundo o problema era com ele.

A

Aconteceu comigo. Eu nem sabia mais o que dizer.

F

Aí balanceou com bupropiona? Resolveu?

A

De início, sim, mas comecei a brigar com ela por qualquer bobagem, ter muita dor de cabeça, e tomei topiramato pra compensar. Aí a minha ansiedade piorou...

C

Tomou Rivotril?

A

...Taquicardia, crise de pânico, gritando em casa, como se eu fosse morrer a qualquer momento...

F

Topiramato? Ansitec?

C

Escitalopram?

A

...nem conseguia dormir...

F

10mg de zolpidem!

C

Tá maluco? Tá todo mundo sonâmbulo, alucinando disso! Teve um cara que gastou dormindo 9 mil reais em viagem pra Buenos Aires (BBC, pelo G1, em 12 de outubro de 2022).

F

Infelizmente esse risco eu não corro....

A

Eszopiclona, bromazepam, mirtazapina, quetiapina, aripropazol, fluvoxamina... Tinha mais coisa, mas já nem lembro. Era tanta química que eu até dava pra transar, mas era como se eu tivesse um limite, sabe? Uma parede de concreto dentro da cabeça...

F

C

Anorgasmia

(Eli Lilly do Brasil, p. 5;

Abbott Laboratórios do Brasil, p. 16;

Libbs Farmacêutica, p. 5).

A

Sim. Mas um dia, depois de muito custo, eu consegui. A sensação de orgasmo começou a vir, normal, como deve ser, só que do nada clicou um interruptor, e eu fiquei paralisado, na cama, olhando pro teto. Era como se minha cabeça fosse uma privada, era como se meu cérebro fosse um monte de merda, e alguém desse descarga que inverteu meus polos, uma convulsão, um horror por um tempo infinito que na real durou só uns 10 segundos. Nunca mais transamos. Ela merecia uma pessoa normal. Eu já aceitei que não sou. Depois eu cansei e tirei tudo de uma vez. Comecei a acordar de madrugada e ver lacraias com cabeça de gente andando pelo teto numa noite; noutra, fiquei tremendo, chorando, horrorizado, com medo da poltrona!

F

C

Ha ha ha ha ha ha ha.

C

[Uma revisão guarda-chuva de pesquisas demonstrou que não há nenhuma evidência convincente de que a depressão é associada com, ou é causada por baixa concentração ou atividade de serotonina, nem qualquer base biológica para isso. O biologicismo propagado molda o entendimento do público sobre emoções e leva a compreensões pessimistas sobre o desenrolar da depressão e expectativas negativas sobre a capacidade de autorregulação das emoções – o que influencia na decisão começar ou continuar o uso de antidepressivos, e pode desencorajar a descontinuação de tratamento, potencialmente levando a dependência vitalícia nessas drogas: uso esse que, a longo prazo, podem produzir mudanças compensatórias a seus efeitos (Moncrieff *et al.*, p. 3253 e 3254).]

F

[Um retorno, apenas, às velhas e falhas tentativas de encontrar no corpo algo que justifique o sintoma do mal-estar do sujeito na sociedade contemporânea, mas com um disfarce diferente – um disfarce apoiado em parâmetros pseudocientíficos, que por meio da medicamentação da vida, propõe eliminar totalmente o sofrimento e vender a garantia a um pretense bem-estar (Resende; Pontes; Calazans, 2015, p. 543). Mas, a que custo?]

A

E aí que o tempo passou e eu comecei a sentir de novo medo de andar na rua, porque tinha vontade de pular na frente dos carros em movimento. Agora tô tentando de novo:

F

[Quantas pessoas mais ainda vão ser medicadas em tratamentos sem eficácia comprovada, mas efeitos colaterais conhecidos, até que essas proposições caiam no esquecimento? (Resende; Pontes; Calazans, 2015, p. 542 e 544)]

A

Agora tô com lamotrigina...

C

É isso! Olhai! Tá aqui!

F

A

Essas feridas que começaram nos braços e foram pro tronco?

C

*Tão como “exantema”. Bula da Eurofarma, página 6. Item 8:
“Reações muito comuns” ...*

Uma aluna entra. Horas passam. O professor comenta a apresentação de trabalhos gráficos de cada aluno, e ela não presta atenção. O dia se arrasta, e o olhar dela vagueia para além de qualquer colega: para a paisagem na janela. A sala tem ar-refrigerado, mas ela parece suada. Seu olho, molhado.

A aula acaba. Ela permanece inerte, mesmo enquanto a sala se esvazia. Num intervalo qualquer, ela parece estar aguardando, como costuma fazer, junto à janela, olhando para baixo. Sem que ela perceba, vocês a admiram: uma bomba relógio, um som latente de pistolas, repentino – como a luz que dá à luz a um majestoso incêndio.

02 de setembro de 2018

Você sonha o mesmo sonho – de novo e de novo e de novo e de novo

Uma pira de sacrifício. É noite.

O coro geme.

Você ouve seu nome na oração de uma alma em suplício.

*Na escuridão você corre, desesperada,
atravessando os jardins da Quinta da Boa Vista*

*Suas as sandálias resvalam no solo
como dedos de poeta a percorrer uma lira em lamento.*

O coro grita.

Você hesita nas escadarias, diante de um colosso imolado:

o Museu Nacional é crematório a céu aberto.

*Seguindo a voz você abre os portões do inferno queimando as mãos nuas,
e mergulha num palácio de mortos profanados.*

*Num mar de serpentes de fogo, pelos corredores,
baleias, preguiças gigantes, lagartos ancestrais,*

máscaras tikuna,

cerâmicas huari, egípcias e marajoaras,

múmias de jovens atacamenas e aymaras,

o trono do rei Adandozan de Daomé,

os rastros de 42 botocudos,

pulverizam-se – areia negra, varrida pelo tempo, salgando seu horror boquiaberto.

Uma árvore antártica de 70 milhões de anos cai sobre si mesma,

enquanto você toma nas mãos o crânio de 13 mil anos,

danificado, da primeira brasileira.

Silêncio. O coro soluça.

Você vê, abraçadas, duas jovens filhas de Tebas, em dueto, deitadas no incêndio.

*Você ouve o canto dos campos férteis de Amon, da boca de Sha-Amun-em-su,
e que te leva ao templo egípcio de Karnak, há 2.800 anos atrás.*

Você encontra a voz de Kherima,

*que entre o século I e II do período romano conheceu por Neith
quem a muitos responde por Minerva, ou Pallas Athena.*

Olhando nos seus olhos, Kherima quer lhe dizer algo,

mas sua mandíbula se desprende e as palavras perdem, para sempre, sentido.

Diante de fogo, suas armas são inúteis:

você as vê perecer, como a você mesma – ferida de morte – sem fazer nada.

Seu coração, uma urna funerária.

(Barrucho, pelo G1, em 4 de setembro de 2018; Pivetta, pela Revista Pesquisa Fapesp, em janeiro de 2014 e em outubro de 2018; Pessoa, pela Agência Brasil, em 2 de setembro de 2023; Rodrigues, Ibid., em 16 de janeiro de 2019; Portal do Museu Nacional).

...e o sonho acaba.

Você desperta, lamacenta, suada como um peixe asfixiando no chuveiro. De uma hora para outra, “a maior parte dos 20 milhões de itens que o museu abrigava foi totalmente destruída”. Você assiste “uma parte da própria história queimar e se perder” (Souza, pelo Correio Braziliense, em 2 de setembro de 2021), a coerência do rosto da verdade queimar e se perder. Poucas vezes na vida você sentiu no peito o desamparo absoluto dos prenúncios dos retrocessos, das derrotas coletivas (como quando assistiu a votação do impeachment da Dilma Rousseff; os desastres ambientais em Mariana, no Rio Grande do Sul e na mata amazônica; a apuração que anunciou a vitória de Jair Messias Bolsonaro; ou recebeu a notícia da execução a tiros de Anderson Gomes e Marielle Franco) e um catarro quente metálico rasgando inflamações na garganta e nos alvéolos pulmonares – mas a frequência com que isso está ocorre (e ocorrerá) está cada vez maior. Mesmo não sabendo desse fato, entretanto, você o presente, 5 anos antes e 5 anos depois, paralisada, assistindo, no noticiário de 3 de outubro de 2016, o fogo dançar para você A Dança da Morte do universo.



(G1 Rio, pelo G1, em 4 de outubro de 2016.)

Uma morte cósmica, nas chamas, em que todo um universo se aniquila com o pensador, entre todas, lhe parece a menos solitária. O fogo lhe aquece. Reconforta. Você vê o fogo viver no céu. Você vê o fogo subir das profundezas da substância, e se oferecer

como um amor, e depois, tornar a descer à matéria, se ocultando, latente e contido como o ódio e a vingança. Ele brilha no Paraíso, ele abrasa no Inferno: nada encerra em si mesmo tão nitidamente duas valorações contrárias. É sujeito e objeto, e por si só oferece um sentido imediato à intensidade do ser, pois é pelo calor que se faz imediatamente reconhecido aquilo que é vivo. “O fogo é o ultravivo”. O fogo é íntimo, universal. “Vive em nossos corações” (Bachelard, 1994, p. 11, 23, 29, e 162).

Você se senta perto do fogo. Você repousa sem dormir. Você aceita o devaneio. Diferente do sonho, que segue linearmente, e esquece seu caminho à medida que avança, o devaneio é mais ou menos centrado num objeto, e “opera como uma estrela”, retornando a seu centro para emitir novos raios. “Não se entregar ao devaneio diante do fogo é perder o uso verdadeiramente humano e primeiro do fogo” (p.22 e 23) e você se entrega.

Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo. São o fogo e seu calor “a ocasião de lembranças imperecíveis, de experiências pessoais simples e decisivas”. Você se vê diante de “um fenômeno privilegiado, capaz de explicar tudo” (p.11). Se um incêndio determina um incendiário quase tão fatalmente quanto um incendiário provoca um incêndio”, propagando-se mais seguramente numa alma que sob as cinzas, de geração em geração, pelos sonhos solitários de homens miseráveis (p. 21), você começa a ler nas chamas do novo templo de Athena páginas e páginas de hieróglifos de calor e luz, buscando finalmente não mais em você, mas na destruição, as razões da própria destruição.

Meu corpo parou.

Meu corpo não responde mais.

Minhas mãos, enrijecidas, não me respondem mais.

Nem analgésicos, anti-inflamatórios, não falam comigo.

Dói, dói, dói, escrever

é cavar a própria vala com os dedos nus.

Passar um tempo entre uma morte e outra mergulhado à própria merda.

Isso já não é mais uma performance há muito tempo.

É um efeito colateral.

Um acidente de trabalho.

Um suicídio assistido

por você.

Mas vamos lá

fazer mais um esforço.

O último.

3.4.1. e eu, O incêndio

As explicações sobre o conjunto de expressões e manifestações – como, por exemplo, a fome, o desemprego estrutural e a criminalidade – oriundas da própria condição antagônica e desigual do capitalismo tem se dado comumente por vieses individualizantes; servindo como apologias à ordem, mistificando e descaracterizando o fenômeno discutido, com o intuito de culpabilizar os indivíduos por suas condições. No caso dos ditos transtornos mentais, outro desses exemplos, as explicações hegemônicas, além de tratá-los como uma “questão em si”, reduzem a uma questão individual limitada à psicologia, à psicanálise e, principalmente, à psiquiatria: o problema estaria “*dentro da cabeça dos indivíduos*” seja por desequilíbrios químicos, desvios de personalidade ou morais-comportamentais, como se suas mentes ou cérebros fossem “entidades autônomas, prontas, que se objetivam nos indivíduos, os produzem, num determinismo ou estruturalismo cerebral ou psicológico. O fato objetivo, entretanto, é que pelas contradições entre socialização da produção de riqueza e apropriação privada da mesma, o crescimento da produção e da riqueza tende a implicar em “maior produção e acumulação de miséria, bem como do sofrimento psíquico”. Ou seja, uma miséria objetiva, que ao ser subjetivada na/pela própria ação humana, se expressa como miséria subjetiva (Costa, 2023, p. 67 – 70).

Demonstrações de como diferentes conformações ambientais socioeconômicas causam impactos variados na saúde física e mental de seus habitantes podem ser observáveis, por exemplo, quando se analisa o movimento histórico brasileiro. As importantes mudanças demográficas que ocorreram na segunda metade do século XX – em que os 36% da população (de 52 milhões, em 1950) moradora de cidades se tornou 81% (dos 170 milhões, em 2000) – transformaram o Brasil de uma sociedade predominantemente rural para uma predominantemente urbana. Por consequência, graças ao desenvolvimento socioeconômico, realizamos também uma transição nos padrões sobre saúde e doença, especialmente nas regiões mais urbanizadas: houve uma diminuição geral da mortalidade, especialmente infantil, aumento na expectativa de vida e a retirada das doenças infecciosas e contagiosas como

causas primárias de morbidade e mortalidade. No seu lugar, doenças não contagiosas e/ou crônico-degenerativas, como doenças mentais, também como causas externas como violência e lesões se tornaram proeminentes – mudanças que compartilhamos com outros “países em desenvolvimento” (Ribeiro *et al*, 2013, p. 1 e 2).

Por outro lado, quando se explora a relação entre exposição à violência, (ex.: ser vítima de roubos, assaltos, violência sexual, ou disputas do crime organizado etc.) e a outros eventos traumáticos (como por exemplo, morte súbita de um ente querido, acidentes automobilísticos, ou testemunhar violência urbana ou desastres naturais como enchentes

“e incêndios”)

e a prevalência de transtornos psiquiátricos entre São Paulo e Rio de Janeiro (cidades com padrão de urbanização e desigualdade semelhantes, mas de exposição a eventos traumáticos distintos), é possível notar que as diferenças entre as cidades se expressam como perfis diferentes de morbidade psiquiátrica. Em pesquisa de 2013, participantes do Rio de Janeiro apresentaram maior propensão a transtorno de pânico, enquanto os de São Paulo apresentaram maior tendência a dependência de álcool, transtorno de ansiedade generalizado, transtorno depressivo maior e transtorno de estresse pós-traumático. A hipótese: a maior exposição a episódios de violência e a propensão a um estilo de vida mais saudável no Rio de Janeiro justificariam apresentar mais diagnósticos relacionados a medo e menos relacionados a estresse do que São Paulo – ou seja, as características ambientais estruturais e socioeconômicas das duas cidades parecem estar mediando a relação entre eventos traumáticos e transtornos mentais (p. 2, 11 e 12).

Com base nesses pressupostos, acredito que a conformação do sofrimento mental na universidade brasileira pode ser então compreendida em três esferas indissociáveis:

- 1) A da depauperação das condições materiais das universidades (que se manifestam de maneiras diferentes seja a faculdade particular e pública, pelas implicações da lógica de gestão empresarial e do objetivo de criar sujeitos orientados a atender as necessidades do

mercado), frutos da posição brasileira de economia periférica que teve suas raízes do processo colonizatório;

2) O adoecimento das relações do estudante (pelo contexto da racionalidade neoliberal) e suas cobranças no campo interpessoal, e das estruturas socioeconômicas estabelecidas também desde a colonização, como a exploração de classes, a violência sistêmica, e tecnologias de controle social como o racismo, machismo etc.;

3) E, em especial, a instrumentalização histórica da loucura como tecnologia de controle social e fonte de lucro.

A página se apaga, repentinamente, entre outras que ascendem e esvanecem como o fogo-fátuo sobre as lápides do São João Batista. O tempo dos dias é coisa que se lembra e esquece. Suas mãos mediam comunicações compulsórias na superfície derretida dos papéis de fumaça que você encaderna sem ler, num códice de luz.

Volta e meia, desperta – jogada ao pé da cama, embrulhada na bile do vômito, lavada em febres – mas logo depois desfalece, trabalha dormindo. Numa pausa entre uma transcrição e outra – da língua do fogo ao português brasileiro – você folheia:

quatorze páginas em branco do discurso de um argelino, morto e agora torturado (subcapítulo 3.2, p. 54).

Fala rápido, o infeliz. Seu coração é um fuzil entupido. Dias afrente:

quatorze páginas de um diálogo entre Artaud e seus fantasmas que termina tão do nada quanto a vida do ator (subcapítulo 3.3, p. 68).

“Um fodido”, você ri. “Se fosse vivo, hoje, tomaria tanto remédio que seria só mais um”.

Algo bate à porta:

O trabalho chama.

Sobre o prédio aceso

no céu você lê

escritas cadentes:

I

O Museu Nacional do Rio de Janeiro, uma “unidade de ensino, pesquisa e extensão da UFRJ” (Assessoria de Imprensa da Reitoria, pelo Portal da UFRJ, em 27 de março de 2021), se soma a uma lista de pelo menos 11 incêndios que ocorreram consecutivamente nas dependências da instituição no período de 13 anos entre 2011 e 2024:

2011 – Palácio Universitário (Campus Praia Vermelha);

2012 – Faculdade de Letras (Campus Fundão);

2014 – Centro de Ciências da Saúde (Fundão);

2016 – Oitavo andar da Reitoria (Fundão);

2017 – Residência Estudantil (Fundão);

2018 – Nono andar do Hospital Universitário (Fundão);

2018 – Terceiro andar do Museu Nacional (Quinta da Boa Vista);

2021 – Segundo andar da Reitoria (Fundão);

2022 – Sétimo andar do Hospital Universitário (Fundão);

2022 – Bloco A do Centro Tecnológico (Fundão);

2023 – Almojarifado do prédio H do Centro Tecnológico (Fundão).

Deles, 8 estão de alguma forma diretamente relacionados ou piorados pela falta de manutenção (Antunes, pela Agência Brasil, em 3 de setembro de 2018; TV Globo, pelo G1, em 20 de abril de 2021; Assessoria de Imprensa do HUCFF/UFRJ, pelo Portal da UFRJ, em 5 de março de 2022; O Dia, em 3 de outubro de 2022; RJ1, pelo G1, em 5 de abril de 2023).

A (até então) “maior tragédia museológica do país” já havia sido publicamente denunciada enquanto possibilidade em 2014, 14 anos antes. A predição de que o estado de má conservação das instalações elétricas do palácio cobraria seu preço foi concretizada no laudo da polícia federal, em que se aponta como início do sinistro um simples curto-circuito em um ar-condicionado (Oliveira, pela Agência Brasil, em 3 de setembro de 2018;

Silveira, pelo G1, em 4 de abril de 2019) – o mesmo eletrodoméstico que aparece em 5 laudos diferentes.

A erosão patrimonial da UFRJ é visível pelo corte constante de repasses federais para seu orçamento de custeio de suas atividades na última década, em que houve queda livre de R\$773 milhões em 2012 (segundo ano do primeiro governo Dilma Rousseff), a seu ponto mais baixo, R\$299 milhões em 2021 (terceiro ano do governo Jair Bolsonaro). Apesar do crescimento moderado e oscilante, que elevou a R\$391 milhões em 2024, segundo o pró-reitor, a universidade necessita de R\$460 milhões para funcionar, o que significa um déficit constante e crescente, que em 2022 fechou em R\$60 milhões, e em 2023, mais de 100 milhões. Levando em conta a expansão das universidades com o apoio do REUNI, em que, por exemplo, a UFRJ aumentou em quase 50% o número de alunos matriculados que tinha em 2008, o valor real destes números se torna ainda menor (França, pela Conexão UFRJ, em 29 de dezembro de 2022; Sintufrj, em 26 de janeiro de 2024).

A situação da UFRJ é exemplo extremado da lida governamental com o ensino superior público. O orçamento discricionário das universidades federais manteve-se em crescimento de 2010 (R\$3,9 bilhões) a 2015 (R\$7,9 bilhões), seu auge, recebendo a partir daí cortes que levaram o orçamento de 2021 (R\$4,5 bilhões) a ser menor que o montante de 10 anos antes (R\$5,7 bilhões, em 2011) – uma queda constante ligada “a um contexto político favorável à austeridade fiscal”, que surgiu no segundo mandato Dilma, e ganhou força com Michel Temer e Bolsonaro (Konchinski, pelo Brasil de Fato, em 16 de fevereiro de 2022), contexto esse reflexo da doutrina neoliberal implementada sobre um país que se mantém como economia periférica desde seus tempos coloniais.

O plano institucional do sofrimento psíquico na universidade pode ser entendido como uma construção fundamentada na expansão ideológica do neoliberalismo e sua imposição, por parte de países centrais, como EUA e Inglaterra, a países da periferia do sistema mundo capitalista como o Brasil – seja por pressão econômica, política ou mesmo militar. Essa adesão se manifestou “em processos de reformas estatais, realinhamento das políticas econômicas e alterações nas dinâmicas institucionais” que objetivavam a

“aplicação do *modus operandi* neoliberal à gestão estatal e à vida social”, na forma dos pressupostos de uma “boa governança”, baseados na íntima vinculação da política com o mercado mundial, e na vigilância “da comunidade financeira internacional, de organismos de *expertise* e de agências de classificação de riscos” sobre os dirigentes de Estado. Tais reformas promoveram, sob a apologia retórica do “Estado mínimo”, “uma nova forma de intervenção estatal, com foco na criação de uma gestão empresarial do Estado e da sociedade”, generalizando a lógica concorrencial e as leis mercantis em todas as esferas humanas. Por consequência, “torna-se imperativo impor um modelo totalizante de educação” e de psicologia, capaz de construir um sujeito neoliberal, “capaz de um alto nível de adaptabilidade” diante de um campo social instável e de constante crises, capaz de aderir às necessidades e aos riscos do mercado: um “*homo economicus*” (Dardot e Laval *apud* Maia; Maia, 2022, p. 108 – 112).

O “processo neoliberalizante das políticas públicas brasileiras” se iniciou no começo dos anos 90, em que a “reengenharia institucional” teve seu ápice nos governos de Fernando Henrique Cardoso, em que se teve, como um dos focos principais, “alterar a relação do Estado com os serviços não exclusivos do Estado, em especial as escolas técnicas e universidades”. Inaugurando a inserção da lógica de gestão empresarial, o ensino superior, mesmo público, passou a se submeter seus processos de gestão e avaliação de resultado às leis e à perspectiva da competição de mercado concorrencial. Apesar da vitória de Luís Inácio Lula da Silva com forte base social – parte de um movimento de resposta ao desgaste dos governos neoliberais no início dos anos 2000, em que se elegeram governos de esquerda e centro-esquerda em diversos países sul-americanos –, suas políticas públicas efetivaram uma continuidade de diversos pontos das reformas já em andamento desde FHC. Apostando na possibilidade de gerenciar o capitalismo brasileiro e pacificar interesses sociais antagônicos, Lula garantiu “a manutenção dos parâmetros neoliberais de condução da economia”, mas com o “rostro humano” da preocupação social – aposta essa que sua sucessora, Dilma Rouseff, perdeu (Safatle *apud* Maia; Maia, p. 112 – 116), inaugurando seis anos de franco avanço neoliberal, sob comando de Michel Temer e Jair Bolsonaro.

Neste ínterim, o objetivo de privatizar as universidades federais, que sofreu resistência principalmente no período FHC, encontrou outros caminhos de se realizar, sem a necessidade da entrega total da gestão universitária ao capital privado. Um deles foi “uma imersão da instituição pública em uma gestão mercadológica, invertendo a prioridade do público para o privado”: introdução dos parâmetros de funcionamento empresarial no serviço público, criação de ferramentas de aferição e certificação de qualidade, visibilizar avaliações na mídia e condicionar recursos disponíveis a metas de aumento de qualidade. Isola-se o sistema educacional de as reponsabilidade ético-social e o submete a lógica do custo-benefício, da produção e do resultado. Para além disso, o próprio aumento exponencial, no ensino superior público, na criação de novos campi e no número de vagas e cursos de graduação e pós, e de matrículas, foi acompanhado por uma tendência de redução nos recursos do Tesouro Nacional: a relação aluno-professor aumentou, enquanto o número de contratações de professores e técnicos administrativos, não acompanhou esse crescimento (Freitas *apud* Maia; Safatle *apud* Maia; Maia, p. 117, 119 - 120) – o que implica que as políticas de ampliação da infraestrutura universitária e de acesso a ele significaram, na prática, apesar do meritório benefício social, uma redução proporcional no investimento federal no ensino superior, e uma maior exploração dos profissionais e estudantes envolvidos.

II

Ao contrário das conclusões de uma análise individualista e patologizante, fica patente que a agência subjetiva da coletividade universitária está direcionada pelas circunstâncias. “Quem entra numa universidade hoje, especialmente nas públicas, encontra o reino da ‘ideologia do produtivismo acadêmico’” (Maia, 2022, p. 126); encontra um ambiente que acaba por concentrar, potencializar e expressar todo um conjunto das piores práticas da sociedade que o rodeia.

A começar pelas pressões que sofrem os próprios professores e estudantes de pós-graduação (e graduandos que desejam ingressar na carreira acadêmica) por desempenho, numa corrida infinita para se adequar à lógica de avaliação quantitativa; preencher o lattes para se manter competitivo

enquanto profissional e/ou programa; e, muitas vezes até mesmo às custas da qualidade ou de propósito, “atender à demanda por mais e mais artigos e livros, etc., dos organismos governamentais e privados que injetam dinheiro nas artérias da universidade” (Silva *apud* Maia; Maia, p. 124 – 127). O problema se agrava entre os estudantes de pós-graduação, em especial, não apenas pela grande tendência de seus esforços serem recompensados com o desemprego ou trabalhos fora de sua área de formação (Roscoe e Soares, pelo *Correio Braziliense*, em 10 de março de 2019; APUB, em 17 de março de 2022). Apesar de serem responsáveis pela maioria da pesquisa científica realizada no Brasil, por sua situação híbrida entre profissionais e estudantes, não recebem o devido reconhecimento de sua condição de trabalhadores da ciência: apenas 40% dos mestrandos e doutorandos remunerados com bolsa, cujos valores (de R\$1500 e R\$2200, respectivamente) mantiveram-se sem reajuste desde 2013, recebendo pela primeira vez em 2023 (de 40%). E mesmo os que recebem por seu trabalho, apesar do vínculo com a universidade, não são cobertos pelo sistema de previdência nacional, nem nenhum direito trabalhista (ANPG, em 1 de maio de 2020, e em 26 e 28 de março de 2024; Portal Gov, em 17 de fevereiro de 2023).

Por sua vez, os estudantes, direcionados pelas condições ideológicas e materiais que estruturam as universidades hoje, influem-se sobre eles o produtivismo apregoado, formando-os à imagem do “sujeito do desempenho”, agindo pessoas jurídicas que precisam aprender um conjunto de técnicas e saberes para se autogerenciarem enquanto empresários e enfrentarem o mercado concorrencial. A educação – na medida em que, apesar da resistência de parte de seus agentes sociais, cede à ação de vetores que desejam deformá-la a mero instrumento do controle neoliberal – tem seu rosto de direito universal e seu caráter emancipador escondido, assumindo uma lógica abertamente mercantil; e o educando passa a ser visto como um pesado investimento para potencializar o desenvolvimento de habilidades e a capacidade do indivíduo de produzir e administrar seu próprio valor dentro das dinâmicas neoliberais. Em outras palavras, a função de desenvolvimento humano da educação é desvirtuada para uma função de preparar os sujeitos para lutarem por sua sobrevivência em um ambiente social em que todos estão

assombrados pela chance real de falência, fracasso, exclusão, e por consequência, de se tornarem “não pessoas” – ambiente esse que promove, tanto dentro quanto fora da universidade, a desestruturação das comunidades e do sentimento de pertencimento, desincentiva a solidariedade e o acolhimento, e induz ao esgotamento afetivo, à sensação de inadequação e a coisificação das relações pessoais (Maia, 2022, p. 130, 136, 140).

Somado aos problemas inerentes à vivência do quadro social maior, o ambiente universitário acaba, portanto, não apenas propiciando o surgimento de problemas de saúde mental, mas também intensificando sofrimentos preexistentes, que se acentuam no estabelecimento da relação entre aluno e contexto acadêmico (Vieira e Torrenté, 2022, p. 8 e 11). Os fatores de risco associados à presença de sofrimento psíquico e transtornos mentais mais frequentemente relatados pelos próprios alunos são pontos de entrelace das características da vida acadêmica e relacionais, ou seja, as diversas expressões de desigualdade e opressão sistêmica que se interseccionam e se somam uns aos outros: discriminações e agressões por raça, idade, gênero, orientação sexual e classe social; vulnerabilidade econômica; dificuldades interpessoais como falta de fazer amigos, não receber apoio emocional necessário ou relações conflitivas; percepção negativa do ambiente; e outras experiências características do ambiente universitário (estruturado como espaço de reprodução das contradições da elite dominante) como exclusão e competição desigual (Graner e Cerqueira, 2019; Lucchese *et al.*, 2014; Vieira e Torrenté, 2022).

III

Diria então o filósofo Althusser que é a universidade um “aparelho ideológico de Estado”: uma instituição (como a igreja, a escola, a família, a fábrica, a imprensa, o partido político e o sindicato, o sistema jurídico, os grupos culturais e esportivos etc.) em que predominantemente se desenvolve e utiliza da ideologia (mas também a repressão, inclusive física, mesmo que secundariamente) para garantir a manutenção das relações de produção estabelecidas das classes dominantes. Ela complementa e retroalimenta

instituições como governo, burocracia estatal, exército, polícia, prisões: “aparelhos repressivos de Estado”, em que o uso da força vem antes (Althusser, 1992, p. 68, 74).

De maneira semelhante, para o psiquiatra Basaglia, a universidade perfilaria, tal qual um hospital psiquiátrico, às “instituições de violência”, que repousam sobre nítidas subdivisões de função/trabalho (servo e senhor, professor e aluno, empregador e empregado, médico e doente, assim por diante) que traduzem “uma relação de opressão e violência entre o poder e o não-poder, que se transforma em exclusão do segundo pelo primeiro”. Sendo os graus de aplicação da violência dependentes “da necessidade que tenha aquele que detém o poder de ocultá-la ou disfarçá-la”, para ele originam-se assim diversas instituições, desde a familiar e escolar (cuja violência e exclusão justificam-se por finalidade educativa) até a carcerária e manicomial (em que se justifica como consequência da “culpa” e da “doença”) (Basaglia, 1991, p. 101).

O que se espera do psiquiatra, do psicoterapeuta, do assistente social, do psicólogo de indústria, do sociólogo de empresa (ou qualquer outro avaliado pelo *establishment* para tomar algum tipo de poder técnico em um instituição de repressão menos explícita, como nosso professor universitário) é que seja capaz de desempenhar seu papel – sem problemas, nem desvios – de administrador da violência: uma figura intermediária cuja incumbência é mistificar a violência através de tecnicismos, para que aquele que é seu objeto de agressão se adapte a ela sem sequer dela ter consciência, e portanto, sem que possa ele mesmo tornar-se violento e reagir. Sua tarefa “terapêutico-orientadora” é adaptar os indivíduos à aceitação de sua condição, dando por acabado que ser objeto de violência é a única realidade que lhes cabe se rejeitarem todas as modalidades de adaptação que lhes são oferecidas (p. 102, 103).

O perfeccionismo técnico-especializado dos “administradores da violência” consegue que “o rejeitado aceite sua inferioridade social” com a mesma eficiência com que antes o conceito de diversidade biológica (tal como no racismo científico, cujo aparato ideológico a lógica asilar-manicomial “sempre encontrou como pilar de sustentação”) “sancionava por outra via a

inferioridade moral e social do *diferente*”. Seu impacto, concomitantemente, se expressa de formas diversas e ainda mais violentas a depender dos marcadores sociais de opressão sistêmica no alvo de sua intervenção (Basaglia, p. 102; Davis *apud* Lima *in* Costa, p. 29). Não é coincidência, por exemplo, que a população negra (e pessoas não-brancas em geral) seja historicamente o público prioritário da institucionalização manicomial; que ainda hoje a população LGBTQIA+ tenha de enfrentar “as lógicas históricas de patologização das sexualidades que fogem da cisheteronormatividade”; e as instituições psiquiátricas com frequência sejam parte importante do complexo industrial-prisional (Costa, p. 123; Davis *apud* Costa, p. 128; Lima *in* Costa, p. 29).

As categorias clínicas então se assomam ao arsenal desses mediadores institucionais de redução de conflitos entre excluído e excludente, “através de uma confirmação científica da inferioridade original” do primeiro em relação ao segundo: não sendo verdadeiramente estruturas descritivas resultadas de uma diferença natural identificada em um campo independente da linguagem, mas agrupamentos de sintomas (aparências fenomênicas) geralmente analisadas como entidade em si, como fenômeno destituído do indivíduo a que se refere, são tecnologias de intervenção na estrutura psíquica a partir de valores que se deseja implementar; cujo fundamento atual, farmacológico e neoliberal, faz com que a configuração das categorias tenda a justamente se conformar ao espectro de atuação do fármaco e da lógica do modo de produção capitalista. O que não significa, entretanto, que tal forma de operar na realidade seja necessariamente falsa, que não possa apreender uma dinâmica fenomênica, ser fruto de boa vontade ou ter impactos positivos, ser “efetiva”, mas não sendo a mera sintomatologia um estudo do sofrimento em sua complexidade, propagam-se respostas que apenas descrevem fenômenos sem explica-los, ou quando fazem, acabam incorrendo em explicações funcionalistas e “individualistas de caráter mistificador”, sejam “organicistas-biologizantes”, sejam “psicologizantes”, escondendo o caráter social do sofrimento psíquico “enquanto expressão ou desdobramento de nossa condição alienada, estranhada, coisificada” (Basaglia, p. 102; Costa, 2023, p. 38 – 42 ; Safatle; Junior; Dunker, 2021, p. 32, 33).

Foi a partir da Revolução Industrial e do desenvolvimento do modo de produção capitalista que a loucura (que em diversos contextos histórico-culturais era considerada “expressão de sabedoria”, “manifestação do sagrado”, por exemplo) passou a ser entendido como “problema social” que demanda intervenção do Estado. Por não ser o louco, para o capital, nem produtivo, nem dócil, criaram-se então hospícios e manicômios para segregarem esse “refúgio social” da classe trabalhadora, e ajudar a sustentar as dinâmicas sociais capitalistas, pois “ao passo que o capitalismo produz alienação e loucura, ele a esconde através da institucionalização” (Basaglia e Marx *apud* Lima; Lima *in* Costa, p. 26 – 28) – e de práticas psiquiátricas e psicológicas mistificadoras, mesmo hoje.

No capitalismo, o sujeito em sofrimento psíquico que pertence à classe trabalhadora é então alienado, estranhado, coisificado duplamente: é um indivíduo negado enquanto “louco”, mas também enquanto trabalhador. É submetido ao “duplo da doença”: não sofre apenas pela sua experiência alienada da realidade, mas também pelo tratamento social que recebe – cuja qualidade, diante das relações sócio-históricas e do nível econômico do doente, varia desde o tratamento de ponta, humanizado, até o risco de ser estigmatizado, excluído da força produtiva e jogado à margem da vida em sociedade, ou mesmo (quando se encontra entre aqueles que não tem alternativa) ser submetido ao poder destruidor e des-historificante das instituições manicomiais e seus correlatos. Em qualquer situação, entretanto, mesmo quando não lucrativo enquanto força de trabalho, ele o é enquanto consumidor dos serviços manicomiais/hospitalares e seus insumos – como os farmacológicos – ou mão de obra barata no circuito manicomial (Costa, p. 91; Lima *in* Costa, p. 26, 28; Basaglia, p. 108).

Este sofrimento psíquico (um certo pleonasma psicologista, já que “todo sofrimento é psíquico” – assim como também possui dimensão orgânica) se expressa então dialeticamente enquanto sofrimento e protesto alienado e alienante: protesto esse que, ainda que guarde uma dimensão de recusa e de revolta contra o sistema político-socioeconômico que lhe é contemporâneo e sua inerente gestão social de subjetividades, ao ser o mistificado, estranhado e coisificado pelas práticas e discursos hegemônicos de entendimento da

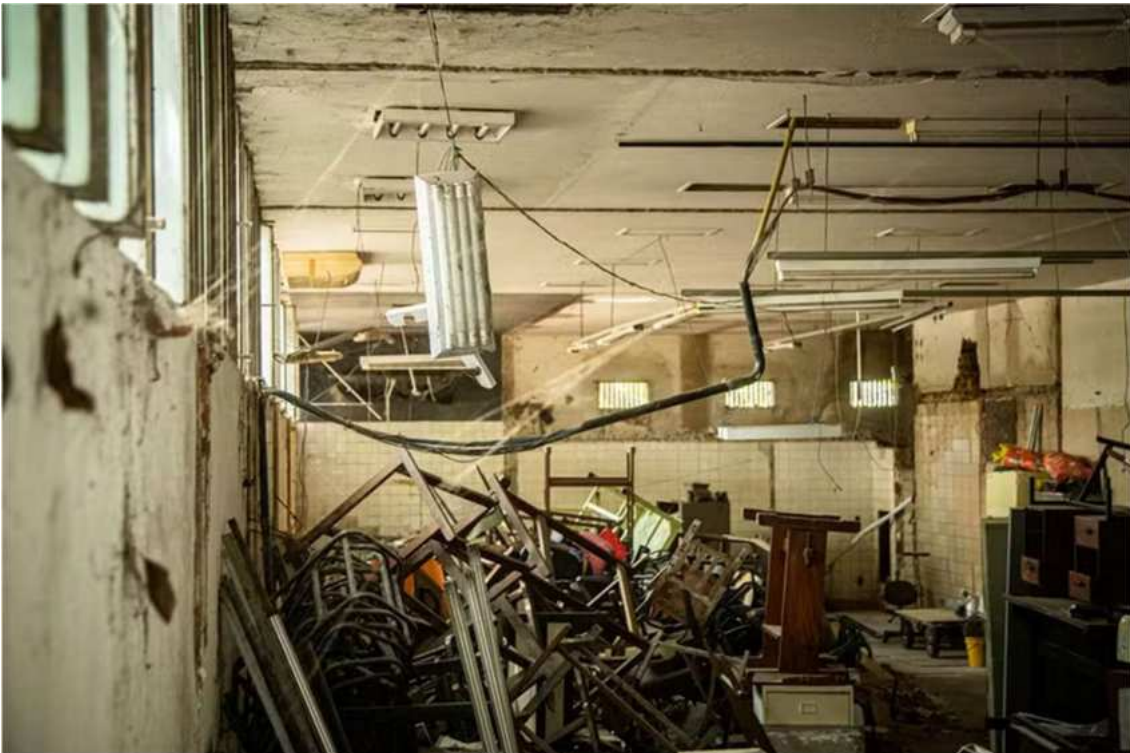
contemporâneo da loucura (principalmente por parte da psiquiatria, cuja história é indissociável de sua função contínua de gestão de conflitos sociais, mas também de todos os agentes sociais ao entorno que reproduzem, culposamente ou não, tal discurso) acaba por atentar contra o próprio ser que sofre (Costa, p. 38, 42; Safatle; Junior; Dunker, 2021, p. 30, 126).

– na transcrição irrompe uma lacuna, não no texto, mas em você. Mediar uma língua, como a do fogo, requer que o significado almejado preexistia naquele que media (já que em momento algum aqui tratamos de esoterismos e metafísicas) e já não lhe vem mais nada. E a culpa é sua, você entende, já que perdeu o final em princípio, no exato momento em que tomou distância do mundo na tentativa de vê-lo por inteiro. Sem poder avançar, você se levanta então, e se decide voltar, e volta ao banheiro, e percebe de frente ao espelho que talvez devesse ver-se contra ele, e penteia os cabelos não mais na direção dos fios, mas à contrapelo, virando-se do avesso até sentir que conseguiu se inverter, e encontrou na direção de uma verdade objetiva um caminho sem volta. Você sai pela porta do apartamento, e começa a retroceder o texto:

Os parágrafos desta página 128 até a 116 são uma quadra de tênis largada pelo tempo: você caminha por um plano reto e contínuo, com demarcações arbitrárias para um jogo que ninguém quer mais jogar. Não há ninguém além de você nestas páginas, mas assim que você se pergunta se houvesse, um vigilante patrimonial lhe expulsa com uma coronhada, dizendo “não há nada para ver aqui, além de um autor escondendo o desejo de desistir com recursos estilísticos”.

A partir da página 115 você cruza, a camelo, um árido vazio. No horizonte, palavras surgindo são oásis de angústia. Miragens encenam o suicídio de quem as descreve. Você vê, no futuro, a eutanásia de artistas ser política de seguridade social. Na página 102 as margens reaparecem e você se banha, dorme ao largo. Você está no seu quarto, de novo, no corpo de texto ao redor da foto do incêndio descrito no primeiro sonho, na primeira página do capítulo. Você adentra a imagem, mas percebe que, passado o tempo da leitura, o fogo já tinha ido embora. A foto mudou.

*Você caminha dentro da foto,
por Minerva destruída de guerra.
Seu rosto é um cemitério de lápides vazias.
Você vê chegarem almas, uma a uma, pouco a pouco, cerca até de 100 mil
fazendo falar a deusa como que fizesse, de um letargo,
fantoche humano.
Mas você, procurando o que perdeu, rasga a mortalha,
e beija o corpo eviscerado da deusa, tombada sobre si mesma,
cuja metade de todos os membros e órgãos está escancaradamente sob risco de desmoronar
ou arder de novo.
Você pergunta, então, sem discernir hospital de necrotério,
“doutor? ela vive ou é morta?”,
e ele responde
“R\$ 790 milhões:
é o que precisamos para salvá-la;
ou poderemos mantê-la, com aparelhos,
desde que começemos a cortar um monte de coisa”
(Marques, pelo O Globo, em 11 de maio de 2024).*



(Hermes de Paula/Agência O Globo, pelo O Globo, em 11 de maio de 2024.)

*O sonho morreria agora,
mas você se esforça, prossegue nele, até sonhos seguintes;
até a visão do alojamento, reconstruído,
vir boiar, flor no lamaçal, sob acorde de esperança
(França, pela Conexão UFRJ, em 3 de abril de 2023).*

*Antes que o coração amorneça,
você o afasta dos ouvidos e segue,
surda,
e transcorta morros de mares
línguas de esgoto na boca aberta dos cadáveres d'água
ilhas podres
animais podres
sobre lixos hospitalares
as faixas de Gaza que envolvem apóstolos armados
baleados e baleantes
sob a tempestade que inunda artérias entupidas
nos futuros do pretérito de uma cidade amarrada num tronco
sob a mira de uma Taurus ora quente
como asfalto do meio dia
ora ácida como o inverno nos buchos vazios,
e com o perfume
que envenena as vigas dos seus pés a cada passo chumbado
nas ondas embalsamadas do Ganges da Guanabara,
você chega às margens da Praia Vermelha.*

*Você passa pelo veneziano, e ele aponta-lhe os destroços em pilha, dessa vez reconstruída
parte do esqueleto da capela – e escondido em alguma medula do hospício,
o livro que lhe foi dado na página 86 é digerido pelas paredes desse sonho apaziguador
que enquanto se esforça para acabar
e lhe fazer acordar na cama aliviada pois um sonho é um sonho e nada mais, mundo é belo, justo e bom,
as coisas sempre poderiam ser piores e por isso devemos ajoelhar e esperar na graça porque
deus é conosco
e só pela fé no amor, nas instituições democráticas de direito, na reforma segura, pacífica e progressiva
conseguiremos construir um futuro melhor, ou qualquer estupidez dessas,
você corre as escadas até o andar mais alto do hospício para matar o sonho,
e, da janela mais alta, você irrompe o silêncio.
Bomba atômica.
O sonho gane. Cadela prenha atropelada é o mundo velho – gane, desmoronando,
no explodir da sua cabeça em mil páginas do livro do Ódio.*

3.4.2. Ode ao ódio

O que é esta força, “que incita uma sociedade a afastar e excluir os elementos que não fazem parte de seu jogo”? Que leva os ditos membros “sãos” de uma família “a descarregar sobre o mais frágil a agressividade acumulada das frustrações de todos”; e fundamenta os alicerces de nossas instituições, cujas regras, para salvaguardar o bom funcionamento social, objetivam precisamente “destruir o que ainda resta de pessoal no indivíduo”? O que, senão a violência? (Basaglia, p. 127)

Assistiremos, impotentes, o mundo de violência, terror e exploração, enquanto não pudermos reconhecer que esse mundo somos nós: que somos as regras, os princípios, as normas, as ordens, as leis, as burocracias, as empresas, as igrejas, as famílias, as escolas, as universidades – os escravos e o capatazes. Enquanto não pudermos reconhecer que fazemos parte do mundo de ameaça e de prevaricação que esmaga o doente, como a todo trabalhador, todo subalterno, todo Outro, oprimido por tecnologias de violência de classe, gênero, sexualidade, raça etc.; que nos constrange a viver de maneira aproblemática, adialética, acrítica, e apolítica diante de uma realidade de agressões insustentáveis; e que desarma a potência transformadora do sofrimento humanamente apreendido enquanto “autofruição”, para vender a fantasia de uma vida sem dor nem loucura – permaneceremos incapazes de entender “que a crise do doente é a nossa crise” (Basaglia, p. 126 – 127; Marx *apud* Costa, 2023, p. 134 – 135).

Não nos iludamos – mais – com as proposições de qualquer “nova técnica” para resolver nossos conflitos; com formas novas e velhas de negar nossas contradições estruturais e individuais, como também as pessoas que sofrendo as denunciam; com os gestos de compreensão e concórdia diante de crimes que não se consegue esconder por parte daqueles que querem abafá-los; com todo e qualquer ato terapêutico em que curar é conformar o indivíduo ao sistema que o submete, que reafirma a condição de objeto de violência como única realidade possível (Basaglia, p. 110, 130 - 131).

No atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista, a humanidade dança à beira do abismo, sem saber quantos passos em falso nos restam. Terapêuticas – individuais e sociais – que se deem por “simples reformismo,

economicismos”; que se baseiam no mero incremento de critérios quantitativos, são caminho para uma “psicotecnologia mais alienada e alienante, mais poderosa como instrumento de policiamento mental” – que em favor de um método estatístico de quantificação de sintomas, ao desconsiderar “a tensão entre a singularidade da experiência e a universalidade do saber”, mata a própria clínica. Qualquer indagação científica sobre doença mental em si só é possível depois de terem sido eliminadas todas as variáveis de violência sistêmica na família, no trabalho, como na sociedade por completo (Basaglia, p. 127; Cooper *in* Costa, p. 275, 276; Resende; Pontes; Calazans, 2015, p. 543). Toda doutrina que apregoa a melhora das facilidades materiais enquanto solução suficiente é armadilha que perpetua nossas chagas coloniais, e o avanço da pilhagem neoliberal e da hegemonização institucional de uma ética que nada faz, senão intensificar a produção de explorados doentes e altamente funcionais.

Mesmo a proposição mais avançada, no seio da organização estabelecida dentro dos mais avançados esquemas, só será terapêuticamente eficaz se pudermos sustentar uma mudança qualitativa nas relações interpessoais instauradas: na medida em que pudermos identificar as dinâmicas de violência presentes dentro e fora dela; e criar “os pressupostos para uma gradual tomada de consciência” que permita a seus membros reconhecê-las não mais como fatos inelutáveis, mas como parte integrante de uma estrutura social particular que pode e deve ser vista de frente, dialetizada e combatida. E, para tal, é justamente em instituições como a universidade, onde a violência é mais dissimulada, que encontramos terreno mais fértil: aparelhos em que o exercício de poder da burguesia (nacional e internacional) se dá maneira mais ideológica que repressiva, em que o inimigo “não dita tão facilmente a lei”, e nossa resistência pode encontrar meio e ocasião de expressar-se (Althusser, 1992, p. 71, 72; Basaglia, p. 127).

“Talvez não sejam os indivíduos os que necessitam de tratamento, mas a sociedade. E o tratamento da sociedade se chama revolução” – que “deve ser feita por e com pessoas conscientes do que são, da sua situação”, capazes de reconhecer e lidar, mesmo que insatisfatoriamente, com os limites de seu desenvolvimento; capazes de, sem aceitar as contradições, gerenciá-las, para poder superá-las. É posta, então, ao psiquiatra, professor – e a cada àquele em que a classe burguesa aposta para defender institucionalmente seus interesses –, uma escolha direta: ou traem sua

classe, e se aceitam concessionários do poder e da violência; ou tomando partido daqueles que sofrem traem seus senhores, e conscientes de suas limitações enfrentam os problemas de modo radical, sem se satisfazer com soluções parciais e mistificadoras. “A revolução é contemporânea da tomada de consciência do técnico” que se utilizar de seu papel específico para ser político em sua especialidade, e ajudar o oprimido “a ser um agente ativo da transformação e da gestão da liberdade”; pois “somente através da tomada de consciência do fato de ter sido excluído e rejeitado” que o assujeitado terá condição de se reabilitar do estado a que foi forçado – e redescobrir-se humano, no ódio. (Basaglia, p. 116, 120, 131; Basaglia *in* Costa, p. 271; Costa, p. 90; Martín-Baró *apud* Costa, p. 136)

Acordemos, nós, sofredores, aos nossos que hoje vegetam, humilhados e mortificados, asfixiando-se sob couraça de apatia, desinteresse e insensibilidade – “último recurso para proteger-se da experiência insuportável de viver conscientemente como excluído”. É a partir da agressividade, da revolta que desfaz do doente sua posição de resignado e submisso à autoridade, que lhe inflama o oprimido a opor-se à injustiça, que se dá “o primeiro passo para a cura”: “a volta à liberdade”. Despertemos no louco sua agressividade: “o único ponto de apoio possível para sua verdadeira reabilitação”, é por isso mesmo reprimida e patologizada, como toda e qualquer ação contestadora no seio das instituições – e veremos nele tal desejo castrado, de opor-se ao poder que os encarcera, preencher o vazio emocional em que vive com as forças pessoais de reação e de conflito. Veremos aquele cuja vida lhe parece sem alternativas, cuja participação pessoal consiste na adesão à ordem, sem saída, opor-se ao que lhe força à fuga na alienação, às produções psicóticas, ao refúgio no delírio, à posição de mero objeto; e, não mais se vendo prisioneiro da psiquiatria nem do mundo externo, viver dialeticamente as contradições do real. (Basaglia, p. 112 – 120)

Cantemos, para encher o peito de fogo e iluminar o caminho. Cantemos para munir os olhos e atirar contra céu, e explodir na queda – e em ação aberta fazer morrer a realidade que negamos – não mais por doenças, ilusões ou covardias, mas por ver nela o velório da humanidade. Cantemos: uma Ode ao Ódio – até que seja a liberdade fruto de nossa conquista, e não um dom do mais forte (p. 121).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se “a terminologia é o momento poético do pensamento” (Agamben, 2005, p. 9), o que aqui foi apresentado, sob a máscara de dissertação de mestrado, é não mais que um poema; uma performance; um jogo de palavras sustentado por dois anos que busquei levar às últimas consequências, mesmo começado antes de que dele eu tomasse consciência.

A palavra exaustivamente perseguida neste estudo foi mero ornamento pelos meses iniciais de uma pesquisa sobre transtornos mentais na universidade, que se propunha a transformar em material de proposição artística seus resultados. Escolhida quase ao acaso, na formulação do pré-projeto, para aplacar a necessidade de um título interessante (apesar do fascínio até então incompreendido que seu campo imagético sempre me causou – violência curativa, transcendência imediata, compromisso absoluto), aparentemente não havia razões objetivas ou sinceras que a justificassem sobre outras, que não autoindulgência em deleite estético inconsequente. Entretanto, quando a razão da necessidade e o espírito metodológico resvalaram da pesquisa ao próprio pesquisador, evidenciou-se que o cerne e a sina do trabalho era a face do enigma legado por minha *Es-finge*: afinal, por que – e o que é *Trepanação*? Tal resposta se construiu como uma pesquisa que opera em si mesma os próprios princípios metodológicos formais e estéticos que apresenta: uma meta-dissertação, que sai do Manifesto (e seu caderno de elaboração teórica do método de investigação poética e política) e passa por um conjunto experimentos formadores, para enfim desembocar numa práxis: a aplicação do método em uma investigação multidisciplinar e trans-histórica sobre transtorno mental na universidade – percurso estrutural tripartite que espelha a topologia dos movimentos trepanatórios.

O capítulo 1 (como pode se dizer da própria ideia de Trepanação enquanto método investigativo) teve como sopro anímico subjacente a posição de Benjamin em “O surrealismo – O último instantâneo da inteligência europeia” (Benjamin, 1985), sobre as particularidades estético-políticas que teriam feito dos artistas da vanguarda surrealista os únicos a compreender à sua época as palavras de ordem que Manifesto Comunista transmitia. Este hálito organizou os desejos órfãos de sentido à construção de um manifesto próprio como ato fundante do trabalho, matriz unicelular explodida por onde os conceitos fluíram e para se erigir como edifício pratico-teórico.

Se houve um propósito que se intentou nesta dissertação, decerto não foi impor sistematizações maquinais e castradoras, nem fundamentar um estilo; mas transmitir direcionamentos que ajudem a fazer respirar o espírito altivo e esperançoso, mágico e

materialista, amoroso e violento (tão presente nos momentos mais difíceis do século XX, quanto hoje combatido) dos artistas vanguardistas revolucionários; dos poetas guerrilheiros, que armados de ideias perigosas assaltam as Bastilhas de seu tempo e não raro morrem atirando contra os céus. Não à toa – aos moldes do Manifesto Comunista, do Manifesto Surrealista, do Manual do Guerrilheiro Urbano de Marighella, e do Livro Vermelho de Mao, como também antigas publicações místicas como manuais alquímicos e o *Malleus Maleficarum* – todo este primeiro capítulo foi projetado, escrito e diagramado para se realizar como panfleto breve, portátil, de baixo custo e fácil distribuição e compreensão, direcionado para dar suporte à ação daquele que lê. Estou ansioso para entregá-lo ao público e observar suas possíveis reverberações.

Já no capítulo 2, apresento as três experimentações que organizaram pelo plano prático o pensamento exposto anteriormente: Práxis Revolucionária Brasileira, Metempsicose e dois exemplos de escrita automática. Conceitualizações como da montagem trepanatória e da caixa écraniana – e o teste primeiro de suas aplicabilidades – decorrem das investigações formais encontradas nos exercícios audiovisuais. Já os exercícios de escrita automática serviram não só como laboratório estético: realizá-los abriu as portas da percepção para possibilidades de intervenção do oculto e do inconsciente no método. Somados então, esses dois capítulos da primeira metade da dissertação encerram tudo o que se carregou para realizar, no capítulo 3, o primeiro fruto do método: uma pesquisa trepanada.

“O incêndio e eu” pode ser entendido como uma obra independente, fechada em si, meticulosamente pensada dentro dos paradigmas processuais do método, a fim de demonstrar as potencialidades de seu pensamento para instigar a busca de seus princípios éticos e estéticos. Tais ideias, que a esquematização inicial poder dar a crer que se concatenam obedecendo uma rigidez arbitrária, demonstram sua verdadeira natureza na obra, convivendo todas num mesmo plano de ação e se misturando organicamente. Por um momento, entretanto, dissecarmos o trabalho, se fazem facilmente reconhecíveis como algumas dessas singularidades direcionaram a obra:

Uma breve autópsia

Iniciando os direcionamentos do movimento da anamnese, o “transtorno mental na universidade brasileira” é eleito como problema-sintoma por ser uma questão aberta na

sociedade, como também pessoalmente relevante para o trepador. Para estudá-lo enquanto movimento do real (e alcançar na pesquisa um extremo que rompa com a compreensão superficial do tema e amplie a crítica e a visão sobre as dinâmicas ocultas que regem a questão), se desdobrou dele os elementos relacionais passado/colonialização e presente e não-futuro/neoliberalismo – fazendo surgir assim, imediatamente, quatro dimensões de atrito a serem exploradas. Além delas, a dimensão individual e subjetiva (lugar comum do tema) é entendida como elemento a ser contrastado com visões coletivas e afastadas – como muitos outros elementos posteriormente derivados. O atrito das dimensões se manifesta de diversas formas e em diversos momentos, a exemplo:

1) a proposição de uma obra em tempos não-lineares (como as revelações no meio do subcapítulo 3.4 de que os textos 3.1, 3.2 e 3.3 na verdade acontecem narrativamente inseridos nele; e a própria construção do 3.4 como episódios que, além de pautados pela descrição de incêndios postos fora da ordem cronológica, seguem uma história que desobedece a tal lógica).

2) exploração do problema relacionado a um tempo por subcapítulo: passado próximo (pandemia) no subcapítulo 3.1, o passado distante (colonização) no 3.2, presente (neoliberalismo) sem futuro no 3.3 – o texto até mesmo acaba sem um “ponto final” –, e presente alargado no subcapítulo 3.4.

3) A construção de diversos níveis de personalidade das vozes: a obra começa com um discurso impessoal no 3.1, vai discretamente para a primeira pessoa do singular no 3.2. No 3.3 o texto se transforma subitamente em diálogo de duas personagens, e no 3.4, é construído misturando a segunda pessoa do singular com a primeira, terminando num discurso na primeira pessoa do plural.

Os processos relacionados ao estabelecimento da caixa écraniana foram nada mais que o reconhecimento das qualidades e limitações da relação entre o leitor e a folha em branco, mas atravessada pelas expectativas formais de uma dissertação acadêmica. O teatro operatório foi então delimitado dentro das necessidades mínimas de reconhecimento, como o respeito às margens, o uso da tipografia Times News Roman,

entre outros – o que significa que dentro das demarcações mínimas de inteligibilidade estipuladas é permitido esgarçar o formato: há, por exemplo, regras sobre o tamanho da fonte, mas não tanto sobre seu peso, abrindo brechas para jogo. As transformações da forma dissertação pelos subcapítulos seguiram também a escolha pedagógica de se manterem constantes e crescentes, acostumando e reacostumando o leitor no percorrer desse espectro, do texto mais convencional (3.1) até as raias do surreal, das possibilidades infinitas (3.4).

Pela montagem trepanatória se esculpiu então esses movimentos que fazem da obra trepanada uma obra viva, que ameaça o leitor com um rosto de uma incontestância em si mesma, de um “tudo pode acontecer” – espírito que se revela mais claramente no choque da justaposição de imagens e recursos formais que agem como um reenquadramento do leitor (ex.: quando no 3.3 a diferença de pesos tipográficos revela que o texto é um diálogo, ou mais afrente, surge um “roteiro de ensaios” que assume o caráter dramático do texto e uma camada subjacente de performance dos próprios personagens. Em ambos os casos, a transformação formal desloca o leitor da posição passiva e o lança à chance de reavaliar os sentidos do que foi lido e do que se lerá a partir daí).

Nessa obra, a montagem trepanatória:

- 1) Apesar do uso de narrativas, negou-se qualquer ilusão passiva ao público, ofertando o trabalho como quebra-cabeças de imagens, formas e gêneros textuais numa dissertação desnuda enquanto meio artisticamente extrapolada; um texto que muito diferente das imersões anestesiadas do entretenimento exige constantemente participação ativa.
- 2) Assumiu-se as folhas de papel como um corpo expandido, uma extensão física percorrida na leitura – ideia que fica escancarada a partir da pág. 128: o texto, até então seguindo progressivamente, como de habitual, começa a descrever uma viagem de retorno até a foto (incêndio de 2016) da pág. 101. Reavaliando as páginas, numa narrativa fantástica, como superfície revisitável que se transformou no tempo, a personagem “adentra a mesma foto” anos depois e faz um balanço do mesmo prédio, oito anos depois.

- 3) Permitiu a utilização de recursos de torções, reenquadramentos e combinação de imagens e formas, inspiradas nas proposições violentas da estética trepanatória, expressando irrupções no texto nas ágeis sobreposições de imagens (como *jumpcuts*, a exemplo dos episódios do 3.4, com suas cenas divididas pela diagramação e diagramação em três planos narrativos que se invadiam a todo momento); nos seus vales de silêncio (como quando o texto se interrompe da pág. 102 à 115, e as páginas em banco dilatam o tempo como *slowmotion*, e os flashes de frases soltas resgatam os experimentos com efeito *flicker*); ou até mesmo fora do próprio texto (na maneira em que os títulos, principalmente nos subcapítulos 3.1 e 3.2, emolduram conteúdos que a princípio podem parecer não relacionados, mas cada combinação cria uma cena que posteriormente é confirmada enquanto tal: um noticiário na TV da sala da personagem do 3.4, e a psicografia de um guerrilheiro que ela transcreve). O desejo de incomodar o leitor, de preenchê-lo de incertezas e violentar sua percepção se manifestou na tentativa de construir uma via de desconforto que o leitor deve desbravar passo a passo na ponta dos pés, ou será reincidentemente golpeado a cada esquina do texto.

Por fim, com a sangria desta pesquisa, se apresentam materialmente essas e outras escolhas manifestadas enquanto obra, e seus resultados dentro e fora do texto. A realização do propósito manifesto de extremar uma investigação ao mesmo tempo política e poética fica patente não apenas nas operações formais elaboradas, mas principalmente no conteúdo – no compromisso rigoroso em cruelmente levar os questionamentos às últimas consequências, e instigar no leitor a mente e o coração para um desejo revolucionário. Sem medo de perfurar a carne, todo o arco desta pesquisa trepanada, do subcapítulo 3.1 ao 3.4, é uma temporada no inferno, não apenas pelas imagens que apresentam, mas principalmente por libertar os demônios que tema “transtorno mental na universidade” encerrava: “O incêndio e eu” é um fluxo de desconsciência que em 85 páginas atravessa e denuncia a negligência pandêmica, violência colonial, imperialismo e suas implicações hoje, o impacto do neoliberal nas instituições e nas subjetividades, suicídio, violência manicomial e os limites da psiquiatria e da psicologia diante das contradições históricas e estruturais do modo de produção capitalista. Não apenas sua

prática estética se mostra radical, insurgente, como sua conclusão teórica não poderia ser outra que a chamada para a ação – o tema e o motivo central do Manifesto Trepanatório, e de sua formulação enquanto publicação a ser distribuída.

Por fim, a experiência do sonho, e o desejo de irromper na mente desperta e borrar todos os limites se expressou não apenas na multiplicidade de linguagens, como intercâmbio constante da realidade material e da ficção para dar ao leitor o ampliado da visão: o uso extensivo de materiais jornalísticos se misturou à exploração de narrativas ficcionais (como o diálogo de Artaud no 3.3, escrito com base em suas entrevistas) e semifictionais (como na 3.4, em que fatos foram descritos como sonho e a narrativa foi descrita como fato); sem ficção essa baseada muito em relatos ouvidos pelo trepanador, e principalmente, em sua própria vivência. Amalgamou-se não apenas realidade e sonho, como também arte e vida, ao ponto do trepanador tornar-se trépano, ao experimentar, influenciado pela própria pesquisa, o abandono das intervenções médicas, para encontrar na potência do desejo de revolução uma terapêutica verdadeira – realizando, pelo menos nele mesmo, o propósito final do método trepanatório: a transformação social.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ABBOT Laboratórios do Brasil Ltda. **Luvox®**: Maleato de fluvoxamina (Bula). São Paulo: s. d. Disponível em: <<https://www.saudedireta.com.br/catinc/drugs/bulas/luvox.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2024.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo**. Tradução de Vinícios Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

_____. “O que é um dispositivo?”. Tradução de Nilcéia Valdati. **Outra travessia**, Santa Catarina, n. 5, jan. 2005, p. 9 - 16.

ALEGRE, Laura. “Brasil é o país mais ansioso do mundo”. **Jornal da USP**, 29 jul. 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-e-o-pais-mais-ansioso-do-mundo/>>. Acesso em 9 out. 2021.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. [1970] Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1992

_____. “A corrente subterrânea do materialismo aleatório (1982)”. **Crítica Marxista**, Campinas, v. 12, n. 20, 2005, p. 9 – 48.

AMERICAN Psychiatric Association. “Frequently Asked Questions”. **American Psychiatric Association**, s. d. Disponível em: <<https://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm/frequently-asked-questions/>>. Acesso em 5 jul. 2024.

ANDRÉ, Charles. “Evolving story: trepanation and self-trepanation to enhance brain function”. **Arquivos de neuro-psiquiatria**, v. 75, n. 5, mai. 2017, p. 307 – 313.

ANPG. “A pedido da ANPG, deputada apresenta PL dos direitos previdenciários dos pós-graduandos”. **ANPG**, 26 mar. 2024. Disponível em:

<<https://www.anpg.org.br/2024/03/a-pedido-da-anpg-deputada-apresenta-pl-dos-direitos-previdenciarios-dos-pos-graduandos/>>. Acesso em 07 jul. 2024.

_____. “Jornada de Lutas da ANPG Conquista de mil bolsas no sistema nacional de pós-graduação e passos importantes para garantir a cesta de direitos básicos para os pró-graduandos”. **ANPG**, 28 mar. 2024. Disponível em: <<https://www.anpg.org.br/2024/03/jornada-de-lutas-da-anpg-conquista-de-mil-bolsas-no-sistema-nacional-de-pos-graduacao-e-passos-importantes-para-garantir-a-cesta-de-direitos-basicos-para-os-pos-graduandos/>>. Acesso em 07 jul. 2024.

_____. “O pós-graduando e o trabalho invisível”. **ANPG**, 01 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.anpg.org.br/2020/05/o-pos-graduando-e-o-trabalho-invisivel/>>. Acesso em 07 jul. 2024.

ANTUNES, Jéssica. “UFRJ tem histórico de incêndios nos últimos anos”. **Agência Brasil**, 03 mar. 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/ufrj-tem-historico-de-incendios-nos-ultimos-anos>>. Acesso em 7 jul. 2024.

APUB. “Brasil forma mestres e doutores para desemprego”. **APUB** (portal), 17 mar. 2022. Disponível em: <<https://apub.org.br/brasil-forma-mestres-e-doutores-para-desemprego/>>. Acesso em 07 jul. 2024.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. [1951] Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARTAUD, Antonin. **Para acabar de vez com o juízo de deus seguido de o teatro da crueldade**. [1975] Tradução de Luiza Neto Jorge e Manuel João Gomes. 1ª ed. Portugal: Publicações Culturais Engrenagem, 1975.

_____. **Em plena noite ou o bluff surrealista**. Tradução de Paulo da Costa Domingos. 2ª Ed. Portugal: Frenesi, 2000.

_____. **O teatro e seu duplo**. [1938] Tradução de Mônica Stahel e Teixeira Coelho. 3ª ed. Editora Martins Fontes, 2006.

_____. **Van Gogh: o suicidado pela sociedade**. [1947] 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2017.

ASSESSORIA de Imprensa do HUCFF/UFRJ. “Nota sobre incêndio no Hospital Universitário”. **UFRJ** (portal), 05 mar. 2022. Disponível em: <<https://ufrj.br/2022/03/nota-sobre-incendio-no-hospital-universitario/>>. Acesso em 7 jul. 2024.

ASSESSORIA de Imprensa da Reitoria. “Museu Nacional pertence à UFRJ”. **UFRJ** (portal), 27 mar. 2021. Disponível em: <<https://ufrj.br/2021/03/museu-nacional-pertence-a-ufrj/>>. Acesso em 7 jul. 2024.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. [1949] Tradução de Paulo Neves. 1ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

BASAGLIA, Franco. **A instituição negada**. [1968] Tradução de Heloisa Jahn. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1991

BASAGLIA, Franco. “[Intervenção de] Franco Basaglia (1977)”. In: Pedro Henrique Antunes da (org.). **O marxismo e a loucura**. 1ª ed. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2023.

BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator**: dicionário de antropologia teatral. [1983] Tradução de Luís Otávio Burnier (sup.) *et al.* São Paulo-Campinas: Editora da HUCITEC; Editora da Unicamp, 1995.

BARRUCHO, Luis; BBC. “Museu Nacional: O mistério da múmia que ‘provocava transe’ nos anos 60 e foi consumida pelo fogo”. **G1**, 04 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/04/museu-nacional-o-misterio-da-mumia-que-provocava-transe-nos-anos-60-e-foi-consumida-pelo-fogo.ghtml>>. Acesso em 07 jul. 2024.

BATAILLE, Georges. **História do olho**. [1928] Tradução de Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BBC. “Zolpidem: os preocupantes efeitos colaterais do remédio que virou moda entre os jovens”. **G1**, 12 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/10/12/zolpidem-os-preocupantes-efeitos-colaterais-do-remedio-que-virou-moda-entre-os-jovens.ghtml>>. Acesso em 06 jul. 2024.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. [1936] Tradução de Gabriel Valladão Silva. São Paulo: Editora L&PM, 2014.

_____. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOECKEL, Cristina. “Alojamento estudantil da UFRJ pega fogo e estudantes ficam feridos”. **G1 Rio**, 02 ago. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/alajamento-estudantil-da-ufrj-pega-fogo-e-estudantes-ficam-feridos.ghtml>>. Acesso em 4 jul. 2024.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo.** [1999] Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BUCK-MORSS, Susan. “Estética e anestésica: O ‘Ensaio sobre a obra de arte’ de Walter Benjamin reconsiderado”. Tradução de Rafael Lopes Azize. **Travessia**, Santa Catarina, n. 33, 1996, p. 11- 41.

CAIMI, Cláudia Luíza. “A aparência e o jogo na arte e na literatura”. *In*: _____.; OLIVEIRA, Rejane Pivetta de (Org). **Sobre alguns temas em Walter Benjamin.** Porto Alegre: UniRitter, 2015, p. 147-163.

CARVALHO, Mariana Guimarães de; Duarte, Lidiane da Silva. “Sete anos do incêndio no antigo Prédio da Reitoria da UFRJ: causas, consequências e desafios”. Boletim nº 74. **IPPUR UFRJ**, 31 out. 2023. Disponível em: <<https://ippur.ufrj.br/sete-anos-do-incendio-no-antigo-predio-da-reitoria-da-ufrj-causas-consequencias-e-desafios/>>. Acesso em 4 jul. 2024.

CASTILHOS, Larissa Ximenes de; ESTEVES, Juliana Teixeira. “A duração do trabalho e os três espíritos do capitalismo”. **Revista Direito e Praxis**, Rio de Janeiro, n. 4, 2019, p. 2512- 2539.

CASTRO, Carolinne Cepa de; DIAS, Bruno Polycarpo Palmerim. **Laudo Pericial de Exame de Local de Incêndio.** Solicitação nº. 55/2016. Niterói: Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo.** [1955] Tradução de Noémia de Sousa. Portugal: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CHAPMAN, Leonora. “Los incas dominaban la cirugía del cráneo”. **Rádio Canadá Internacional**, 19 jun 2018. Disponível em: <<https://www.rcinet.ca/es/2018/06/19/los-incas-dominaban-la-cirurgia-del-craneo>>. Acesso em 9 ago. 2023.

COELHO, Teixeira. **Antonin Artaud**. [1938] 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

COLQUHOUN, Matt. “No More Miserable Monday Mornings” Tracklist. *In*: FISHER, Mark; _____. (ed.). **Postcapitalis Desire**. Reino Unido: Repeater Books, 2020. *E-book*.

CONEXÃO. “Ônibus da linha 485 tomba na Cidade Universitária”. **Conexão UFRJ**, 19 abr. 2007. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2007/04/onibus-da-linha-485-tomba-na-cidade-universitaria/>>. Acesso em 4 jul. 2024.

_____. “Volta às aulas na FAU e EBA é adiada para 9/11”. **Conexão UFRJ**, 4 nov. 2016. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2016/11/volta-as-aulas-na-fau-e-eba-e-adiada-para-9-11/>>. Acesso em 4 jul. 2024.

COOPER, David. “Reforma ou revolução em psiquiatria (1977)”. *In*: Pedro Henrique Antunes da (org.). **O marxismo e a loucura**. 1ª ed. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2023.

CORONAVÍRUS BRASIL. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br>>. Acesso em 9 ago. 2023.

CORREIA, Carol. “Rolé UFRJ #1: Palácio Universitário”. **Conexão UFRJ**, 5 mai. 2022. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2022/05/role-ufrj-1-palacio-universitario/>>. Acesso em 4 jul. 2024.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da (org.). **O marxismo e a loucura**. 1ª ed. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1**. [1972/1973] Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DINIZ, Guilherme Grané. “A questão da transgressão em Sade e Bataille”. **Pólemos**, Brasília, v. 6, n. 12, 2017.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. [1949] Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002a.

_____. **O sentido do filme.** [1947] Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002b.

ELI Lilly do Brasil Ltda. **Prozac®:** Cloridrato de fluoxetina (Bula). São Paulo: s. d. Disponível em: <https://assets.ctfassets.net/fhvti7ztpwfk/3cNhbJBABKK88ylcJwUM2V/e3e437f87fb39bba3de4f400d214e4a3/PROZAC_20mg_PAT_V02_20APR22_MTC.pdf>. Acesso em 06 jul. 2024.

EUROFARMA Laboratórios S.A. **Lamotrigina:** Bula para paciente. São Paulo: s. d. Disponível em: <<https://eurofarma.com.br/produtos/bulas/patient/pt/bula-lamotrigina.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2024.

FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade:** Escritos psiquiátricos. [2015] Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: UBU Editora, 2020.

_____. **Em defesa da Revolução Africana.** [1969] Tradução de Isabel Pascoal. Portugal: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

_____. **Os condenados da Terra.** [1961] Tradução de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** [1952] Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERREIRA, Ivanir. “Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia”. **Jornal da USP**, 09 fev. 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia/>>. Acesso em 31 mai. 2021.

FISCHER-LICHTE, Erika. **Estética de lo performativo.** [2004] Tradução de Diana Gonzáles Martín e David Martínez Perucha.; Espanha: Abada Editores, 2011.

FISHER, Mark. **Ghosts of my life: writings on depression, hauntology and lost futures.** Reino Unido: Zero Books, 2014. *E-book*.

_____. **Realismo Capitalista.** [2009] Tradução de Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. São Paulo: Editora Autonomia Literária, 2020.

_____.; AMBROSE, Darren (ed.). *K-punk: the collected and unpublished writings of Mark Fisher from 2004 - 2016*. Reino Unido: Repeater Books, 2018. *E-book*.

FOLHA de São Paulo. “Como é que é: por que o Brasil é o país mais ansioso do mundo?”. **Folha de São Paulo**, 12 fev. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aanVgeSXpTQ&ab_channel=FolhadeS.Paulo. Acesso em 31 mai. 2021.

FRANÇA, Victor. “UFRJ dobra número de estudantes atendidos pela Residência Estudantil”. **Conexão UFRJ**, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2023/04/ufrj-dobra-numero-de-estudantes-atendidos-pela-residencia-estudantil/>. Acesso em 4 jul. 2024.

_____. “UFRJ encerra 2022 com déficit de R\$94 milhões”. **Conexão UFRJ**, 29 dez. 2022. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/12/ufrj-encerra-2022-com-deficit-de-r-94-milhoes/>. Acesso em 4 jul. 2024.

G1. “Um em cada 16 pacientes da Covid-19 desenvolve doença mental até três meses após a infecção, aponta estudo”. **G1**, 18 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/18/um-em-cada-16-paciente-da-covid-19-desenvolve-doenca-mental-ate-tres-meses-apos-a-infeccao-aponta-estudo.ghtml/>. Acesso em 9 out. 2021.

G1 Rio. “UFRJ suspende atividades em prédio atingido por incêndio até sexta-feira”. **G1**, 04 out. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/10/ufrj-suspende-atividades-em-predio-atingido-por-incendio-ate-o-dia-7.html>. Acesso em 9 out. 2021.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. [2009] Tradução de Renato Cohen. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

GUÉRON, Rodrigo. “Filosofia política de Deleuze e Guattari: as relações com Marx”. **Lugar comum**, Rio de Janeiro, n. 37 - 38, dez. 2013, p. 159 - 172.

GUIMARÃES, Cleo. “Velho Oeste: campus da UFRJ tem gangue que faz assaltos montados em cavalos”. **Conexão UFRJ**, 16 dez. 2016. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/velho-oeste-campus-da-ufrj-tem-gangue-que-faz-assaltos-montados-em-cavalos.html>. Acesso em 4 jul. 2024.

GRANER, Karen Mendes; CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos. “Revisão Integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados”. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, abr. 2019, p. 1327 – 1346.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. [2010] Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

_____. **Sociedade paliativa**. [2020] Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

_____. **Topologia da violência**. [2011] Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HOWLETT, Adam. “Renowned writer and K-Punk blogger Mark Fisher from Felixstowe took own life after battle with depression”. **Ipswichstar**, 18 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.ipswichstar.co.uk/news/22060765.renowned-writer-k-punk-blogger-mark-fisher-felixstowe-took-life-battle-depression/>>. Acesso em 19 jun. 2023.

ICLE, Gilberto; HAAS, Marta. “Gesto decolonial como pedagogia: práticas teatrais no Brasil e no Peru”. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 36, nov./dez. 2019, p. 96 - 115.

INWOOD, Brad; GERSON, L. P. (eds.). **The Epicurus Reader: Selected Writings and Testimonia**. Tradução de _____; _____. EUA: Hackett Publishing Company Inc., 1994.

KONCHINSKI, Vinicius. “Universidades federais perdem 12% do orçamento durante governo Bolsonaro”. **Brasil de Fato**, 16 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/02/16/universidades-federais-perdem-12-do-orcamento-durante-governo-bolsonaro>>. Acesso em 23 jul. 2024.

LENIN, Vladimir. **Sobre as greves**. [1924] Tradução de Armênio Guedes, Zuleika Alambert e Luís Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1961. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1899/mes/greves.htm>>. Acesso em 04 de ago. 2023.

LIBBS Farmacêutica. **Reconter®**: Oxalato de escitalopram (Bula). São Paulo: s. d. Disponível em: <https://www.libbs.com.br/wp-content/uploads/2015/12/Reconter_Bula_Paciente-2.pdf>. Acesso em 06 jul. 2024.

LIMA, Dessayeve Távora. “A loucura na sociedade de classes”. *In*: COSTA, Pedro Henrique Antunes da (org.). **O marxismo e a loucura**. 1ª ed. São Paulo: Lavrapalavra Editorial, 2023.

LISBOA, Vinícius. “Bombeiros combatem incêndio no campus da Praia Vermelha da UFRJ”. **Extra**, 28 mar. 2011. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/bombeiros-combatem-incendio-no-campus-da-praia-vermelha-da-ufrj-1430207.html>>. Acesso em 4 jul. 2024.

LOSURDO, Frantz. “Uma análise crítica da relação entre liberalismo e democracia – Entrevista com Domenico Losurdo”. [Entrevista concedida a] Davide Giacobbo Scavo. **Revista Crítica Marxista**, n. 39, 2014, p. 173 – 183. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/entrevista2015_09_16_38_4563.pdf>. Acesso em 24 jan. 2023.

LUCCHESI, Roselma; SOUSA, Kamilla de; BONFIN, Sarah do Prado; VERA, Ivânia; SANTANA, Fabiana Ribeiro. “Prevalência de transtorno mental comum na atenção primária”. **Acta paulista de enfermagem**, v. 27, n. 3, São Paulo, mai./jun. 2014, p. 200 – 207.

LUCRÉCIO. “Da Natureza”. *In*: CIVITA, Victor (ed.). **Os Pensadores: Epicuro, Lucrécio, Sêneca, Marco Aurélio**. Tradução de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. 3ª ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1985.

_____. **Da Natureza das Coisas**. Tradução de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Portugal: Relógio D’Água Editores, 2015.

LUKÁCS, György. **Existencialismo ou marxismo**. [1948] Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

_____. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. [1923] Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

MACHADO, Arlindo. “Regimes de Imersão e Modos de Agenciamento”. **Anais do XXV Intercom**, Salvador, 1-5 de setembro de 2002. Disponível online em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9131a28436128d20687f11f8e2bf62e8.pdf>>. Acesso em 04/07/2024]

MAIA, Heribaldo. **Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades**. Recife: Ruptura Editora, 2022.

MARQUES, Jéssica. “As ruínas da UFRJ: estudo mostra que metade dos prédios da universidade precisa de obras”. **O GLOBO**, 11 mai. 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/05/11/as-ruinas-da-ufrj-estudo-mostra-que-metade-dos-predios-da-universidade-precisa-de-obras.ghtml/>>. Acesso em 4 jul. 2024.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro 1: O processo de produção do capital. [1867] Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

_____. “Teses sobre Feuerbach”. [1845] *In*: **Obras escolhidas de Marx e Engels**. Portugal: Editorial Avante, 1982, t. 1, p. 1 - 3. Disponível em: <<https://lisboa.pcp.pt/wp-content/uploads/2007/04/teses-fuerb.pdf>>. Acesso em 04 de ago. 2023.

MATIAS, Manuelle Maria Marques. “Suicídio de pós-graduando da UERJ levanta questões sobre saúde mental na pós-graduação”. **ANPG**, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.anpg.org.br/2017/12/suicidio-de-pos-graduando-da-uerj-levanta-questoes-sobre-saude-mental-na-pos-graduacao/>>. Acesso em 4 jul. 2024.

MBEMBE, Achilles. “Necropolítica”. Tradução de Renata Santini. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 20016, p. 123 - 151.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. [1999] Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade**. [1859] Tradução de Pedro Madeira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

MIRANDA, Isabela Maria de Oliveira; ZEURI, Eduarda; TANK, Karolina; BARBOSA, João Gabriel; FILHO, Nelson Antônio; REZENDE, Laura Ferreira. “Caracterização da ideação suicida em estudantes universitários”. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 16, n. 1, 2018, p. 1 – 8.

MONCRIEFF, Joanna; COOPER, Ruth E.; STOCKMANN, Tom; AMENDOLA, Simone; HENGARTNER, Michael P.; HOROWITZ, Mark A. “The serotonin theory of depression: a systematic umbrella review of the evidence”. **Molecular Psychiatry**, v. 28, n. 8, 2023, p. 3243 - 3256.

MORAES, Eliane Robert. “Um olho sem rosto”. In: BATAILLE, Georges. **História do olho**. [1928] Tradução de Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MORFINO, Vittorio. “Capítulo II: um ou dois materialismos aleatórios?”. Tradução de Juliana Miraldi e Diego Lanciote. In: MASCARO, Alysson Leandro; _____. **Althusser e o materialismo aleatório**. São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 39 – 70.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**: Ensaio de antropologia sociológica. [1956] Tradução de Luciano Loprete. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

MOURA, Clóvis. “O racismo como arma ideológica de dominação”. **Revista Princípios**, São Paulo, n. 34, ago./set./out. 1994, p. 28 - 38. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/revistas/principios/pdf/034.pdf>>. Acesso em 24 jan. 2023.

MUSEU Nacional. **Portal do Museu Nacional**. Disponível em: <<https://www.museunacional.ufrj.br/>>. Acesso em 9 out. 2021.

NASCIMENTO, Evandro. “Artes pensantes e incomparáveis”. **Celeuma**, São Paulo, v. 2, n. 3, dez. 2013, p. 31 - 65.

NETO, Lauro. “Prédio da UFRJ em que teto caiu é reaberto parcialmente para aulas na Praia Vermelha”. **Extra**, 28 abr. 2011. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/educacao/predio-da-ufrj-em-que-teto-caiu-reaberto-parcialmente-para-aulas-na-praia-vermelha-1688000.html>>. Acesso em 4 jul. 2024.

NÚCLEO de Acolhida ao Estudante. **Projeto UERJ pela VIDA: Uma proposta de humanização da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ, s. d. Disponível em: <http://www.uerjelavida.uerj.br/wp-content/uploads/folder_nace.pdf>. Acesso em 4 jul. 2024.

O DIA. “UFRJ tem princípio de incêndio no Centro de Tecnologia”. **O DIA**, 03 out. 2022. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2022/10/6498464-ufrj-tem-principio-de-incendio-no-centro-de-tecnologia.html>>. Acesso em 7 jul. 2024.

O GLOBO. “Contratos com fornecedores foram destruídos em incêndio na UFRJ”. **O Globo**, 05 out. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/contratos-com-fornecedores-foram-destruidos-em-incendio-na-ufrj-20241324>>. Acesso em 4 jul. 2024.

_____. “Relembre outros incêndios que atingiram prédios da UFRJ”. **O Globo**, 20 abr. 2021. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/rio/relembre-outros-incendios-que-atingiram-predios-da-ufrj-24979673>>. Acesso em 4 jul. 2024.

OLIVEIRA, Dennis. “A violência estrutural na América Latina na lógica do sistema da necropolítica e da colonialidade do poder”. **Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 2, jan./jun. 2018, p. 39 - 57.

OLIVEIRA, Nielmar de. “Risco de incêndio no Museu Nacional foi denunciado há 14 anos”. **Agência Brasil**, 03 set. 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/risco-de-incendio-no-museu-nacional-foi-denunciado-ha-14-anos>>. Acesso em 4 jul. 2024.

OLIVEIRA JÚNIOR, Paulo Cavalcante de. **Negócios de Trapaça: Caminhos e descaminhos na América Portuguesa (1700 – 1750)**. 2002. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002. 2 v. il.

ORTEGA, Francisco. “O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade”. **Mana**, v. 14, n. 2, 2008, p. 477 – 509.

_____.; ZORZANELLI, Rafaela. “Cultura somática, neurociências e subjetividade contemporânea”. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 23, 2011, p. 30 – 36.

PAIXÃO, Mayara. “Brasil lidera índices de ansiedade e depressão durante pandemia”. **Folha de São Paulo**, 12 fev. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/amp/seminariosfolha/2021/02/brasil-lidera-indices-de-ansiedade-e-depressao-durante-pandemia-aponta-levantamento.shtml>>. Acesso em 31 mai. 2021.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo hereje**. [1972] Tradução de Miguel Serras Pereira. Portugal: Assírio e Alvim Cooperativa Editora e Livreira, 1982.

PASSOS, Leticia. “Pesquisa mostra que 86% dos brasileiros têm algum transtorno mental”. **Revista Veja**, 31 jul. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/pesquisa-indica-que-86-dos-brasileiros-tem-algum-transtorno-mental/>>. Acesso em 9 out. 2021.

PESSOA, Carolina. “Cinco anos após incêndio, Museu no Rio busca restauração e modernidade”. **Agência Brasil**, 02 set. 2023. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/cinco-anos-apos-incendio-museu-no-rio-busca-restauracao-e-modernidade>>. Acesso em 07 jul. 2024.

PIVETTA, Marcos. “O último ato da favorita do imperador”. **Revista Pesquisa FAPESP**, edição 215 jan. 2014. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/o-ultimo-ato-da-favorita-imperador/>>. Acesso em 07 jul. 2024.

_____. “Pré-história em pedaços”. **Revista Pesquisa FAPESP**, edição 272 out. 2018. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/pre-historia-em-pedacos/>>. Acesso em 07 jul. 2024.

PORTAL Gov.br. “Lula reajusta bolsas de estudo e pesquisa e reforça: ‘Educação é o melhor investimento’”. **Portal Gov.br**, 17 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2023/02/lula-reajusta-bolsas-de-estudo-e-pesquisa-e-reforca-201ceducacao-e-o-melhor-investimento201d>>. Acesso em 07 jul. 2024.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

_____. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **O espaço das palavras – de Mallarmé a Broodthaers**. [2005] Tradução de Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020.

RESENDE, Marina Silveira de; PONTES, Samira.; CALAZANS, Roberto. “O DMS-5 e suas implicações no processo de medicalização da existência”. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, dez. 2015, p. 534 – 546.

RIBEIRO, Wagner Silva; MARI, Jair de Jesus; QUINTANA, Maria Inês; DEWEY, Michael E.; EVANS-LACKO, Sara; VILETE, Liliane Maria Pereira; Figueira, Ivan; BRESSAN, Rodrigo Affonseca; MELLO, Marcelo Feijó de; PRINCE, Martin; FERRI, Cleusa P.; COUTINHO, Evandro Silva Freira; ANDREOLI, Sérgio Baxter. “The impact of epidemic violence on the prevalence of psychiatric disorders in São Paulo and Rio de Janeiro, Brazil”. **PLOS ONE**, v. 8, n. 5, mai. 2013.

RJ1. “Incêndio atinge prédio da UFRJ na Ilha do Fundão”. **G1**, 05 abr. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/05/incendio-atinge-predio-da-ufjr-na-ilha-do-fundao.ghtml>>. Acesso em 7 jul. 2024.

RODRIGUES, Léo. “Museu Nacional revela achados na Antártica em 1ª mostra pós-incêndio”. **Agência Brasil**, 16 jan. 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-01/museu-nacional-revela-achados-na-antartica-em-1a-mostra-pos-incendio>>. Acesso em 07 jul. 2024.

ROSCOE, Beatriz; SOARES, Ingrid. “Desemprego entre mestres e doutores no Brasil chega a 25%”. **Correio Braziliense**, 10 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/10/interna-brasil,741968/desemprego-entre-mestres-e-doutores-no-brasil-chega-a-25.shtml>>. Acesso em 07 jul. 2024.

ROXBY, Philippa. “Psiquiatras alertam para 'tsunami' de problemas de saúde mental na pandemia”. **UOL**, 17 mai. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/05/17/psiquiatras-alertam-para-tsunami-de-problemas-de-saude-mental-na-pandemia.htm/>>. Acesso em 9 out. 2021.

SAAD FILHO, Alfredo. “Neoliberalismo: uma análise marxista”. **Marx e o Marxismo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, jan./jun. 2015, p. 58 – 72.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. [2006] Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SANTOS, Lúcia Grossi dos. “A experiência surrealista da linguagem: Breton e a psicanálise”. **Ágora**, v. V, n. 2, jul./dez. 2002, p. 229 - 247.

SAROLDI, Nina. **O mal-estar na civilização: as obrigações do desejo na era da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SENA, Victor. “Transtornos mentais causaram mais afastamentos no trabalho que covid”. **Revista Exame**, 05 ago. 2021. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/transtornos-mentais-afastamentos-trabalho-covid/>>. Acesso em 09 out. 2021.

SILVEIRA, Daniel. “Incêndio que destruiu Museu Nacional começou no ar-condicionado do auditório, diz laudo da PF”. **G1**, 04 abr. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/04/policia-federal-divulga-laudo-de-incendio-que-destruiu-o-museu-nacional-no-rio.ghtml>>. Acesso em 4 jul. 2024.

SINTUFRJ. “Situação orçamentária da UFRJ é crítica”. **Sintufrj** (portal), 26 jan. 2024. Disponível em: <<https://sintufrj.org.br/2024/01/situacao-orcamentaria-da-ufrj-e-critica/>>. Acesso em 4 jul. 2024.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. [2000] Tradução de Fernando Mascarello. Campinas: Papyrus Editora, 2003.

TOSQUELLES, François.; SANTOS, Anderson (org.) **Uma política da loucura e outros textos**. [2015] Tradução de Anderson Santos. São Paulo: UBU Editora, 2024.

TV Globo. “Incêndio atinge prédio da reitoria da UFRJ no Fundão”. **G1**, 20 abr. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/20/incendio-atinge-predio-da-reitoria-da-ufrj-no-fundao.ghtml>>. Acesso em 06 jul. 2024.

TUBINO, Carmela de Lima. “**Antes de tudo é somente voz**”: escrituras do grito em **Antonin Artaud**. 2017. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Instituto de Psicologia da Universidade do Rio Grande do Sul, 2017.

Van Gogh Museum. “The last days of Vincent van Gogh”. **Van Gogh Museum**, s. d. Disponível em: <<https://www.vangoghmuseum.nl/en/art-and-stories/stories/the-last-days-of-vincent-van-gogh>>. Acesso em 19 jun. 2023.

_____. “Van Gogh’s Death”. **Van Gogh Museum**, s. d. Disponível em: <<https://www.vangoghmuseum.nl/en/art-and-stories/stories/all-stories/vincent-death>>. Acesso em 19 jun. 2023.

VIDAL, Fernando. “O sujeito cerebral: um esboço histórico e conceitual”. **Polis e Psique**, v. 1.1, n. 1, 2011, p. 169 – 190.

VIEIRA, Vera Maria Sérgio de Abreu; TORRENTÉ, Mônica de Oliveira Nunes de. “Mental health and intersectionality among students from a Brazilian public university”. **Interface**, Botucatu, n. 26, 2022.

VIEIRA, Yan Nery. **Cenas de uma noite triste**. 2018. Monografia (Graduação). Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

ZIEGLER, Maria Fernanda. “Maioria dos que sobrevivem à Covid-19 grave apresenta sintomas prolongados”. **Veja Saúde**, 18 jun. 2021. Disponível em:

<<https://saude.abril.com.br/medicina/maioria-dos-que-sobrevivem-a-covid-19-grave-apresenta-sintomas-prolongados/>>. Acesso em 09 out. 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. [2006] Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VIDEOGRÁFICAS

METEMPSICOSE. Direção: Yan Nery Vieira. Brasil: 2023. Disponível em: <<https://vimeo.com/796812933>>. Acesso em 22 jul. 2024.

PRÁXIS Revolucionária Brasileira. Direção: Yan Nery Vieira. Brasil: 2021. Disponível em: <<https://vimeo.com/639043817>>. Acesso em 03 jul. 2024.

WAVELENGTH. Direção: Michael Snow. Canadá, EUA: 1967. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zyjuZs7EQqI>>. Acesso em 03 jul. 2024.